



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MATHEUS HENRIQUE MARQUES SUSSAI

**HISTÓRIA E CIBERCULTURA:**  
OS “REVOLTADOS ON LINE” E AS SUAS MANIFESTAÇÕES E  
IDEIAS DO GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO (JULHO A  
DEZEMBRO DE 2014)

MATHEUS HENRIQUE MARQUES SUSSAI

**HISTÓRIA E CIBERCULTURA:**  
OS “REVOLTADOS ON LINE” E AS SUAS MANIFESTAÇÕES E  
IDEIAS DO GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO (JULHO A  
DEZEMBRO DE 2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Elisa Teté Ramos

Londrina  
2017

MATHEUS HENRIQUE MARQUES SUSSAI

**HISTÓRIA E CIBERCULTURA:**

OS “REVOLTADOS ON LINE” E AS SUAS MANIFESTAÇÕES E IDEIAS  
DO GOVERNO FEDERAL BRASILEIRO (JULHO A DEZEMBRO DE 2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade Estadual  
de Londrina, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciatura em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Elisa Teté Ramos  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene Rosa Cainelli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Sussai, Matheus Henrique Marques.

História e Cibercultura : os "Revoltados ON LINE" e as suas manifestações e ideias do governo federal brasileiro (julho a dezembro de 2014) / Matheus Henrique Marques Sussai. - Londrina, 2017.  
97 f. : il.

Orientador: Márcia Elisa Teté Ramos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Graduação em História, 2017.  
Inclui bibliografia.

1. História do Tempo Presente - TCC. 2. Cibercultura - TCC. 3. Redes sociais online - TCC. 4. Política - TCC. I. Ramos, Márcia Elisa Teté. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Graduação em História. III. Título.

*Dedico este trabalho ao meu irmão, Lucas Marques Sussai, e aos meus pais, Maria Aparecida Marques Sussai e Claudenir Sussai, por toda a vida que tivemos juntos, por todo o amor, a amizade e o carinho que compartilhamos até aqui.*

*Dedico também ao meu querido amigo Felipe Viotto da Silva, que nesses anos me mostrou a beleza e a simplicidade de uma sincera amizade.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão, por todo o apoio que tive nesses anos, mas principalmente pelo amor que compartilhei com eles.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Elisa Teté Ramos, não só pela constante orientação neste trabalho, todos os conselhos, as conversas, mas também pela sua amizade.

Agradeço à minha primeira orientadora de iniciação científica, Profa. Dra. Zueleide Casagrande de Paula, por tudo que me ensinou não só sobre a História e a Academia, mas sobre a vida. Guardarei para sempre um enorme carinho por você, Zueleide.

Aos amigos da vida e aos colegas de sala, dos quais alguns se mostraram grandes amigos que pretendo preservar em minha vida, agradeço por tudo que passamos juntos, todas as provas, as aulas, os trabalhos, e as noitadas boêmias.

Agradeço aos amigos mais antigos, que me viram crescer e a amizade se renova a cada ano; mas também aos novos, às pessoas que chegam em nossa vida e em pouco tempo viram ela de cabeça para baixo.

Agradeço ao Gabriel Faria Soares Pinto não só pela ajuda com o pouco inglês presente neste trabalho, mas principalmente pela amizade de muitos anos. Pelas conversas, pela música, as risadas, as cachoeiras, as bebedeiras e afins. Obrigado por tudo, meu querido amigo.

Agradeço à professora Marlene Rosa Cainelli e ao professor Rivail Carvalho Rolim, por aceitarem o convite de participar da banca do nosso trabalho e pelas contribuições que os dois professores me proporcionaram ao longo da graduação.

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, para a produção deste trabalho.

*“Minha terra tem panelas, que pararam de soar, os patos, que aqui gorjeiam, já não fazem mais quá quá”.*

Maurício Simionato

SUSSAI, Matheus Henrique Marques. **História e Cibercultura**: os “Revoltados ON LINE” e as suas manifestações e ideias do governo federal brasileiro (julho a dezembro de 2014). 2017. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## RESUMO

Nos últimos anos, as redes sociais online ganharam uma enorme difusão em números de participantes, e vários tipos de atividades vem sendo realizadas nesses ambientes virtuais. Apresenta-se aqui os resultados finais de uma pesquisa de História que teve o objetivo de compreender os argumentos utilizados por uma comunidade virtual online da plataforma *Facebook*, apresentando o nome de “Revoltados ON LINE”. Tal comunidade, que possui aproximadamente 1.500.000 curtidores, foi muito acessada pelos usuários da rede social, e no ano de 2014 ganhou certa repercussão devido às suas manifestações contra o governo federal brasileiro vigente na época (Dilma Rousseff – PT). A partir das manifestações da página e o respaldo que encontrou com seus seguidores, a comunidade cresceu, tornando-se um forte movimento político que formava e difundia informações para um cenário nacional de seguidores. Ali se elaboravam e divulgavam ideias sobre o governo, sobre temas históricos, posições e opiniões políticas, das quais se mostraram uma importante fonte para o estudo da História do Tempo Presente. Buscou-se assim, discutir o ciberespaço (e a cibercultura) enquanto fontes para o historiador, e investigar as manifestações e as ideias difundidas pelos “Revoltados ON LINE” no *Facebook* durante o segundo semestre de 2014, momento em que cresceram nacionalmente. Através da netnografia, metodologia que embasa o levantamento das noções, das representações e das práticas dos sujeitos na internet (KOZINETS, 2014), buscou-se agrupar as ideias e manifestações que o grupo difundiu sobre o governo federal petista na forma de discursos-síntese (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012), para melhor compreendê-las. Por ora, podemos considerar que o ciberespaço se mostrou um acervo para pesquisas de História; e que os “Revoltados ON LINE” se manifestaram contra a maioria das medidas tomadas pelos governos petistas (pois também haviam críticas ao governo Lula), expondo muitas defesas à Ditadura Militar, comparações de Dilma com outros personagens históricos, noções de um Brasil socialista, pertencente a uma suposta ditadura socialista que o PT havia instaurado no país. Também foram presenciados muitos discursos de ódio disfarçados de opiniões, e alguns estão inseridos neste trabalho. O estudo desta comunidade virtual nos mostra como circulam algumas ideias políticas na sociedade, que são muitas vezes relacionadas à certos saberes históricos para além do conhecimento especializado. Desta forma, pode-se afirmar que as redes sociais também são importantes para a formação e/ou divulgação de uma cultura política e conseqüentemente da História Pública.

**Palavras-chave:** História do Tempo Presente. *Facebook*. “Revoltados ON LINE”. Ciberespaço. Comunidades virtuais.

SUSSAI, Matheus Henrique Marques. **History and Cyberculture:** the “Revoltados ON LINE” and its manifestations and ideas of the Brazilian federal government (July to December 2014). 2017. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## ABSTRACT

In recent years, online social networks have gained a huge spread in numbers of participants, and various types of activities have been conducted in these virtual environments. The final results here presented are a history research that aimed to understand the arguments used by an online virtual community of Facebook platform, under the name of “Revoltados ON LINE”. This community, which has approximately 1,500,000 followers, was widely accessed by users of the social network, and in 2014 achieved such a repercussion due to its manifestations against the Brazilian federal government in force at the time (Dilma Rousseff - PT). From the manifestations of the page and the support it found with its followers, the community grew, becoming a strong political movement that formed and spread information for a national scenario of followers. There, ideas about government were elaborated and disseminated on historical themes, positions and political opinions, which proved to be an important source for the study of the History of Present Time. Thus, it was sought to discuss cyberspace (and cyberculture) as sources for the historian, and investigate the manifestations and ideas disseminated by “Revoltados ON LINE” on Facebook during the second half of 2014, when it grew up nationally. Through the netnography, methodology that bases the survey of the ideas, the representations and the practices of the subjects in the Internet (KOZINETS, 2014), it was sought to group the ideas and manifestations which the group diffused about the federal government in the form of discourses-synthesis (LEFEVRE and LEFEVRE, 2012), to better understand them. For now, we can consider that cyberspace has proved to be a collection for historical research; and that “Revoltados ON LINE” demonstrated against most of the measures taken by the PT governments (because there were also criticisms of the Lula government), exposing many defenses to the Military Dictatorship, comparisons of Dilma with other historical figures, ideas of a socialist Brazil, belonging to an alleged socialist dictatorship that the PT had established in the country. Many hate speeches disguised as opinions have also been witnessed, and some are included in this paper. The study of this virtual community shows us how some political ideas circulate in society, which are often related to certain historical knowledge beyond specialized knowledge. In this way, it can be affirmed that social networks are also important for the formation and / or dissemination of a political culture and consequently of Public History.

**Keywords:** History of Present Time. Facebook. “Revoltados ON LINE”. Cyberspace. Virtual communities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Gráfico 01 .....	53
<b>Figura 2</b> – Gráfico 02 .....	55
<b>Figura 3</b> – Gráfico 03 .....	58
<b>Figura 4</b> – Gráfico 04 .....	61
<b>Figura 5</b> – Gráfico 05 .....	63
<b>Figura 6</b> – Gráfico 06 .....	66
<b>Figura 7</b> – Gráfico 07 .....	69
<b>Figura 8</b> – Gráfico 08 .....	73
<b>Figura 9</b> – Gráfico 09 .....	77
<b>Figura 10</b> – Gráfico 10 .....	82
<b>Figura 11</b> – Gráfico 11 .....	88

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Dados das publicações analisadas.....	49
---------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – O MATERIAL DO FACEBOOK COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE</b> .....	19
1.1. A História do Tempo Presente .....	19
1.2. As fontes virtuais do <i>Facebook</i> .....	26
<b>CAPÍTULO 2 – OS “REVOLTADOS ON LINE” E A METODOLOGIA DE PESQUISA: A NETNOGRAFIA E O DISCURSO-SÍNTESE EM UM ESTUDO DE HISTÓRIA</b> .....	36
2.1. Os “Revoltados ON LINE” imersos nas discussões sobre política nacional no <i>Facebook</i> .....	36
2.2. A Netnografia e o Discurso do Sujeito Coletivo .....	46
<b>CAPÍTULO 3 – A ANÁLISE DAS IDEIAS E MANIFESTAÇÕES SOBRE O GOVERNO FEDERAL A PARTIR DAS PUBLICAÇÕES E DOS COMENTÁRIOS</b> .....	51
3.1. As manifestações e ideias dos “Revoltados ON LINE” antes das eleições de 2014 .....	52
3.2. Período entre o primeiro turno (05 de outubro) e o segundo turno (26 de outubro) .....	55
3.3. Publicações pós-eleição do segundo turno (26 de outubro de 2014) .....	65
3.4. Os argumentos políticos, os históricos, e os insultos .....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>FONTE</b> .....	95
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>SITES</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

Vivemos um período bastante interessante para a História do Brasil. Um momento onde o contexto político se encontra com muitas turbulências, acontecimentos marcantes, divergências de opiniões extremas, manifestações, indignações, e tantos outros fatores que fazem o ambiente político esse mar de discussões. Essas divisões de opinião sobre a política nacional, discussões, e até brigas, não acontecem apenas com os políticos do nosso país, mas também no cotidiano da maioria dos brasileiros. É no dia-a-dia que se estabelecem as relações sociais onde as pessoas discutem política, mostram as suas opiniões e confrontam com debates as opiniões contrárias.

No momento em que começamos esta pesquisa, um governo de esquerda estava na presidência do país há 13 anos. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi aprovada pela Câmara dos Deputados, e posteriormente, pelo Senado brasileiro, um processo de *impeachment*<sup>1</sup> da presidente eleita democraticamente em 2014. Para mostrar como a História do Tempo Presente é interessantíssima, cabe dizer que terminamos o trabalho no governo do antigo ex-presidente, e agora atual, Michel Temer (PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro). O *impeachment* ocorreu no dia 31 de agosto de 2016, mas até essa data teve um caminho longo e interessante, principalmente nas redes sociais online, pois estas foram palco de muitas discussões sobre política contemporânea, sobre História, ideologias, e até mesmo paixões, pois essas são algumas de muitas outras temáticas que sempre aparecem quando o assunto é política. Esse governo teve início com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), no dia 1 de janeiro de 2003. Após os dois mandatos seguidos de Fernando Henrique Cardoso na presidência, pertencente ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), entre 1995 e 2002, o Brasil passou por dois governos do novo presidente eleito (2003-2006 e 2007-2010). Nas eleições de 2010, após dois mandatos do governo do PT, este continuou no poder com uma nova representante do partido, eleita democraticamente, Dilma Rousseff. Seu mandato teve início em 2011 e nas eleições de 2014, ela foi reeleita.

A história recente do Brasil, falando especificamente após a reeleição da presidente Dilma Rousseff, se mostrou cheia de discussões e divergência de opiniões sobre política. A sociedade se mostrou muito presente e ativa nesses debates, havendo inclusive manifestações

---

<sup>1</sup> Processo instaurado com base em denúncia de crime de responsabilidade contra alta autoridade do poder executivo (p.ex., presidente da República, governadores, prefeitos) ou do poder judiciário (p.ex., ministros do S.T.F.), cuja sentença é da alçada do poder legislativo.

de rua. Uma característica em que o momento convida a uma maior percepção e compreensão sobre política, um maior interesse, muitas pessoas buscaram (e ainda buscam) se informar em um lugar cada vez mais frequentado nos últimos anos: a Internet.

As críticas ao governo de Dilma Rousseff sempre existiram, mas foram ao longo dos últimos dois anos que elas se acentuaram em um espaço diferente. Nesse momento onde se destacam os pedidos de *impeachment*, intervenção militar, um discurso de guerra ao comunismo, entre outros temas que aparecem correntemente nos assuntos do cotidiano, como o Historiador pode tomar posição para estudar tal momento? Vimos várias manifestações de rua ao longo dos últimos anos, não só no Brasil. Mas a rua como um local de luta não é algo inédito, diferente do espaço virtual, que nos últimos anos se mostrou um ambiente propício para se manifestar e organizar essas manifestações, discutir assuntos sobre política, religião, esporte, lazer, entre outros.

Para falar desse espaço virtual como um lugar de lutas políticas, das manifestações, temos como exemplo os acontecimentos que foram denominados de “Primavera Árabe”, ocorridos no Oriente Médio. Estes eclodiram principalmente em 2011, onde os manifestantes de vários países dessa região se organizaram por redes sociais online (principalmente o *Twitter* e o *Facebook*), e se manifestavam contra as ditaduras em que viviam. O que ocorreu foi uma onda de manifestações e difusão da informação para a população, e conseqüentemente, renúncias de muitos ditadores. Foi essa “[...] propagação de informações sobre as revoltas em países islâmicos, como Tunísia, Egito, Síria, Iêmen, Barein e Líbia, que ficaram mundialmente conhecidas como a ‘Primavera Árabe’” (GOMES et al, 2011, p. 03).

Sobre a importância do *Facebook*<sup>2</sup> e do *Twitter*<sup>3</sup> nessas manifestações, estes tiveram funções diferentes. Enquanto o primeiro fazia com que os manifestantes conseguissem reunir apoiadores da causa, “[...] o *Twitter* informava ao mundo inteiro o que acontecia naquele país,

---

<sup>2</sup> *Facebook* é uma rede social lançada em 2004, fundado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por *face* (que significa face também em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de *facebook* pode ser "livro de caras". O *Facebook* é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo *banners* e grupos patrocinados. Por se tratar especificamente da nossa fonte, traremos mais detalhes sobre o *Facebook* no segundo capítulo deste trabalho. Disponível em <<http://www.significados.com.br/facebook/>>. Acesso em 16 de abril de 2016.

<sup>3</sup> *Twitter* é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como *tweets*, e podem ser enviados por meio do website do serviço, por SMS, por aplicativos específicos do *Twitter* para smartphones, *tablets* e etc. A palavra inglesa *tweet* significa “pio de passarinhos”, simbolizando os vários “pios” (pequenas mensagens) que se acumulam na *timeline* do *Twitter*. A partir deste conceito, foi desenvolvido também o logótipo da rede social: um pássaro azul, que representa justamente a comunicação por meio de *tweets*, ou seja, “pios”. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que estejam seguindo a pessoa de seu interesse para recebê-las. Disponível em <<http://www.significados.com.br/twitter/>>. Acesso em 16 de maio de 2016.

mesmo com inúmeras tentativas de censura e isolamento por parte do governo” (GOMES et al, 2011, p. 04). Contudo, o que nos importa estudar aqui é o *Facebook* devido à natureza deste como fonte, ou seja, sua função de reunir membros de uma mesma causa, em comunidades de interação entre os pares, por vezes com a inserção de críticos, diferente do *Twitter*. Vamos discutir logo mais essas redes sociais, e principalmente o *Facebook* enquanto uma fonte para o estudo da História do Tempo Presente (HTP).

O “Revoltados ON LINE” é uma página da rede social online *Facebook*, criada em 01 de agosto de 2010 para se manifestar contra o governo federal. Como veremos neste trabalho, a página irá se tornar um grupo relevante para o cenário político nacional brasileiro em 2014. No período eleitoral brasileiro, a página vai ganhar muita circulação e participação dos usuários dessa rede social online, que vão discutir política, opinar, se manifestar e também se formar e informar em páginas como o “Revoltados ON LINE”. Isso se tornará uma característica da população brasileira, que devido aos ocorridos, buscou se informar mais sobre política nos últimos anos, e páginas como essas foram umas das suas principais fontes de notícias. Assim, surgiram várias páginas, e muitas ganharam força e se tornaram comunidades independentes como se mostra o “Revoltados ON LINE”, no qual existe um grupo de pessoas que administram a página e fazem com que ela permaneça na “ativa” cotidianamente (publicando as notícias com o seu viés interpretativo, com as suas opiniões; se manifestando; postando fotos e vídeos das manifestações; organizando passeatas de rua contra o governo petista, entre outros).

Mencionamos a palavra “ativa” entre aspas justamente porque a página se torna uma comunidade que se exterioriza para fora do *Facebook*, e podemos dizer até que do ambiente virtual como um todo. O grupo também possui cadastros em várias outras redes sociais, e atuam fortemente também em outros meios do espaço virtual. Para se estudar a contemporaneidade, encontramos vários empecilhos, mas que também nos mostram como a História se constrói e nos faz pensar enfaticamente no ofício do historiador. “Ativa” entre aspas também se refere ao fato de que a página “Revoltados ON LINE”, no momento em que concluímos este trabalho, não está mais ativa na rede social *Facebook*. A comunidade online foi bloqueada no dia 28 de agosto de 2016, dois dias antes da aprovação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff pelo Senado Federal brasileiro. As causas do bloqueio permanecem sigilosas, sendo que o *Facebook* apenas declara que a página não possuía conteúdos que combinavam com a função da rede social. Desta maneira, o “Revoltados ON

LINE” passou a atuar mais nas redes sociais do *Twitter* e também em um canal de vídeos do *YouTube*<sup>4</sup>.

Temos um enorme aumento da participação popular em assuntos políticos em 2014, e isto se estende até o presente momento. Essa parcela da população que resolveu opinar em assuntos de política fez isso principalmente por causa da internet e dos seus cada vez mais novos instrumentos de relação social. Devido às turbulências ocorridas na História recente do Brasil, desde manifestações de rua organizadas por páginas como essa, ascensão de ideologias políticas voltadas para a extrema direita (defendendo políticos que fazem apologia à Ditadura Brasileira), discursos de guerra ao comunismo (ou às suas próprias noções do termo), até a aprovação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff (que pela nossa leitura, teve total influência dessas páginas de direita), é que resolvemos estudar uma dessas páginas que se dedicou a manifestar-se contra o governo federal, publicando e atuando online das mais variadas formas, utilizando-se de vários tipos de mídia (característica da internet contemporânea). São nesses tempos interessantes, cheios de paixões e radicalidades políticas, que objetivamos colaborar com a História do Tempo Presente, discutindo-a juntamente com a “cibercultura” e o “ciberespaço” (termos que serão esclarecidos no texto) como fontes para o estudo da História, e também compreender as manifestações dessa página de extrema direita contra o governo federal brasileiro durante o segundo semestre do ano de 2014.

Essas páginas, e no caso da nossa fonte, o “Revoltados ON LINE”, tiveram uma relevante influência no que se ocorreu ao longo desses anos no cenário político brasileiro. Hoje temos candidatos lançados (e eleitos) por essas páginas. O “Revoltados ON LINE” que já teve o objetivo de retirar a presidente Dilma Rousseff do poder, e conseguiu influenciar muito nisso, agora defende a bandeira de que o ex-presidente Lula deve ser preso. Ignorar essas manifestações de opinião que ganham cada vez mais respaldo em certa parcela da população é, sobretudo, desconsiderar uma fonte significativa para a Ciência da História. Podemos dar como exemplo a votação da Câmara dos Deputados no momento em que esta aprovava a continuidade do processo de *impeachment* para o Senado. Muitas paixões e opiniões pessoais afloraram em um momento que faltou discurso político, e o deputado federal Sóstenes Cavalcante, do Rio de Janeiro, representante do partido DEM (Democratas),

---

<sup>4</sup> O termo vem do inglês “*you*” que significa “você” e “*tube*” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”. Portanto, o significado do termo “youtube” poderia ser “**você transmite**” ou “**canal feito por você**”. A ideia é idêntica à da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários, onde podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas. No YouTube, os vídeos estão disponíveis para qualquer pessoa que queira assistir. Também é possível adicionar comentários sobre o vídeo. Disponível em <<https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso em 29 de novembro de 2016.

ao votar “sim” pelo *impeachment*, disse que votava “[...] pelos evangélicos do meu Estado; pelos movimentos sociais, Movimento Brasil Livre - MBL, Vem Pra Rua, Revoltados Online e todos os outros que ocuparam as ruas deste País”<sup>5</sup> (CAVALCANTE, 2016). Vemos a menção ao grupo que nos objetivamos a estudar, e também percebemos com este exemplo o tamanho da repercussão que um grupo criado em 2010 para se manifestar politicamente, conseguiu nos momentos finais de 2014, tendo total influência na formação política e histórica de muitos usuários brasileiros do *Facebook*.

Esses são alguns dos motivos que nos levaram olhar para o ciberespaço, e principalmente para as páginas do *Facebook*, como documentos para o estudo da História, e não só a do tempo presente, como é o nosso caso. No ciberespaço podemos encontrar fontes para o estudo de diversas disciplinas científicas, e para nós, dentro do campo da Ciência da História, as fontes disponíveis não são apenas as contemporâneas (das quais nos dispomos a analisar), pois também é possível de serem encontradas as fontes das épocas mais diversas, mudando apenas o suporte de acesso e a plataforma em que estas se encontram. Na internet podemos ter acesso a poesias desde a Roma Antiga até à Ditadura Militar Brasileira, pinturas medievais ligadas à Igreja Católica, fotografias do século XX durante a Segunda Guerra Mundial, e muito mais. Por isso, demos atenção a esses movimentos sociais que surgiram nos anos recentes e ganharam repercussão em 2014, como é o caso do “Revoltados ON LINE”, visando colaborar para o estudo da História do Tempo Presente, investigando as opiniões políticas, as ideias de História que circulam na sociedade, e tantas outras formas de manifestação e opinião que se propagam no cotidiano virtual de muitos brasileiros.

Não são muitos os historiadores que se dedicaram a estudar a internet como fonte, ou algum *website*, blog, rede social, etc. São fontes muito novas para o estudo da História, e por isso, citarei alguns autores que nos ajudaram a pensar e a desenvolver este trabalho, sendo também o nosso referencial teórico para algumas questões, como as metodológicas, por exemplo. Ainda assim, já peço desculpas, pois provavelmente deixarei de citar aqui muitos historiadores e pesquisadores de outras áreas que já pesquisam a internet e que não tivemos acesso, ou que ainda não foi o momento de colocá-los nas discussões. Isso é um dos riscos de se escrever sobre uma fonte e um tema tão presentes, tão atuais. Muitas coisas ainda se perdem nesse emaranhado de informações contemporâneas. Sendo assim, comentarei aqui os que mais me ajudaram no desdobrar da pesquisa e da escrita.

---

<sup>5</sup> Vídeo da sua fala completa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNBxVOTsnOE>>. Acesso em 29 de novembro de 2016.

Muitos historiadores que trabalham com a História do Tempo Presente nos auxiliaram a pensar o momento, atentaram para as dificuldades e possibilidades de se estudar o tempo em que se vive. Para as críticas de que o historiador não deve tratar o tempo presente por não ter “recuo”, Jean-Pierre Rioux (1999) nos mostrará como é o próprio historiador que, com seus instrumentos e cientificidade, cria esse “recuo” para com a fonte independente do tempo que se estuda. Agnès Chauveau e Philippe Tétart, em um livro chamado *Questões para a história do presente*, publicado em português no ano de 1999 pela editora EDUSC, agrupam estudos interessantíssimos sobre história do tempo presente, fontes históricas, jornalismo e história. Muitos dos autores foram utilizados neste trabalho, tais como: os dois organizadores; o já citado Jean-Pierre Rioux; René Rémond, tratando do *Retorno do político* ao olhar da História; e Jean-François Sirinelli, com o texto *Ideologia, tempo e história*, ao atentar aos perigos das ideologias nos trabalhos que tratam de História e Política (que é o nosso caso).

Sobre a questão da fonte do historiador, Marc Bloch, em *Apologia da história, ou, O ofício do historiador* (2001), já nos ensinava que o historiador fareja carne humana no tempo e no espaço, e onde há carne humana, há objeto de estudo para o historiador. Entendemos que a internet está impregnada de carne humana, e por isso fazemos das relações sociais ali estabelecidas, documentos de estudo para a HTP. Sobre as dificuldades de estar imerso no tempo em que se encontra o seu objeto e tema, Eric Hobsbawm é um dos estudiosos que nos ajudam a compreender as especificidades de se escrever sobre o tempo presente. Nos trabalhos *Era dos Extremos: o breve século XX* (1995) e *Sobre História* (2013), o autor nos mostra que o pesquisador deve tomar cuidado para não se perder e afogar a pesquisa com a quantidade de fontes disponíveis na nossa contemporaneidade.

O filósofo Pierre Lévy, com seus estudos *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* (1993) e *Cibercultura* (1999), tornou-se uma das principais referências para o estudo do ambiente virtual, que o autor define como “ciberespaço”. Imprescindível para este trabalho, o filósofo é referenciado em várias discussões sobre o virtual, as relações ali estabelecidas, os tipos de mídias abordados, entre outros. Sobre essa cultura da internet, não fica de fora Manuel Castells (1999) com seu livro *A sociedade em rede*, que nos mostra as transformações inesperadas que as tecnologias sofrem, assim como, em uma relação de dependência, os usos que se fazem dessas tecnologias são deveras importantes para as suas modificações (tecnologias inventadas para algum propósito acabam por servir a outros). Historiadores também se aventuraram a investigar os ambientes virtuais, ou a discuti-los, pelo menos. É o caso de Roger Chartier, em *Os desafios da escrita* (2002), no qual nos mostra como a cibercultura desloca os textos, faz com que estes percam os critérios

de hierarquização de escrita (em uma publicação do *Facebook*, mesmo esta sendo a mera cópia de algum texto impresso, pode ser que percamos a possibilidade de distinguir que tipo de texto/documento era aquele). Dilton Ribeiro do Couto Junior, em seu livro *Cibercultura, Juventude e Alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook* (2013), também nos trás tanto discussões teóricas acerca da cibercultura (do termo em si), como também caracteriza o ciberespaço como um tipo de mídia “pós-massiva”, baseado em André Lemos, ao mostrar que é uma mídia que veicula a informação em um sentido “todos-todos”, enfatizando a importância dos usuários na produção e difusão das informações. Tema tratado também pelos autores Francis Pisani e Dominique Piotet, no livro: *Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões* (2010). Pisani e Piotet nos ensinam como o *web* ator, o usuário da internet, tem total importância na construção do que entendemos como internet atualmente. Fábio Chang de Almeida, em seu texto *O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas* (2011), nos dá uma grande base sobre a discussão da internet como fonte para o estudo da História, apontando diversas formas de tratar este documento, assim como algumas de suas especificidades, sendo uma delas a restrita janela temporal em que estas fontes se encontram, pois com a velocidade e facilidade de alteração que essas informações estão submetidas, são fontes totalmente maleáveis, que mudam, somem, se alteram do dia para a noite.

Robert Kozinets, Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre, são os nomes da nossa metodologia. Em *Netnografia: realizando a pesquisa netnográfica online* (2014), Kozinets nos trás discussões sobre a cibercultura, sobre comunidades virtuais e as relações estabelecidas nessa nova cultura online, dados de pesquisas realizadas pelo autor ao longo de sua carreira, e também nos auxilia na metodologia de realizar uma pesquisa netnográfica, que consiga compreender os valores simbólicos, os significados e práticas de um determinado grupo no ambiente virtual. Em *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo* (2012), Fernando e Ana Maria Lefevre discutem a metodologia do “Discurso do Sujeito-Coletivo” (DSC), que visa blocar opiniões semelhantes, a fim de produzir discursos-síntese para uma posterior análise. Metodologia que utilizamos nesta pesquisa. Por isso utilizamos estes autores citados acima na nossa metodologia, e também como referencial teórico. É um tipo de fonte nova, que requer novos estudos a todo o momento, e que a casta de pesquisadores que se dediquem a estudá-la ainda está em crescimento, seja no campo da História, como também em outras ciências.

Portanto, o trabalho foi estruturado em três capítulos, para poder levar em conta as discussões e os autores mencionados acima. No decorrer do trabalho o leitor perceberá que

foram utilizados muito mais autores do que os citados acima, mas, repetimos, aqui estão apenas alguns que ajudaram notadamente a estruturar, desenvolver e concluir o trabalho (não que os que não foram citados sejam de importância inferior). Mas temos que fazer escolhas, e para poder dar uma noção geral do trabalho, apresentamos apenas alguns dos estudiosos que ajudaram a construir este texto.

O primeiro capítulo, chamado *O material do Facebook como fonte para a História do Tempo Presente* versará sobre as discussões acerca da própria HTP, assim como fontes muito novas e muito perto temporalmente do historiador que as estuda. Discorrerá sobre os perigos e possibilidades do historiador que trabalha com fontes novas, levando em conta toda a discussão sobre os termos “cibercultura”, “ciberespaço”, “web 2.0” e “web ator”, conceitos relevantes para o tema deste trabalho, da qual o leitor terá maior contato de agora em diante.

No segundo capítulo, intitulado *Os “Revoltados ON LINE” e a metodologia de pesquisa: a netnografia e o discurso-síntese em um estudo de História*, não apenas contextualizaremos o grupo “Revoltados ON LINE” na conjuntura política nacional do ano de 2014, apresentando também outras páginas semelhantes e opositoras; como explicaremos a metodologia utilizada neste trabalho. Desde a seleção e captura das fontes, até a forma em que foi feita as análises quantitativas e qualitativas.

E para finalizar, no terceiro capítulo, que possui o nome *A análise das ideias e manifestações sobre o governo federal a partir das publicações e dos comentários*, vamos expor os gráficos que produzimos a partir das análises, comentando cada resultado e cada tipo de manifestação que foi publicada pelo grupo estudado. Neste capítulo final, temos os resultados da pesquisa, o levantamento das ideias, das manifestações e das ideias de história que mais circularam na página no ano de 2014 durante os meses de julho a dezembro. Assim, esperamos ter colaborado para a História do Tempo Presente, e auxiliado a sociedade contemporânea a perceber todas as possibilidades e perigos da formação política e histórica que se faz nas redes sociais online, pois estas veiculam as mais variadas versões sobre o passado.

## CAPÍTULO 1

### O MATERIAL DO *FACEBOOK* COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

As manifestações presenciais ou virtuais pró e contra o governo federal que marcaram nosso passado recente como um período de lutas políticas, e falando especificamente do Brasil, que é o interesse de nossa pesquisa, mostram-se relevantes para estudo da História contemporânea, ou melhor, da História do Tempo Presente (HTP). As manifestações que mais nos interessam aqui são as críticas ao governo de Dilma Rousseff, que mesmo com todos os movimentos de rua que aconteceram ao longo de seu mandato, as fontes virtuais, os espaços do *Facebook*, também se mostraram altamente relevantes para o estudo desse período histórico brasileiro.

Entra então a dúvida de como pesquisar esse momento, essas manifestações de um grupo que tem afinidade com uma opção política de direita, as suas manifestações, os seus argumentos, embasamentos e ideias, se o grosso documental está em plataformas online como o site com função de rede social chamado *Facebook*? A resposta é que temos que tomar esse universo virtual como um gigante acervo de documentos para a História. Mesmo o nosso foco sendo a História do tempo presente, esse acervo virtual não necessariamente se remete somente a ela, onde também encontramos documentos de um passado mais remoto em um novo formato documental, o digital.

Neste capítulo, faremos uma reflexão sobre a HTP, no sentido de articularmos esta periodicidade com nossa fonte de pesquisa, qual seja, o *Facebook*. Considerando a especificidade da mesma e destacando a comunidade virtual “Revoltados ON LINE”, que será mais bem apresentada e discutida no segundo capítulo.

#### 1.1. A História do Tempo Presente

A discussão de uma História do Tempo Presente é longa. A opção de tomar o presente como objeto de estudo do historiador já foi muito criticada sob o pretexto de que este profissional não deveria estudar o presente como sua fonte, pois seu objeto de estudo seria apenas o passado. Esse debate historiográfico, “[...] se não é mais novidade e nem tanto polêmico, ainda engendra problemáticas, elogios e acusações a esse ramo da história que se propõe a encarar um tempo que até pouco tempo não lhe pertencia.” (FIORUCCI, 2011, p.

111). Com a Escola dos *Annales*, fundada pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, estes “[...] tinham dado um lugar particular ao imediato, ao presente, e mesmo ao político” (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 10), mas não o tomando como objeto de estudo, e sim como algo que deveria ser levado em consideração para uma boa compreensão sobre o passado. Nas palavras de Marc Bloch: “Ocorre de, em uma linha dada, o conhecimento do presente ser diretamente ainda mais importante para a compreensão do passado.” (BLOCH, 2001, p. 66). Ou seja, mesmo colocando certa atenção ao presente, este é quase ignorado como documento da história.

A História ignorou o tempo presente por muito tempo, e isso fez com que outros escrevessem sobre ele. “Não historiadores faziam história, e uma história problemática, carente de rigor e dos procedimentos típicos dos historiadores [...]” (FIORUCCI, 2011, p. 113). A história não é algo próprio do historiador. Falar sobre o passado não é uma atividade que apenas os certificados como historiadores podem fazer. E também não só os acadêmicos de outras áreas que utilizam da história (jornalistas, cientistas políticos e sociais), mas todas as pessoas que contam o seu dia anterior, a sua viagem do ano passado, que relembram momentos marcantes em sua vida, e que usam da memória para expressar a mais simples informação. Ou seja, a história pertence a todos, mas, “[...] por experiência e disciplina intelectual, os historiadores tentam ser mais críticos e, talvez, mais conscientes dos bons e maus usos do passado, seja este distante ou recente.” (LAGROU apud FIORUCCI, 2011, p. 114).

Para falar da releitura que os historiadores deram ao presente, ao imediato, é necessário mostrar como esse ganhou lugar no laboratório do historiador juntamente, ou melhor, tendo como uma válvula propulsora, o interesse pelo político. Principalmente pelos trabalhos de René Rémond, no meio dos anos de 1950, que dialogou, mesmo que na contracorrente, com a segunda geração dos *Annales*, trazendo a questão do político e do contemporâneo (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 13). Enfim, em 1978, eram criados o *Institut d’Histoire du Temps Présent*<sup>6</sup> (IHTP) e o *Institut d’Histoire Moderne et Contemporaine*<sup>7</sup> (IHMC).

Sobre esse retorno do interesse pelo político, e uma releitura do estudo do tempo presente por historiadores, Agnès Chauveau e Philippe Tétart (1999) afirmam que:

---

<sup>6</sup> Tradução Livre: Instituto de História do Tempo Presente.

<sup>7</sup> Tradução Livre: Instituto de História Moderna e Contemporânea.

Mais simplesmente, não se deve esquecer que os historiadores do político constituíram a vanguarda da história do presente. O retorno do político desempenhou, pois, científica e intelectualmente, um papel essencial na afirmação da história do presente. [...] Para os historiadores, trata-se, sobretudo, [...] da germinação de um pressuposto metodológico maior: a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente. (p. 14-15).

Muito da discussão em torno de estudar o presente como objeto da história se dá pela preocupação com o recuo. Diante dessa incredulidade de que o historiador seria capaz de analisar o presente como fonte devido a essa falta de recuo, Jean-Pierre Rioux (1999) nos mostra que esse argumento não se sustenta, pois, “[...] é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso ‘recuo’” (p. 46-47). Ou seja, é a cientificidade que constrói essa boa distância. Se o passado não é objeto apenas do historiador, apenas a metodologia da ciência da história, em última instância, define o ofício do historiador, pois ainda é “a operação cognitiva da pesquisa especificamente histórica” (RÜSEN, 2007, p. 27). Desta forma, o presente pode ser objeto do historiador, desde que a metodologia específica da ciência histórica sustente a análise.

Mesmo com a história do presente ainda sendo carente de algumas metodologias específicas de estudo, o que acontece devido também à ampliação dos formatos e tipos de fonte, não é justificativa para que não tenha rigor histórico. Agnès Chauveau e Philippe Tétart nos mostram novamente como na HTP, nós não temos muitos instrumentos de referência, “[...] tudo está por fazer.” (1999, p. 19). E justamente pelo fato de se basear em rigores científicos já conhecidos pela Teoria da História, é que a HTP não é uma ruptura epistemológica. Ela precisa sim de métodos próprios, como a História tem suas metodologias que são diferentes das ciências naturais, exatas, entre outros. Mas isso não significa uma quebra radical no modo de se fazer história. Como todas as áreas de estudo da História, possui os seus empecilhos específicos.

Para clarear ainda mais a questão sobre o rigor da História em todos os tempos de estudo, como nos mostra Rodolfo Fiorucci, se embasando em alguns argumentos de Philippe Tétart:

Do historiador esperam-se os métodos, a rigidez, a racionalidade e o compromisso científico. Como já mencionado ele temporaliza, ele faz um recorte cronológico e apropria-se das diversas fontes disponíveis (arquivos particulares, imprensa, mídia, depoimentos, cinema, literatura, documentos oficiais – quando abertos), ou seja, procura esgotar a massa documental

disponível [...]. Trata-se, portanto, de aventurar-se no tempo recente a fim de contribuir para o esclarecimento, a inteligibilidade e o discernimento do mundo acelerado, para, no mínimo, dar mais foco à imagem borrada e dinâmica hodierna. (FIORUCCI, 2011, p. 116-117).

Mesmo sendo um passado pouco distante o que escolhemos para estudo, ele se encaixa nos âmbitos da História. Referenciando um breve trecho de Marc Bloch, onde esse define o presente, citamos: “O que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino de Memória.” (BLOCH, 2000, p. 60). Esse presente que constantemente se torna passado, que mal existiu (presente) e já se tornou algo decorrido, é factual, não se sabe onde vai dar, justamente por que ainda faz parte de um processo que está em andamento, onde não é possível prever o seu futuro.

Esse documento que vem de um passado recente é um fragmento de um processo histórico inacabado (FIORUCCI, 2011, p. 115), fruto dessa proximidade do historiador com o fato, com o objeto que mal existiu e já se tornou documento para a História. Isso faz com que o historiador do presente tenha que ser mais atento ao fato, e também, como observava Jean-Jacques Becker, um dos riscos que tem esse historiador estudioso da contemporaneidade, é que não possui o “aval da sequência” (RÉMOND, 1999, p. 55), devido aos processos históricos inacabados, o que o faz atentar-se mais ao evento em si.

Dentre tantas as dificuldades de se estudar a história do presente, existe também a significativa quantidade de fontes. No presente, ao contrário do historiador que se aventura a pesquisar um período mais remoto da História, como a Antiguidade, onde em alguns casos temos uma carência de documentos, “[...] o problema fundamental para o historiador contemporâneo em nosso tempo infinitamente burocratizado, documentado e inquiridor é mais um excesso incontrolável de fontes primárias que uma escassez das mesmas” (HOBSBAWM, 2013, p. 329). Como complementa Jacques Le Goff: “As fontes são superabundantes, é difícil dominá-las, apesar do recurso à informática” (1999, p. 99). É essa enorme quantidade e variedade de fontes que pode acabar sendo um obstáculo para o historiador do tempo presente. “É um risco que se apresenta para a história do tempo presente, por ela ter a possibilidade de ir além, buscar mais fontes, de ir mais fundo, o que pode afogar a pesquisa” (ROUSSO apud FIORUCCI, 2011, p. 115). E como já defendemos aqui, todas as áreas da História possuem suas dificuldades particulares, o que significa que com metodologia científica, e o rigor do historiador, é possível realizar um trabalho de qualidade com fontes da nossa contemporaneidade.

Essa ausência de uma ampla discussão metodológica acerca do estudo das fontes do presente não justifica a privação de um método, um rigor científico (ALMEIDA, 2011, p. 11). Afinal, como nos mostra Agnès Chauveau e Philippe Tétart (1999, p. 07-37), os historiadores se aventuraram a pesquisar o tempo presente justamente por não concordar com o método que outros profissionais utilizavam para escrever sobre o contemporâneo. Profissionais esses, que não são da área de História, mas escreviam sobre a mesma. Por isso, não poderiam deixar um rigor científico para trás, ignorá-lo, e diferente desses profissionais que os historiadores criticaram, não poderiam se sujeitar a deslizes ideológicos.

Essa é outra questão muito discutida sobre o historiador e o tempo presente. Para o historiador, pesquisar o tempo presente remete a uma atividade muito interessante e que não acontece se o historiador estudasse um tempo remoto: “Jamais um medievalista ou um modernista poderá ‘viver’ o que descreve. Ele deve recompor uma realidade que lhe escapa fisicamente” (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 31). Já o historiador do presente, está imerso no seu tempo, vivendo aquilo que mal existiu e já se tornou passado, e olhando para tal objeto como um documento de história.

Nessa prática, o historiador está dentro, vivendo o presente e tendo que olhar para ele com um rigor científico. Está mergulhado no tempo que produz seus objetos de estudo, “[...] nas questões ideológicas, políticas, culturais e sociais, o que influencia o desenvolvimento de seu trabalho, pois é impossível desligar-se do presente e do seu meio” (FIORUCCI, 2011, p. 117). Não consegue fugir disso e nem das suas escolhas, das suas posições. Mas tem que saber como lidar com elas.

Eric Hobsbawm, ao falar do “breve século XX”, uma expressão enfática que o autor deu ao século XX, argumenta sobre a prática do historiador que viveu aquilo sobre o qual vai escrever:

E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis –, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. Somos parte desse século. Ele é parte de nós. Que não o esqueçam os leitores que pertencem a outra era [...]. (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Como vemos, é um trecho que não faz referência especificamente ao século que estamos estudando, o XXI, mas que discute esse olhar daquele que viveu o tempo e agora vai tomá-lo como objeto de estudo. Formamos opiniões, ou melhor, essas foram sendo formadas

ao longo da nossa vida, e agora temos que tomar cuidado com estas, para que não condicionem o nosso trabalho. Ainda assim, elas também são importantes, pois definem as nossas escolhas, tanto da fonte, quanto do tema. Dessa maneira, como nos ensinou Hobsbawm, somos parte desse século XXI, e ele também é uma parte de nós.

Por estarmos imersos nesse tempo, é muito difícil fugir das opiniões próprias para escrever sobre ele. Mas é importante lembrar aqui que todos os historiadores estão, estiveram, e estarão imersos no seu devido presente. Nenhum historiador revive o passado para estudá-lo. Ao contrário, fala sempre de um presente cheio de inquietações. “[...] esse historiador, qualquer que seja sua especialidade cronológica, bebe em seu presente [...], ele sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence” (SIRINELLI, 1999, p. 78).

Sendo assim, Eric Hobsbawm ao discutir o presente como história, nos auxilia mais uma vez ao dizer que:

E quando não escrevemos sobre a Antiguidade clássica ou o século XIX, mas sobre nosso próprio tempo, é inevitável que a experiência pessoal desses tempos modele a maneira como os vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar. (HOBSBAWM, 2013, p. 317).

Vemos que Hobsbawm diz que é inevitável que nossa experiência pessoal interfira na forma como falamos do nosso tempo. E no caso de o tempo em que vivemos ser o nosso objeto de estudo, temos que tomar alguns cuidados. Por exemplo, Jean-François Sirinelli (1999) discute as relações entre ideologia, tempo e história, e nos chama a atenção para alguns trabalhos onde o “clima ideológico” influenciou diretamente na produção historiográfica. É por isso que temos que tomar muito cuidado com nossas opiniões pessoais ao tratar como fonte os documentos do presente, ao mesmo em que não há como o historiador não se posicionar diante do que escreve, pois não há historiografia neutra. Quando falamos “opiniões pessoais” nos referimos ao conhecimento adquirido a partir de experiências, vivências e observações do mundo efetivadas no cotidiano, o que não pode ser desqualificado, mas no caso do historiador, deve prevalecer o “senso crítico” como capacidade de questionar e analisar o mundo de forma racional e sistematizada, que dá forma à ciência da História.

Quando tomamos documentos do presente para estudo, estamos vivendo no nosso tema, e temos opiniões sobre ele. É preciso muita atenção e aplicação dos procedimentos historiográficos para “[...] não se deixar levar por ideologias e preferências particulares, o que comprometeria a confiança geral no trabalho dos historiadores” (FIORUCCI, 2011, p. 117). O

historiador deve ter o profissionalismo de não deixar as suas opiniões pessoais e políticas, na forma do senso comum, interferirem na seriedade do trabalho. Deve “[...] atuar em prol do conhecimento, da racionalidade, do esclarecimento honesto sobre o mundo atual [...]” e ser “[...] ciente do papel científico que tem e não como um militante social ou político, sob o risco de ver seu trabalho esvaziar-se de sentido em pouco tempo [...]” (FIORUCCI, 2011, p. 118). Isso não significa que a história do tempo presente não tenha engajamento algum. Ao contrário, é uma história engajada sim, na contribuição ao conhecimento e à sociedade, e por isso, não pode se subordinar às imposições ideológicas e políticas, para assim prevalecer como uma produção científica válida do campo da ciência histórica. Quando falamos em ideologia, é preciso deixar claro que entendemos ideologia como um processo de produção de significados e valores na vida social, um corpo de ideias características de algum grupo, que pode ajudar a legitimar certas opiniões (BARROS, 2016, p. 57). São como visões de mundo, noções, ideias de uma sociedade, a mentalidade de um grupo. Tratando-se dos grupos de direita que atuam no *Facebook*, estes possuem uma definição de ideologia diferente da que foi aqui apresentada, tomando-a como uma falsa ideia, algo tendencioso, não levando em conta a complexidade do conceito de ideologia.

Com esse compromisso científico, a História mostrou que tem a capacidade de tomar o tempo presente enquanto objeto de estudo. Essa história que, nas palavras de Jean-Pierre Rioux (1999), é “[...] um vibrato do inacabado [...]” (p. 50), aonde este estudo do tempo presente vai fazendo com que este seja aliviado de seu autismo.

Como nos lembra Jean-François Sirinelli:

O historiador é bem de seu tempo e de seu país. [...] o propósito é claro: não há senão o “ofício”. Só ele permite ao historiador, calçado pelas regras do método e do rigor que devem permanecer as suas em todas as circunstâncias de sua prática e em todos os períodos estudados, utilizar, nessa mesma prática, as diversas temporalidades – os ritmos diferentes segundo os objetos estudados – e manter relações de geometria variável com seu próprio “tempo”. (SIRINELLI, 1999, p. 91).

Assim, vemos como o historiador, independente do tema, do tempo histórico, é capaz de pesquisar o presente e a sua diversidade de documentos. Esse profissional tem um compromisso com a ciência histórica, o que o faz tomar certos cuidados, fazer parte do presente, e continuar com o rigor científico que dará ao seu trabalho um caráter histórico, com qualidade, racionalidade, científicidade e confiabilidade. É possível escrever a história do tempo presente, mesmo estando imerso nele, sem se subordinar às suas posições políticas e

peçoais. A história do tempo presente é, antes de tudo, história. Com suas dificuldades e empecilhos específicos, mas sem fugir do que a Ciência da História entende como tal.

## 1.2. As fontes virtuais do *Facebook*

Com o interesse em fazer História do Tempo Presente, a Internet<sup>8</sup> se mostrou um acervo gigantesco de documentos para estudo do historiador. Pensando o perturbado contexto político do Brasil contemporâneo, as mídias tradicionais difundem várias informações sobre o tema. Mas, essas não são mais o centro de onde alguns brasileiros buscam suas informações. A Internet, e principalmente, as chamadas redes sociais online, são fontes propícias para a difusão dessas informações, devido ao seu caráter relacional, convidativo, e onde o usuário é participante.

Tratando de uma parcela da população mais jovem, vemos que mesmo no mundo virtual, onde até as mídias tradicionais se adaptaram para não ficarem apenas como um vestígio do passado, a maioria dos adolescentes “[...] não prestam atenção às atualidades cotidianas. [...] Mesmo on-line, os noticiários aborrecem os jovens” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 40). Já nas redes sociais online, local onde não só os jovens, mas grande parte da população passa muitas horas do seu dia, é um ambiente propício para que essas discussões sobre política apareçam. Ali é o local onde as pessoas se relacionam e estabelecem novas amizades, e ainda assim, podem buscar novas informações. E é o que realmente ocorre. É por isso que nos surgiu o interesse em pesquisar uma comunidade virtual online do *Facebook*, que foi criada em 2010, o mesmo ano das eleições que colocaram Dilma Rousseff na presidência e deram a continuidade do PT no comando do governo.

A partir de sua criação, a comunidade chamada “Revoltados ON LINE”<sup>9</sup> se manifesta contra o governo federal. Alguns dos temas que mais aparecem são discursos totalmente contrários ao PT, anticomunistas, pedidos de intervenção militar, impeachment, entre outros. Adotando os embasamentos do que eles consideram como uma “direita política”, mostram-se contrários a maioria das políticas de esquerda. Essa comunidade (01/07/2016) possui 1.694.293 participantes, seguidores, ou “curtidore” (termo utilizado pelo *Facebook* para

---

<sup>8</sup> A Internet é uma rede de computadores de alcance global que interconecta milhões de equipamentos através do mundo. Inicialmente esses equipamentos eram essencialmente computadores de mesa. Todavia, cada vez mais equipamentos vêm sendo conectados à rede, e alguns desses exemplos são: notebooks, telefones celulares, televisões, câmeras de vídeo, automóveis, etc. Ou seja, não é mais só uma rede de computadores, mas de vários aparelhos que agora podem se conectar. (KUROSE; ROSS, 2005 apud ALMEIDA, 2011, p. 27).

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline>>. Acessado em 01/07/2016.

aqueles que seguem a página). Ou seja, vemos um número significativo de pessoas que buscam informações na devida comunidade, o que nos interessou para a pesquisa.

Para não entrarmos tão afundo na comunidade antes da hora, pois teremos um momento certo para isso aqui, cabe discutir essa noção do documento digital. Com toda essa reflexão sobre a História do tempo presente, é importante refletir sobre essa nova forma de documento que se põe à mostra para o historiador. “Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores [...] nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens.” O bom historiador, “onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54).

Por muito tempo o papel “reino” como um documento oficial para os historiadores. Com o advento das novas tecnologias, e, por conseguinte, das novas mídias, vamos nos orientar em Lucien Febvre, que já na Escola dos *Annales*, e especificamente em 1949, escreveu um texto que foi um emblemático defensor da ampliação da noção de documento para a História.

Como nos mostra Lucien Febvre, sobre os documentos para o historiador:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entrelaçada que supre a ausência do documento escrito? (FEBVRE, 1949, apud LE GOFF, 2003, p. 530).

Lucien Febvre deixou-nos um escrito muito importante, pois, décadas depois essa premissa para o documento de história ainda mantém a sua pertinência. Afinal, após os seus escritos, muitos outros tipos de documentos foram incorporados ao estudo da História. Obviamente, as fontes digitais ainda nem eram pensadas. Mas é esse um dos argumentos, escrito há algumas décadas, que podemos utilizar para justificar o estudo dessas fontes digitais.

A Internet, ou *web*, como passaremos a chamar daqui para frente e logo explicaremos o porquê, “[...] configura-se como uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas históricas. Em especial os pesquisadores do Tempo Presente, após o advento da Internet, passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes” (ALMEIDA, 2011, p. 09). É um acervo gigantesco que espera o profissional da história, mas não só esse, para pesquisá-lo.

Com todo esse avanço dos aparatos tecnológicos, que faz com que alguns comentem sobre “a tecnologia está em toda parte”, ainda existe uma parcela da população excluída dessa realidade. Manuel Castells, sociólogo e estudioso dessa “sociedade da informação”, afirma que vivemos em uma sociedade em rede, da informação, e que é mediada por essas novas tecnologias de comunicação.

Para o sociólogo:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999, p. 69).

As novas tecnologias avançam e se desenvolvem cada vez mais, e dela nós fazemos uso, modificamos, mostramos os nossos gostos. Produzimos informação e conhecimento, inovando e alimentando a rede. Por isso, pesquisar as novas tecnologias é também pesquisar os usos ou apropriações que fazemos dela, como pessoas não especialistas em programação. São os usuários que decidem, produzem e modificam a *web* (PISANI; PIOTET, 2010, p. 104).

Por isso, as novas tecnologias e suas transformações já não são o único objeto a se estudar, mas também “[...] os usos e as construções de sentido ao redor dela” (HINE apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 37). É por isso que uma das coisas mais interessantes da tecnologia, das redes sociais online, entre outros, é que “[...] as pessoas acabam por fazer delas algo completamente diferente daquilo pelo qual haviam inicialmente sido concebidas. A internet [...] é o produto da apropriação social de uma tecnologia pelos usuários produtores” (CASTELLS apud PISANI; PIOTET, 2010, p. 104).

O universo virtual se mostra de diversas maneiras para os pesquisadores, onde essas “mídias digitais fazem de toda história, história pública” (GRAHAM apud LUCCHESI, 2014, p. 53). É um lugar onde a história se estabelece, se faz, e se mostra pública. Pode ser tanto uma fonte primária para estudo, quanto um estudo sobre as interpretações do passado presentes no ciberespaço, como veremos algumas no próximo capítulo, onde os “Revoltados

ON LINE”, mais particularmente alguns comentaristas, se utilizam de determinadas “versões” de história para embasar o seu argumento.

Agora, falando mais precisamente sobre o termo “ciberespaço”, vejamos o que Pierre Lévy tem a nos dizer:

O ciberespaço [...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17).

O filósofo da cultura virtual contemporânea nos atenta para pensar o ciberespaço não apenas em seu material da comunicação digital, suas programações e etc., mas para vê-lo em sua enormidade de informações, e também, os seres humanos ali inseridos. Esses que, navegam, atuam, discutem, conversam, e fazem esse ciberespaço crescer cada vez mais. Ou seja, interessa ao historiador esse universo, já que está impregnado de “carne humana”, mesmo que seja virtual.

Como dissemos acima, especificaríamos a substituição do termo “Internet” por “web”, mais precisamente, “web 2.0”. Este termo foi inventado por Tim O’Reilly no ano de 2004. Surge justamente para acentuar as diferenças entre a *web* 1.0 da *web* 2.0. Pois, se tratando de novas tecnologias e suas transformações constantes, tudo passa muito rápido. “O que foi escrito sobre as redes em 1995, por exemplo, parece hoje tão distante a ponto de provocar riso” (SANTAELLA apud COUTO JUNIOR, 2013, p. 21). Os *websites* que conhecemos atualmente não foram sempre dessa forma. Hoje, temos a possibilidade de acessar o site da rede social *Facebook*, nos cadastrar, e atuar nessa rede. Na *web* 1.0, essa possibilidade não existia. Essa primeira *web* tinha uma característica quase linear, ou seja, era utilizada “[...] como suporte que permitia navegar de um documento a outro com a fluidez impossível de acontecer em outras mídias. Mas não tiramos proveito da dimensão bidimensional da *web* [...]” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 119). Os “internautas”, termo que cabe muito bem para a *web* 1.0, não eram tão ativos quanto são hoje. Viajavam numa mídia com caráter de hipertexto, mas faziam uma leitura daquilo, diferente das possibilidades de produções hoje existentes.

Na *web* 2.0 todos são colaboradores. Os usuários comuns não são apenas leitores de uma mídia com novas interfaces, mas também são atores. É por isso que, nos baseando em Francis Pisani e Dominique Piotet (2010), para falar desse usuário da *web*, ao invés de internauta, “[...] optamos por ‘web atores’, que dá melhor ideia de sua capacidade de produzir,

de agir, de modificar, de aperfeiçoar a web de hoje” (p. 119). São esses web atores que possuem maior relevância da web de hoje. Atuam ali dentro, diferente de quando era a *web* 1.0. “Os internautas utilizavam a internet. Os web atores a trabalham com o conteúdo que geram e com a capacidade de organizá-lo” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 120).

Como nos mostra Dilton Ribeiro do Couto Junior (2013):

[...] uma das grandes vantagens da *Web* 2.0 é a facilidade de acesso às informações, além do compartilhamento de arquivos e da ressignificação desses pelos usuários, que passam a participar ativamente de processos de ensino-aprendizagem mediados pelas interfaces digitais, nas quais pesquisadores, professores e estudantes tornam-se colaboradores, autores e coautores numa parceria que propicia a produção coletiva do conhecimento na/em rede. (p. 22).

Com toda essa facilidade de acesso às informações, mas também a facilidade de produção dessas, “a web pode, portanto, ser abordada como uma plataforma dinâmica. [...] Tudo isso contribui para o nascimento de uma nova economia e de uma nova cultura” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 28). Nessa nova cultura, onde se estabeleceram essas novas relações entre as pessoas, os sites são apenas “[...] meros suportes para que as redes sociais se constituam [...]” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 23), pois são os próprios atores que constituem essa rede. O site, o ciberespaço, é apenas um lugar onde isso se estabelece e cria uma nova forma de cultura: a Cibercultura.

Pierre Lévy, antes mesmo do surgimento de uma ideia mais concreta da Internet, no qual as discussões do momento estavam entorno das novas mídias advindas até o final do século XX, já havia nos alertado para o caráter de hipertexto que as novas mídias possuíam. “Tecnicamente, o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos” (LÉVY, 1993, p. 33). E mesmo o hipertexto utilizando do empréstimo de várias mídias, constitui uma rede original de interfaces. Ou seja, algo novo, mesmo se utilizando do velho, dando novos significados às mídias anteriores.

Sobre o fator multimídia da rede digital, Pierre Lévy nos diz que:

Com a constituição da rede digital e o desdobramento de seus usos [...], televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações veriam suas fronteiras se dissolverem quase que totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem e da metamorfose das interfaces em um mesmo território cosmopolita. (1993, p. 113).

A rede digital, ou melhor, a *web 2,0*, é o lugar que se constitui enquanto uma mídia nova, mas se utiliza das antigas. As mídias antigas entram em um espaço onde possuem novas funções e significados. A multimídia se estabelece, e podemos tomar como exemplo uma publicação na linha do tempo de alguma página do *Facebook*, onde em uma mesma publicação, podemos encontrar elementos textuais, imagéticos, sonoros, e audiovisuais. Em uma mesma publicação, vemos todos os tipos das outras mídias.

É nesse ambiente que se instaura a “cibercultura” citada um pouco acima. Fruto das novas relações sociais existentes do ciberespaço. Pierre Lévy entende por “cibercultura” o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Com o crescimento do uso e do acesso à internet e o advento dessas novas práticas no ambiente virtual, cabe o termo “cibercultura”, como nos mostra Pierre Lévy, para tratar essas novas relações online. Mas ele não é o único a discutir o termo.

Robert V. Kozinets (2014) define “cibercultura” como:

Um tipo distinto de cultura que se desenvolveu juntamente com as tecnologias de comunicações e informação digital, especialmente a internet; sistema de significado aprendido, que inclui crenças, valores, práticas, papéis, e línguas, que ajuda a direcionar e organizar determinadas formações sociais online ou relacionadas à tecnologia. (KOZINETS, 2014, p. 176).

Fazer parte dessa “cibercultura” requer aderir às práticas dos web atores. O ciberespaço se dá como um lugar com regras, valores, e práticas habituais. A cibercultura “[...] é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades” (SANTOS apud COUTO JUNIOR, 2013, p. 141).

Historiadores também estudam a escrita hipermidiática, como por exemplo, Roger Chartier. Argumenta Chartier que a cibercultura constitui uma alteração importante na história dos textos e/ou das mídias, isto é, das estruturas e formas do suporte, da modalidade técnica da produção do escrito, das percepções e dos hábitos de leitura (CHARTIER, 2002, p. 24 e p. 113). Ainda que a tela do computador apresente um texto reproduzido de um impresso, este não será o mesmo, porque foi alterada a materialidade de sua escrita, por subsecutivo, sua leitura. O texto eletrônico por ser maleável, móvel, aberto, desterritorializado, repleto de labirintos e incomensurável, fazendo com que os leitores enfrentem “o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis e materiais que lhes permitam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos” (CHARTIER, 2002, p. 23).

Com a internet, leitor e autor confundem-se, bem como se confundem formas, processos e funções da oralidade, da leitura e da escrita, e mais do que isso, antes os sons, imagens e palavras eram propensos a coexistir, agora “passam a se co-engendrar em estruturas fluidas, cartografias líquidas para a navegação”, em que “os usuários aprendem a interagir, com ações participativas, como num jogo” (SANTAELLA, 2007, p. 294). Segundo Márcia Elisa Teté Ramos, a memorização de trajetos para não se perder na significação do texto-primeiro, a escrita parecida com o falado, o uso de logogramas e abreviações, a constante execução de ações de selecionar, religar, sintetizar, comentar, fazer triagem, associar, criticar, etc., exigem e produzem novas habilidades de escrita e leitura, novas categorias intelectuais, em que se sobressaem os princípios da indeterminação e da transitoriedade (2015, p. 92).

Na cibercultura, os processos comunicacionais mediados por essas mídias digitais veiculam a informação em uma comunicação “todos-todos” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 22-39). É um espaço virtual online onde todos ajudam a preencher a mensagem, o texto, uma rede que é alimentada a todo o momento, e por todos os participantes, não havendo apenas um difusor (como uma empresa que monopoliza as informações), mas sim todos sendo difusores e receptores, compartilhando e ressignificando vários tipos de mídia. É isso que diz o estudioso de “cibercultura” André Lemos (2010), ao mostrar que as mídias pós-massivas proporcionam a “liberação da palavra”, onde “[...] permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir, e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo.” (p. 25).

Essa comunicação “todos-todos” é característica das mídias “pós-massivas”. A diferença entre as mídias massivas e as pós-massivas é simples: a primeira possui um fluxo de informação que se dá na perspectiva “um-todos”, por exemplo, a televisão, que veicula certo tipo de informação selecionado pelas empresas que possuem esse monopólio da programação que vai ser transmitida; enquanto nas “pós-massivas” que enquadram os “[...] processos comunicacionais mediados pelas mídias digitais em rede, há a possibilidade da comunicação ‘todos-todos’” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 39). Não existindo, assim, um monopólio da informação por alguma instituição. São os usuários que mandam, fazem, difundem e atuam. A *web 2.0* possui essas características com o foco no *web* ator justamente por esses motivos. É ele quem tem o papel principal na *web*. A própria interface da *web* atual colabora cada vez mais para isso. Blogs, sites, redes sociais, entre outros, facilitam constantemente o uso para abranger mais pessoas. “A própria programação torna-se fácil. Não há mais necessidade de saber escrever nem uma linha de linguagem de programação para modificar a *web* [...]”

(PISANI; PIOTET, 2010, p. 123). E é por isso que se tratando da comunidade virtual “Revoltados ON LINE”, não são só as publicações dos administradores da página que importam, mas também os comentários desses web atores que acessam a página e que se mostram muito ativos nos debates das publicações.

Outra discussão pertinente é sobre alguns fenômenos que permeiam a cibercultura. Francis Pisani e Dominique Piotet (2010) fazem um debate interessante sobre qual termo seria melhor para definir os fenômenos provindos da “cibercultura”<sup>10</sup>. Os autores mostram que a partir dessas relações entre os web atores, dessa “dinâmica relacional”, que seria esse conjunto de movimentos não lineares, não controlados, gerado pela participação de pessoas, dados, grupos, materiais do ciberespaço, etc., é possível o surgimento de “alguma coisa” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 55-161). Debatendo os termos “Sabedoria das multidões”, de James Surowiecki, e de “Inteligência coletiva”, de Pierre Lévy com complementos de Tim O’Reilly (todos sendo utilizados para pensar o ciberespaço e a cibercultura), Pisani e Piotet argumentam que esses termos não correspondem corretamente ao que é a *web 2.0* e a sua massa, o seu coletivo.

O termo escolhido pelos dois autores para abarcar esse fenômeno é o de “alquimia das multidões”. Para esclarecer melhor, Pisani e Piotet defendem:

Escolher “alquimia”, com sua dimensão implacavelmente ambígua, em lugar de “sabedoria” ou “inteligência”, permite perceber que, juntando um grande número de pessoas e consultando-as, é possível, eventualmente, criar ouro, mas nem sempre. As multidões não produzem só sabedoria, os coletivos não somente inteligência. Mas pode acontecer e é o grande mérito de James Surowiecki e de Pierre Lévy que valorizam isso. Quanto ao termo “multidão”, que o dicionário define como “grande quantidade (de seres, de objetos) considerada ou não como constituindo um conjunto”, ele tem o mérito de chamar a nossa atenção para a quantidade, sem lhe dar uma conotação positiva ou negativa. [...] Alquimia das multidões aparece, portanto, como um processo aberto sobre o qual podemos agir. Ela representa uma aproximação racional da web, de suas possibilidades e de suas fraquezas. (PISANI; PIOTET, 2010, p. 55-191).

Assim, podemos perceber que a cibercultura e os seus fenômenos, a alquimia das multidões, nem sempre produzem coisas com funcionalidades boas, benéficas. Às vezes, esse acúmulo da massa, essa possibilidade de se agrupar em um ambiente virtual também produz resultados não tão saudáveis. Os conflitos políticos e os embates ideológicos característicos da sociedade humana são reproduzidos, por esses próprios humanos, nas comunidades virtuais

---

<sup>10</sup> Os autores não trabalham com o termo “cibercultura”.

(ALMEIDA, 2011, p. 15). Como nos mostra o historiador Fábio Chang de Almeida (2011, p. 09-30), essa possibilidade de se comunicar pelo ciberespaço, muito utilizada pelos jovens, e que pode ter ótimas pretensões para a melhoria do ensino, da ciência, contribuindo com o conhecimento, também tornou possível o surgimento de enciclopédias eletrônicas com orientação ideológica voltada à extrema-direita. Em uma nota de rodapé o autor nos mostra em sua pesquisa a criação de um grupo, a partir de uma comunidade virtual, com um viés ideológico voltado para o fascismo. Um tipo de neofascismo (p. 28).

Em todo caso, é importante ressaltar que o suporte virtual, a natureza do *Facebook*, promovem racionalidades, sociabilidades, sensibilidades diferentes, e não podem ser vistos como portadores do bem ou do mal, do bom ou do mau, do justo ou do injusto. Não há esta dicotomia entre negativo e positivo, a não ser no uso que se faz da cibercultura ou do *Facebook*. Martín-Barbero e Rey entendem que do processo de projeção, fabricação, difusão e consumo dos artefatos midiáticos – e acrescentamos os artefatos virtuais –, depreendem diferentes (nem superiores e nem inferiores) racionalidades, experiências, percepções, intersubjetividades e sociabilidades, formando “um ecossistema comunicativo no qual o que emerge é outra cultura, outro modo de ver e de ler, de aprender e conhecer” (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001, p. 60).

É na *web 2.0* que os grupos podem se encontrar, em um sentido virtual, quando o espaço físico coloca empecilhos. O ciberespaço é muito frequentado pelos jovens, como nos mostra Couto Junior (2013), sendo um dos motivos referentes às problemáticas da juventude e o seu espaço. O jovem perde cada vez mais espaço na nossa sociedade, onde muitas vezes é visto como um problema, uma fase de crise. É no ciberespaço que este consegue se conectar a outras pessoas com a mesma faixa etária, os mesmos interesses e gostos. Essa, que é outra característica muito relevante quando falamos em ciberespaço, e como vamos perceber no nosso objeto de pesquisa, os “Revoltados ON LINE”. Dizemos isso, pois: “[...] o ciberespaço torna-se uma forma de contatar pessoas não mais em função de seu nome ou de sua posição geográfica, mas a partir de seus centros de interesses.” (LÉVY, 1999, p. 100). Não necessariamente é o jovem que mais acessa, mas aquele que desenvolveu um repertório (ciber)cultural da condição juvenil.

Essas comunidades são caracterizadas, até fora do ciberespaço, pela comunicação do grupo, interesses em comum, atividades, etc. Existe, então, “[...] a partilha de significados em espaços virtuais e por sentimentos de pertença, reciprocidade e identidade.” (AIRES; AZEVEDO, 2010, p. 35). Um grupo pode ser criado - independentemente do espaço geográfico, ou da hora disponível para acesso de cada pessoa – com maior facilidade, e

buscando as pessoas de interesses em comum. Junto com isso vem a noção de identidade de um grupo. Essa que é construída e precisa abarcar a todos. Ou melhor, todos os pertencentes querem ter esse caráter identitário de cada grupo. Como nos mostra Luísa Aires e José Azevedo (2010): “[...] a identidade resulta, igualmente, de um sentimento de diferença diante de outras comunidades. Pertencer significa simultaneamente ser incluído em uma comunidade e estar separado e diferenciado de outra” (p. 38-39). Essas características são muito visíveis na comunidade “Revoltados ON LINE”, onde o sentimento de pertença é notável em alguns participantes, e as diferenças para com os outros grupos, principalmente os de pensamentos opostos, são enfáticas.

Como nos mostra Robert V. Kozinets (2014):

Já estava se tornando visível que as comunidades eletrônicas estavam se tornando parte das experiências diárias das pessoas online. Além disso, os tipos de comunidades online abrangiam uma ampla faixa de interesses sociais e culturais humanos, incluindo: associações comerciais; grupos políticos e **grupos de discussão política**; grupos de *hobby*; grupos de fãs de esportes, música, programas de televisão e celebridades; grupos comunitários; grupos de estilos de vida [...]. Estar em contato com uma comunidade online é, cada vez mais, um componente comum das vidas sociais das pessoas. A maioria dos membros de comunidades online conecta-se com sua comunidade ao menos uma vez ao dia [...]. (KOZINETTS, 2014, p. 20). (grifos nossos).

Se conectar à sua comunidade virtual online se tornou uma experiência diária. O mundo é culturalmente diversificado, e o ciberespaço proporciona a criação de comunidades para cada uma dessas culturas. Grupos de religiosos, ateus, fãs de esporte, de televisão, entre tantas outras coisas. Ademais, o que nos interessa aqui são os grupos de “discussão política”, que no Brasil crescem atualmente devido ao momento ímpar no qual vivemos. Essa comunidade virtual chamada “Revoltados ON LINE” cresceu a cada dia, ganhando mais seguidores, maior difusão de suas ideias e publicações virtuais. Uma comunidade com um viés voltado para a direita, e nos interessa enquanto objeto de estudo da história. Por isso, pretendemos falar um pouco mais sobre o nosso objeto e a forma como o pesquisamos.

## CAPÍTULO 2

### OS “REVOLTADOS ON LINE” E A METODOLOGIA DE PESQUISA: A NETNOGRAFIA E O DISCURSO-SÍNTESE EM UM ESTUDO DE HISTÓRIA

Diante de tantas fontes que se mostram na contemporaneidade para o historiador, nós escolhemos uma página da rede social online *Facebook* como documento para buscar compreender as manifestações contra o governo federal no ano de 2014. Por isso, torna-se necessário especificar mais esse contexto histórico e o lugar que ocupou o *Facebook* naquele momento, mais precisamente as comunidades que se dedicaram a discutir e opinar na política brasileira, como é o caso da nossa fonte, os “Revoltados ON LINE”.

Outra relevância é detalhar mais a respeito da comunidade virtual citada, inserindo-a num contexto onde ascenderam outras comunidades que também se destacaram e compuseram o campo de discussão sobre a política nacional no ano de 2014, havendo aquelas com ideias semelhantes aos “Revoltados ON LINE”, mas também páginas com argumentos de oposição, de apoio ao governo, entre outras divergências. Ou seja, os “Revoltados ON LINE” afloraram em um momento propício, no qual comentar sobre a política brasileira se mostrou algo rotineiro, bastante praticado, onde outras comunidades também o fizeram e emergiram em âmbito nacional.

Neste capítulo também apresentaremos os métodos utilizados na pesquisa. Especificaremos a escolha do recorte temporal, e como selecionamos e capturamos as fontes. Será explicada a abordagem netnográfica que adotamos para a pesquisa no ciberespaço, e também o caráter qualiquantitativo deste trabalho, explicado pela metodologia do “Discurso do Sujeito-Coletivo” (DSC) com a utilização do “discurso-síntese”, método que detalharemos neste capítulo.

#### **2.1. Os “Revoltados ON LINE” imersos nas discussões sobre política nacional no *Facebook***

Já comentada em uma nota de rodapé neste texto, e pensamos nós que utilizada pela maioria dos possíveis leitores do trabalho, a rede social online *Facebook* é uma das mais populares atualmente. Lançado no ano de 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, todos estudantes da Universidade Harvard, o *Facebook* foi criado com intenções de ser uma comunidade virtual da própria

universidade, ou seja, possuía fins apenas universitários (PISANI; PIOTET, 2010, p. 48). Mas com a utilização dos usuários, esses que como já discutido no primeiro capítulo, com as suas ações, acabam modificando as funções da tecnologia, o *Facebook* tomou outros rumos e culminou numa das maiores redes sociais atualmente. Como nos mostra Francis Pisani e Dominique Piotet: “O Facebook, no início uma simples galeria eletrônica de fotos para estudantes universitários, expandiu-se grandemente por volta de 2006 e conheceu um grande sucesso” (2010, p. 34).

Como já comentado, o *Facebook* é gratuito para os usuários, gerando receita principalmente a partir de publicidade. Os participantes podem criar perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. O *Facebook* possui várias ferramentas, como o mural, mais conhecido por “Linha do tempo”, que é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos publicar vários tipos midiáticos para ele ver (textos escritos, conteúdo sonoro, audiovisual, apenas imagético, etc.). Esse conteúdo fica visível para qualquer pessoa com permissão para ver o perfil completo, e a junção dos *posts* de diferentes amigos em seus respectivos murais, aparecem separados no “*Feed* de Notícias”. Ou seja, uma junção das publicações dos seus principais amigos (ou páginas que você curte e segue) disponíveis para o seu acesso. O “*Face*”, como é mais conhecido, possui também aplicativos, jogos, eventos, com os mais diversos assuntos, onde os usuários podem convidar todos seus amigos para participar, curtir, etc <sup>11</sup>.

Pensando principalmente sobre o final do século XX e o início do XXI, que abrange até o presente momento, as transformações tecnológicas aconteceram com uma singularidade caracterizada pela velocidade. É comum que pessoas mais jovens sejam mais propícias para utilizarem essas novas tecnologias, e concomitantemente, os aplicativos e programas oferecidos por elas. As pessoas que nasceram em um período imerso nessas transformações, que vieram ao mundo com essas novas tecnologias já instauradas, são chamadas por Marc Prensky de “nativos digitais” (PISANI; PIOTET, 2010, p. 42-43). Essa categoria, mesmo possuindo suas diferenças internas, teria mais facilidade para praticar dessa cibercultura que se faz no ciberespaço. É por isso que é comum ver mais jovens participando de certas redes sociais online.

---

<sup>11</sup> Maioria das informações obtidas em: <<http://www.significados.com.br/facebook>>. Acesso em 04 de julho de 2016.

No entanto, no *Facebook*, diferente do *MySpace*<sup>12</sup>, por exemplo, os jovens representam grande parte dos usuários, mas não são os únicos a utilizar com intensidade a rede social. No *Facebook*, como também veremos corroborado pela nossa pesquisa, existe uma intensa participação de pessoas mais velhas, de gerações passadas (não nativos digitais), dos “imigrantes digitais”<sup>13</sup>, segundo Prensky. São pessoas que não nasceram com o mundo digital já instaurado, mas participam ativamente dessa cultura jovem.

Segundo Pisani e Piotet, isso acontece pois:

[...] um site como o Facebook, vindo da cultura universitária, apresenta uma maior mistura. Além disso, sua abertura ao grande público, em setembro de 2006, permitiu a entrada de muitos jovens desejosos de associar-se à cultura da rede das grandes universidades, mas também de pessoas mais velhas. Não houve, portanto, uma ruptura de gerações. O Facebook tornou-se em menos de um ano um dos sites mais utilizados no mundo, não somente graças aos jovens que o usam, mas também graças à reunião de todos os outros que ali encontram um interesse real. (PISANI; PIOTET, 2010, p. 44).

Assim, o *Facebook*, e a partir de suas várias funções, como criar grupos, páginas (que podem se denominar de comunidades), publicação de fotos, textos, vídeos, músicas, e o compartilhamento de informações não produzidas necessariamente pelo usuário, se mostrou uma enorme rede de interação online, aonde vimos surgir, no segundo semestre de 2014, o fortalecimento de algumas comunidades virtuais que usavam do ciberespaço do *Facebook* para discutir sobre política. Para ser mais exato em relação ao número de brasileiros que utilizam o *Facebook*, no final do ano de 2015, aproximadamente 103 milhões de brasileiros<sup>14</sup> estavam cadastrados nessa rede social. Sendo o número populacional da nação, segundo o website *Internet World Stats*, o de 204.259.812 em 2015<sup>15</sup>, podemos deduzir que aproximadamente 50% da população nacional utiliza o *Facebook*.

---

<sup>12</sup> *MySpace* é uma rede social que utiliza a Internet para comunicação online através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. É marcada principalmente pela juventude de sua população, principalmente pela presença forte da cultura musical que o sustenta (PISANI; PIOTET, 2010, p. 44).

<sup>13</sup> As duas definições de Prensky geraram algumas discussões sobre sua plausibilidade, e por isso, não tentaremos aqui explicitar quem dos pesquisados se encontra como um “nativo digital” ou como um “imigrante digital”, uma vez que é muito complicado definir quando uma nova tecnologia está pronta e os que nascem posteriormente a esse evento são mais propícios a aprender suas significações. A tecnologia se transforma a todo o momento, e existia antes do advento do ciberespaço e da cibercultura. Ainda assim, os termos aqui utilizados servem para dar mais clareza ao leitor de quem são os usuários do *Facebook* que foram pesquisados.

<sup>14</sup> Sobre estatísticas da população geral e os usuários da internet: <<http://www.internetworldstats.com/>>. Acesso em 01 de julho de 2016.

<sup>15</sup> Relação do total da população brasileira, com os que acessam a internet, e mais os usuários do *Facebook* disponíveis em: <<http://www.internetworldstats.com/south.htm#br>>. Acesso em 01 de julho de 2016.

É nesse meio virtual, nesse pequeno pedaço de todo o ciberespaço, e devido ao contexto histórico brasileiro no ano de 2014, que comunidades com interesses sobre a política ganharam certa repercussão para com os web atores brasileiros. Comunidades essas que surgiram em vários momentos da história do *Facebook*, mas que ganharam corpo principalmente com as turbulências que marcaram o início do segundo mandato do governo de Dilma Rousseff. Mais precisamente sobre os “Revoltados ON LINE”, esses ganharam repercussão no período eleitoral do ano de 2014, ou seja, ainda no final do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff.

Cabe citar aqui algumas dessas comunidades que compuseram o contexto histórico naquele momento, e que ainda possuem enorme influência atualmente, tal como os “Revoltados ON LINE”. São algumas delas: “MBL – Movimento Brasil Livre”, “Jovens de Direita”, “Iconoclastia Incendiária”, “Jovens de Esquerda” e “Meu Professor de História”. As páginas aqui citadas são para elucidar que mais grupos com pensamentos parecidos emergiram nessas discussões sobre o governo federal, que marcam principalmente o final do ano de 2014 (de Julho a Dezembro), permanecendo até o presente momento<sup>16</sup>. Desde o segundo semestre do ano de 2014, nosso recorte temporal para este trabalho, muitos acontecimentos vieram para engrandecer as discussões sobre pesquisas no âmbito virtual. Dizemos isso, pois, no início desta pesquisa estávamos no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, e terminamos este trabalho com o *impeachment* já ocorrido, estando o país na posse do presidente Michel Temer (PMDB). Vemos mais uma vez como é interessante o estudo do tempo presente, pois esse é movediço, inesperado. No presente, não possuímos o “aval da sequência” (RÉMOND, 1999, p. 55), como já mencionado, para sabermos os resultados “concretos” da contemporaneidade (se é que isso pode ser possível, afinal, a História muda as suas perspectivas ao longo do tempo, sendo essa uma de suas maiores belezas).

Atualmente a comunidade estudada está bloqueada, como esclarecemos melhor em nota de rodapé. Ainda assim, junto com as outras citadas acima que agora comentaremos melhor, possuem mais difusão do que no final de 2014. Ou seja, o momento que escolhemos para pesquisar é anterior às maiores manifestações (ocorridas em 2015 e 2016), mas é o

<sup>16</sup> No momento em que escrevo, a página “Revoltados ON LINE” foi proibida de ser acessada pelo *Facebook*. Poucas informações foram tidas até agora sobre a causa desse acontecimento. No entanto, um dos administradores da página, Marcello Reis, publicou um vídeo na internet lamentando o ocorrido e dizendo ser Ricardo Lewandowski, atual presidente do Supremo Tribunal Federal, um dos responsáveis por tal ato. A data do bloqueio realizado pelo *Facebook* foi: 28 de agosto de 2016. O bloqueio pode ser provisório, e segundo informações do *Twitter* da página, estes estão fazendo o possível para que a comunidade volte à ativa. Vídeo disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/pagina-revoltados-on-line-e-retirada-do-ar-pelo-facebook/>>. Acesso em 03 de setembro de 2016.

momento onde essas discussões se iniciaram, e no caso dos “Revoltados ON LINE”, foi quando ganharam amplitude, reconhecimento.

Sobre as páginas comentadas acima, as duas primeiras possuem ideias semelhantes as dos “Revoltados ON LINE”, nas quais se posicionam afirmando que são de direita (“MBL – Movimento Brasil Livre” e “Jovens de Direita”). As outras três se apresentam enquanto páginas de esquerda (“Iconoclastia Incendiária”, “Jovens de Esquerda” e “Meu Professor de História”). Foi por isso que selecionamos três de cada “lado”<sup>17</sup>, ou melhor, três com ideias semelhantes sobre a política nacional, e as outras três que também possuem suas regularidades enunciativas parecidas, em contraponto com as primeiras.

A página “MBL – Movimento Brasil Livre”<sup>18</sup> foi criada em novembro de 2014, possuindo 1.347.061 curtidas. Se nomeia como uma ONG (organização não governamental) que não possui fins lucrativos, com o intuito de mobilizar os cidadãos para lutar por uma sociedade mais justa. Segundo informações da comunidade: “Defendemos a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia”<sup>19</sup>. Já a página “Jovens de Direita”<sup>20</sup> se nomeia como comunidade e possui 184.169 curtidas, e não informa a data de criação. Visitando a página do *Twitter* dessa comunidade, podemos ver que esta está ativa desde março de 2014. É comum que essas comunidades acabem defendendo algumas figuras políticas, como é o caso da “Jovens de Direita”, que em sua foto de perfil possui uma imagem onde está escrito: “#SomosTodosBolsonaro”. Claramente uma alusão à possível candidatura já anunciada à presidência em 2018 por/de Jair Bolsonaro. Este que se mostra um ídolo da maioria dessas comunidades com interesses parecidos com as citadas acima.

Sobre as comunidades que se dizem de esquerda, a primeira selecionada é a “Iconoclastia Incendiária”<sup>21</sup>. Esta se apresenta enquanto um “site educacional”, mas todas são páginas do *Facebook*. Foi criada em 2012, e possui 511.356 curtidas. Segundo a sua descrição, possuem o objetivo de realizar uma “análise realista dos mitos e ícones”, revelando a manipulação dos discursos e os seus manipuladores. Uma rápida olhada na página e é

<sup>17</sup> É comum perceber nessas redes sociais online um tal “lado” que cada uma delas escolhe. Geralmente as comunidades que são contra o governo petista, usam de argumentos muito parecidos entre elas, existindo poucas divergências. O mesmo ocorre às páginas citadas que defendem a permanência do governo.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

<sup>19</sup> Informações retiradas na descrição da página. Disponível em: <[https://www.facebook.com/mblivre/info/?entry\\_point=page\\_nav\\_about\\_item&tab=page\\_info](https://www.facebook.com/mblivre/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info)>. Acesso em 03 de julho de 2016.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/IconoclastiaIncendiaria/?fref=ts>>. Acesso em 03 de Julho de 2016.

possível perceber que defendem a tolerância religiosa, a causa LGBT <sup>22</sup>, são contra o *impeachment*, e criticam aqueles que são a favor: se manifestam contra os políticos e as páginas que são oposição ao governo do PT. A “Jovens de Esquerda” <sup>23</sup>, tendo atividades que datam desde 2014, possuem 276.223 curtidas. Em sua descrição, vemos: “Na luta contra o fascismo, racismo, machismo e homofobia”. Com uma rápida olhada na página, vemos críticas ao político Eduardo Cunha, ao governo interino de Michel Temer (vice de Dilma Rousseff), e apoio à ex-presidente Dilma Rousseff. Por fim, sobre a última selecionada para apresentar esse contexto histórico e virtual que se instaura o nosso objeto de estudo, temos a página “Meu Professor de História” <sup>24</sup>. Com publicações datadas de 2013, a página possui 415.230 curtidas, definindo-se enquanto uma “causa”, que tem como principal objetivo “desmentir reacionários”, informações que podemos observar em suas descrições. Nas suas postagens vemos críticas ao neoliberalismo, ao governo interino de Michel Temer, ao político Jair Bolsonaro <sup>25</sup>, entre outros.

Apresentadas essas páginas, frisamos que os “Revoltados ON LINE” estão inseridos nesse contexto, onde se assemelham mais com as primeiras comunidades citadas (aquelas que são contra o governo petista, marcadas por um extremismo de direita política). Cabe dizer que com a apresentação dessas comunidades, pudemos notar as dificuldades de lidar com as novas mídias enquanto objeto de pesquisa. Devido à falta de metodologias, assunto já tratado no primeiro capítulo, é preciso que o pesquisador saiba adaptar metodologias para o uso no ambiente virtual, e é o que fizemos com nossas abordagens. Isso acontece, e possivelmente é algo que deverá acontecer nas próximas pesquisas no ambiente virtual, pois, as interfaces desses websites mudam constantemente, alterando ferramentas, excluindo documentos, editando, etc. São fontes de caráter “movediço”: os documentos podem ser deletados, alterados, publicados, editados e republicados em outro local do ciberespaço, em outra data (RAMOS, 2012, p. 669). Um acontecimento interessantíssimo foi o próprio bloqueio, realizado pelo *Facebook*, da página que estudamos. Felizmente, num dos processos dessa pesquisa, capturamos todas as informações que seriam necessárias para este trabalho.

<sup>22</sup> LGBT é o acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/JovenseEsquerda>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Meu-Professor-de-Hist%C3%B3ria-361291767338033/?fref=ts>>. Acesso em 03 de julho de 2016.

<sup>25</sup> Abro essa nota de rodapé para esclarecer as menções ao deputado federal Jair Bolsonaro por ambas as páginas. É uma figura que ganhou força durante esses movimentos, e na nossa interpretação, pensamos que essa difusão veio principalmente pelo meio virtual. Devido às suas opiniões radicais, Jair Bolsonaro ascendeu politicamente e especialmente nesse contexto histórico que estamos tratando. A sua imagem hoje carrega toda uma construção simbólica em torno do político, onde uns amam, e outros odeiam. O processo histórico no qual a ascensão dessa figura se deu possui fortes resquícios no meio virtual, sendo um bom lugar para o historiador que pretenda investigar o assunto.

Essas comunidades também são exemplos de grupos que ultrapassam o ambiente online, ou grupos que já existiam no espaço real e foram para o virtual. Algumas informações referentes às datas de criação nós tivemos que pesquisar em outros lugares do ciberespaço, onde essas comunidades também possuem suas páginas (outras redes sociais). Robert Kozinets nos instruiu sobre a possibilidade disso acontecer, pois muitas das comunidades online já existiam fora deste espaço, e se utilizam do ciberespaço para ampliar seus horizontes (KOZINETTS, 2014, p. 20).

Mesmo apresentando algumas das comunidades “em alta” nas discussões políticas de 2014, vale lembrar que o nosso objeto específico é a página do *Facebook* “Revoltados ON LINE”, e que as informações e o que apresentamos das outras, aconteceu após rápidas interpretações. Utilizamos delas para elucidar o contexto histórico em que se insere a comunidade em estudo, e as interpretações que fizemos das restantes correspondem a curtas observações que fizemos destas. Já sobre o nosso objeto em si, os “Revoltados ON LINE”, passamos um tempo notadamente maior analisando, sendo esse acompanhamento uma das atividades metodológicas.

Um pouco acima dissemos que essas comunidades apresentam certas semelhanças, aparentando dois lados diferentes. É válido esclarecer que algumas dessas comunidades não dizem defender algum “lado” político (uma esquerda ou uma direita política), mas ainda assim as publicações dessas páginas acabam categorizando-as para uma das opções (ou mais esquerda, ou mais para a direita). É um ambiente que muitas vezes se mostrou superficial nas discussões, mas que de irrelevante não possui nada. São pessoas tomando decisões ao escolher qual das publicações elas concordam, e quais discordam. Mesmo o ambiente de discussão parecendo ser muitas vezes mani queísta (e é possível que entre os administradores das páginas realmente seja), muitos brasileiros interagem e buscam se informar por essas publicações, tomam decisões a partir do que ali leem, escutam, assistem. Fazem escolhas e se formam seres de opinião política e pública praticando a cibercultura. Mas também existem os casos de comunidades que nitidamente se posicionam, como os dois exemplos citados: “Jovens de Direita” e “Jovens de Esquerda”.

Mesmo estudando aqui uma comunidade que se apresenta como defensora de uma “direita política”, que se posiciona contra o governo federal, a favor do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, possuindo apoiadores da possível candidatura de Jair Bolsonaro para presidente em 2018, é preciso deixar claro que não tomaremos posições políticas. Não defenderemos nenhum dos “lados”. Não defendemos que exista imparcialidade no meio científico, mas não cabe a nós aqui fazer qualquer tipo de apologia ou condenar as

ideias levantadas, mas sim trazer esse conteúdo para ser analisado cientificamente. O nosso objetivo é estudar esse movimento que se denomina de direita, e que se manifesta no ciberespaço, mais especificamente, no *Facebook* durante a segunda metade de 2014.

Já utilizamos bastante a expressão “Revoltados ON LINE” neste texto, mas não nos demoramos em suas características mais detalhadas. Esta página foi criada no dia 01 de agosto de 2010, com os objetivos já citados de se manifestar contra o então atual governo petista. Naquele momento ainda não haviam ocorrido às eleições de 2010. No dia 31 de outubro de 2010 o Brasil presenciou o segundo turno de votação para a Presidência da República, e Dilma Rousseff foi vitoriosa, iniciando o seu primeiro mandato em 01 de janeiro de 2011. Como puderam perceber, o período que escolhemos para analisar nossa fonte perpassa o momento eleitoral de 2014 e, conseqüentemente, a reeleição de Dilma Rousseff.

A comunidade virtual, em seus primeiros anos, não mostrou ser muito reconhecida, havendo publicações de vários tipos (não todas direcionadas à política). Postagens com mensagens de “bom dia” e “boa noite” foram notáveis nos três primeiros anos dos “Revoltados ON LINE”. Havia sim as publicações de política, mas essas eram pouco reconhecidas, praticamente sem comentários ou repercussão. Já no ano de 2014, no qual cada vez mais se aproximava do período eleitoral, essa página ganhou uma repercussão enorme, e atualmente possui sua força notável na formação política pessoal de muitos brasileiros.

Possuindo 1.694.293<sup>26</sup> de curtidas, a página, no local que visualizamos as suas informações gerais, mais especificamente na sua “Descrição curta”, esta se define como: “Somos uma ORGANIZAÇÃO DE INICIATIVA POPULAR DE COMBATE aos corrupTos do PODER”<sup>27</sup>. Vemos claramente uma menção ao Partido dos Trabalhadores com a utilização de forma maiúscula das letras “p” e “t” na palavra “corruptos”. É uma referência objetiva de que a página tem por função combater e se manifestar contra o PT. Assim que um web ator acessa a página desta comunidade, ele verá a sua foto de perfil (um logotipo do próprio “Revoltados ON LINE”) e a sua foto de capa (uma bandeira do Brasil)<sup>28</sup>. Fora as imagens citadas, os usuários podem perceber a possibilidade de doação e de compras de produtos vendidos pela comunidade, sendo alguns deles: bonés, camisetas, bonecos miniaturas de algumas figuras públicas, entre outros.

A possibilidade da doação pessoal para a página é um detalhe importante, pois vemos aqui uma das diferenças do “Revoltados ON LINE” para o “MBL – Movimento Brasil Livre”,

---

<sup>26</sup> Dia 01/07/2016.

<sup>27</sup> Acervo pessoal, não mais disponível online.

<sup>28</sup> 20/11/2015. Pelo fato de a página estar bloqueada, estas são as últimas referências que foram salvas por nós sobre a página, sendo impossível uma data mais próxima do que as que estão nas imagens que capturamos.

que se declarava uma ONG sem fins lucrativos (mesmo nós não sabendo ao certo como funciona o seu financiamento). Já o “Revoltados ON LINE”, a página não esconde seu interesse no financiamento do público, pois, segundo os administradores, é assim que esta se sustenta. Por isso, em várias publicações, assim como no perfil, é possível ter acesso a algumas contas bancárias onde as pessoas podem doar seu dinheiro para financiar os atos dos “Revoltados ON LINE”. Vemos o respaldo e o sucesso disso nas publicações e nos comentários, onde muitas pessoas dizem que ajudaram, que doaram, e acabam incentivando (direta e indiretamente) outras pessoas a fazerem o mesmo. Assim, o “Revoltados ON LINE” acabou se firmando um grupo totalmente organizado e financiado por todos os que acreditam e defendem as mesmas opiniões dos administradores da página.

Para detalhar mais, segundo alguns trechos da própria “Descrição Longa” da página:

Filosofia: Revoltados ON LINE é a tentativa do ser humano de fazer valer o seu valor, contra tudo aquilo que o humilha. Os covardes nunca começam, os fracassados nunca terminam, os VENCEDORES nunca DESISTEM. Então há esperança. [...]

LEVEMOS À AÇÃO: JÁ NÃO BASTA MAIS INDIGNAÇÃO. PRECISAMOS AGIR! [...]

Meta: FAZER O BEM SEM VER A QUEM, mesmo que seja ON LINE, alguém será beneficiado com a sua atitude.

Objetivo: Humanizar a comunicação do bem, trazendo você o mais próximo da **realidade**.

Atitude: O verdadeiro espírito de revolta consiste justamente em exigir a felicidade aqui nesta vida.

Informação: Queremos o nosso Brasil fora das mãos sujas de corruptores e de **mensalões**.

Foco: EXTERMINAR A POUCA VERGONHA DA IMPUNIDADE BRASILEIRA. [...] <sup>29</sup>. (Grifos nossos).

Vemos principalmente o caráter de revolta, de ação da página. Com o intuito de acabar com a impunidade dos políticos corruptos do Brasil, pelo menos é isso que se informa na descrição acima, os administradores da página deixam uma referência clara neste trecho quando comentam sobre o escândalo do mensalão <sup>30</sup> dos anos de 2005 e 2006. Momento em que a imagem do PT sofreu um forte ataque devido às notícias de corrupção. Enfim, a referência é claramente ao PT. Mesmo essa descrição se mostrando mais ampla, um discurso contra a corrupção total, é notável, a partir das publicações veiculadas pela página, que as

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline>>.

<sup>30</sup> O escândalo do mensalão foi quando o político Roberto Jefferson “[...] deu sua famosa entrevista em que acusava o tesoureiro do PT Delúbio Soares de pagar um mensalão (uma mensalidade) para que deputados da base aliada apoiassem o Governo Lula.” (SECCO, 2011, p. 215).

manifestações e as críticas por ela publicadas são contra os governos petistas (tanto do Lula quanto da Dilma) e seus programas sociais, seus ideais, suas formas de governar.

Assim, a comunidade dissemina diversas ideias que possuem sobre o governo, várias noções e conceitos sobre política. Possuindo diversos objetivos ao longo desses anos, o *impeachment* de Dilma Rousseff era um deles. Mesmo este não estando dentro do recorte temporal que escolhemos para este trabalho, cabe dizer que os “Revoltados ON LINE” tiveram uma influência enorme (tanto na formação das pessoas durante esse tempo, quanto na repercussão e pressão sobre os políticos) na aprovação deste processo de *impeachment*. Com este já realizado, segundo a página, o seu objetivo agora é voltar à ativa, já que ainda estão bloqueados, e posteriormente, retornar à sua campanha que tem por objetivo a prisão do ex-presidente Lula.

Esta primeira parte da descrição demonstra bem o caráter de ação da comunidade, de tomar atitude para atingir seus objetivos. Essas ações que também se expressarão nas publicações, ou seja, online, não podem ser desvinculadas das manifestações de rua organizadas e divulgadas pela comunidade. Essas manifestações foram frequentes entre os anos de 2014 e 2016, massificando uma manifestação que também se fazia online.

O próximo trecho, também retirado da “Descrição Longa” da página, enfatizará o significado e a justificativa do conceito “on line” estar inserido no nome junto a “Revoltados”:

Em linha, online ou on-line é um anglicismo advindo do uso da internet, sendo em linha uma tradução literal de on-line, pouco usada no português. [...] “Estar online” ou “estar em linha” significa “estar disponível ao vivo”. No contexto de um web site, significa estar disponível para acesso imediato a uma página de Internet, em tempo real. Na comunicação instantânea, significa estar pronto para a **transmissão imediata de dados**, seja por meio falado ou escrito [...] <sup>31</sup>. (Grifos nossos).

Este pequeno trecho caracteriza bem uma das principais funções da página: a informação instantânea. Não só a difusão de imagens, vídeos e textos de todos os “cantos” do ciberespaço, que demonstram as suas ideias sobre o governo, os “Revoltados ON LINE” tinham como uma relevante atividade a informação instantânea do seu cotidiano militante para os seus seguidores (os curtidores da página, membros da comunidade). O administrador da página, Marcello Reis, publicava diariamente vários vídeos de sua autoria, estando ele presente nessas gravações, mostrando os trabalhos que a comunidade realizava, mostrando em

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline>>.

quais situações estavam, as manifestações, os protestos, etc. Todas as atividades que o grupo administrador da comunidade realizava era informado na linha do tempo do *Facebook*. Assim, os web atores não só se formavam, discutiam e opinavam sobre política através da leitura da página sobre a conjuntura histórica do nosso país, como também acompanhava as atividades que os “Revoltados ON LINE” realizavam, podendo aqueles que doavam seu dinheiro, saber o que fora realizado com esse financiamento. Com essa “transmissão imediata de dados”, como nos mostra o trecho citado acima, os web atores que curtiam a página se informavam das manifestações e do que acontecia em Brasília <sup>32</sup> a partir da visão dos “Revoltados ON LINE”.

As citações das descrições da página não demonstram especificamente as temáticas mais abordadas pela comunidade. Elas apenas dão uma noção de que a página possui o interesse de se manifestar e informar aos brasileiros sobre os políticos corruptos, convidando a massa populacional a se manifestar contra esses. Com o discurso de aproximar as pessoas de uma “realidade”, buscando combater a corrupção no Brasil, a página se reveste de um caráter heroico, disseminando estereótipos de heróis e vilões, endeusando e demonizando personagens político. Essas características serão vistas e mais bem detalhadas na análise das fontes. Justamente por isso, passamos aos métodos de seleção, captura e tratamento da fonte, que foram utilizados por nós neste trabalho.

## **2.2. A Netnografia e o Discurso do Sujeito Coletivo**

Para podermos realizar a análise das fontes, após ter escolhido estudar tal comunidade virtual, tivemos que adotar métodos diferentes e adaptá-los à operação historiográfica. Afinal, é um tipo totalmente novo de fonte para o estudo da História. Na falta de metodologias específicas para se estudar redes sociais online dentro do campo da ciência da História, adotamos a metodologia da Netnografia.

Como nos ensina Roger Chartier: “O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. [...] Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera” (2002, p. 25). É uma fonte com um caráter movediço, em um momento está ali, e em minutos depois pode ser excluída, ou modificada, e aquela fonte a

---

<sup>32</sup> O grupo administrador da página realizava várias viagens à Brasília e mantinha presença na frente do Palácio do Planalto, realizando manifestações e buscando se informar e também informar seus seguidores de alguns temas da política contemporânea brasileira.

qual você tinha acesso agora já se tornou outra, com um conteúdo novo, com duas palavras a mais ou a menos. Enfim, é uma fonte que se modifica constantemente e com muita rapidez.

Dessa forma, Fábio Chang de Almeida nos mostra que:

[...] o pesquisador do Tempo Presente tem acesso exclusivo a esse material, pois ele só é acessível em uma restrita janela temporal. Como se estivesse em um trabalho de “arqueologia do salvamento”, o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação. Não fosse a sua intervenção, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo. (ALMEIDA, 2011, p. 16).

O historiador nos atenta para isso, pois, muitos *sites* são retirados do ar, excluídos, sem aviso prévio. O que também pode ocorrer com informações, publicações, etc. Assim, coube a nós, antes da análise, a captura dessas fontes. Utilizando o recurso *Print Scream* do sistema operacional *Windows*, capturamos em formato de imagem todas as publicações e os comentários que seriam analisados.

Preservamos a informação conosco, em um ambiente *off-line*, para que não tivéssemos possíveis empecilhos caso o *site* ou a página fosse retirada do ar, como foi o que aconteceu com o próprio “Revoltados ON LINE” e que já detalhamos neste capítulo. Caso não tivéssemos salvado essas publicações, não teríamos mais acesso à fonte e isso prejudicaria notavelmente este trabalho. O retorno à comunidade, mesmo com todas as publicações já salvas, foi constante, pois, também como um método de pesquisa, era necessário retornar ao ambiente original do documento, e verificar o perfil de alguns dos comentadores das publicações. Ao fazermos isso, percebemos que o “Revoltados ON LINE” é uma comunidade muito frequentada por adultos. Jovens também aparecem, mas não são a maioria, o que é um detalhe bem diferente de muitas comunidades brasileiras do *Facebook*, que possuem a sua predominância de jovens.

Feita a escolha da fonte, o delineamento temporal, e todo o processo de captura e guarda das publicações e seus respectivos comentários, os aparatos metodológicos da “Netnografia” nos ajudaram a lidar com os “Revoltados ON LINE”. “Netnografia” foi um termo cunhado em 1995 por pesquisadores norte americanos (AMARAL, et al, 2008, p. 34) e surgiu principalmente em pesquisas relacionadas as áreas do *marketing* e do consumo (KOZINETS, 2014, p. 10). A netnografia não é apenas a transposição da etnografia para o ambiente virtual, pois muitas de suas características são diferentes se tratando do ciberespaço. É um método que se altera, que se constrói a cada pesquisa, pois as interfaces que o ciberespaço nos oferecem são as mais diversas, sendo complicado haver apenas um método

que abranja a todas. Por isso, tomamos a netnografia como uma metodologia adaptativa (AMARAL, et al, 2008, p. 37). Tendo a possibilidade de fazer netnografia de várias maneiras, se torna necessária explicitar o nosso método de análise, onde não intervimos na comunidade com perguntas, entrevistas e etc. Nós analisamos aquilo que já está publicado, ou seja, não interferimos para conseguir a nossa fonte. São publicações e comentários que foram publicados sem pergunta alguma os mediando. É como se fosse aberta “[...] uma janela ao olhar do pesquisador sobre comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço fabricado para pesquisa [...]” (AMARAL, et al, 2008, p. 36).

A netnografia nos auxilia a compreender as práticas culturais complexas que se desenvolveram/desenvolvem no ciberespaço, lidando com “[...] ideias fundamentadas e abstratas, significados, práticas sociais, relacionamentos e sistemas simbólicos” (KOZINETS, 2014, p. 31). Essa metodologia também leva em conta “[...] os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro das comunidades virtuais (AMARAL, et al, 2008, p. 35). Vale lembrar que pelo fato de a pesquisa trabalhar com o segundo semestre de 2014, ou seja, um recorte, ela não dá conta da comunidade inteira, dos seus avanços e transformações nos anos que se passaram, nem do seu início até 2014. O recorte se insere dentro desse processo histórico, e temos que estar conscientes que analisamos “[...] um recorte comunicacional das atividades de uma comunidade online, e não a comunidade em si [...]” (AMARAL, et al, 2008, p. 39).

Nesse recorte temporal no espaço virtual, selecionamos 10 publicações da página, abrangendo de julho a dezembro. Essas correspondem à maioria das postagens de cunho “público”<sup>33</sup> inseridas nesse recorte temporal. Não nos importando apenas as publicações, os comentários referentes a cada postagem também foram salvos e analisados. Sendo assim, a partir das publicações e dos comentários, as regularidades enunciativas serão consideradas não apenas quantitativamente, mas segundo um discurso-síntese (qualiquantitativamente). A técnica do discurso-síntese procura blocar opiniões. Ou seja, no discurso-síntese se reúnem “conteúdos e argumentos que conformam opiniões semelhantes” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 17). Assim, se remete às respostas semelhantes como se fosse um depoimento único (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 19). Esta metodologia denominada Discurso do Sujeito

---

<sup>33</sup> Estamos nos referindo às publicações que se mantêm na linha do tempo da comunidade. Não levando em conta as outras partes da comunidade, como os álbuns de imagens, vídeos e etc. Essas publicações da linha do tempo abrangem diversos formatos midiáticos (imagens, vídeos, textos), mas nem todas as fotos ou vídeos que ficam no álbum, estão visíveis na linha do tempo. Devido a isso, optamos por essa metodologia de amostragem selecionando 10 publicações.

Coletivo (DSC), produzida na Universidade de São Paulo desde 1990, serve ao propósito de reunir depoimentos verbais e não-verbais em discursos-sínteses, entendendo que em qualquer sociedade os sujeitos compartilham e também divergem em ideias, noções, opiniões e representações, e por isso mesmo, estas podem ser percebidas conforme “padrões”, fazendo o pensamento coletivo “falar diretamente” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 24). O discurso-síntese não deixa de ser uma forma de categorização, uma forma de reconhecer, diferenciar e classificar aproximadamente as representações sociais.

A partir dessas considerações metodológicas, analisamos primeiramente a parte quantitativa das publicações (quantas curtidas cada uma possuía; quantos comentários e compartilhamentos; o tipo de informação e a data).

Dito isso, segue abaixo a tabela das publicações escolhidas para estudo analisadas quantitativamente:

**Tabela 1: Dados das publicações analisadas**

<b>Número</b>	<b>Data</b>	<b>Tipo</b>	<b>Curtidas</b>	<b>Compartilhamentos</b>	<b>Comentários</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	08/07/2014	Vídeo	1,1 mil	20.004	196
<b>2<sup>a</sup></b>	13/10/2014	Vídeo	264	2.706	81
<b>3<sup>a</sup></b>	16/10/2014	Imagem	3,8 mil	31.313	528
<b>4<sup>a</sup></b>	24/10/2014	Vídeo	133	01	22
<b>5<sup>a</sup></b>	25/10/2014	Vídeo	1,5 mil	05	168
<b>6<sup>a</sup></b>	05/11/2014	Evento	3.824	95	217
<b>7<sup>a</sup></b>	07/11/2014	Evento	2.087	43	93
<b>8<sup>a</sup></b>	03/12/2014	Imagem	6.723	1.689	322
<b>9<sup>a</sup></b>	04/12/2014	Vídeo	19 mil	38.640	3.805
<b>10<sup>a</sup></b>	05/12/2014	Vídeo	24.896	233.117	3.846

Como podemos ver, as 10 publicações escolhidas possuíram números significativos de curtidas, compartilhamentos e comentários (apenas a quarta com 22 comentários e só 01 compartilhamento). A tabela explicita também o caráter de multimídia das postagens tomadas para estudo, onde temos seis vídeos, duas imagens, e dois eventos de *Facebook*. É importante frisar que todas as publicações mesclam as mídias citadas com textos escritos, também levados em conta. Ou seja, é um novo tipo de mídia que se reutiliza das mídias de outros veículos de comunicação, dando novos significados e objetivos para estas.

No que se refere aos conteúdos de cada publicação, detalharemos isso no terceiro capítulo deste texto, cujo foco será a descrição dessas publicações, e a análise dos comentários. Para uma melhor transparência da nossa análise, apresentaremos 11 gráficos, um para cada publicação, que farão alusão às regularidades temáticas dos comentários referentes a cada postagem; e um gráfico final que irá categorizar os tipos de discursos recolhidos com a pesquisa. Ou seja, apresentaremos as publicações e as informações nelas contidas; em sequência, para cada publicação, exibiremos um gráfico que mostrará os temas mais presentes de todos os comentários daquela publicação; então, analisaremos algumas falas específicas dos web atores que comentaram ali; e por último, produziremos discursos-síntese em tópicos para cada publicação e seus respectivos comentários. Assim, pretendemos atingir o objetivo de realizar uma pesquisa qualiquantitativa, ou seja, não levaremos em conta apenas a parte numérica da pesquisa, mas também toda a informação advinda da análise, as opiniões que as pessoas publicizaram através do *Facebook*, as ideias sobre o governo federal e as manifestações contra tal governo.

### **CAPÍTULO 3**

#### **A ANÁLISE DAS IDEIAS E MANIFESTAÇÕES SOBRE O GOVERNO FEDERAL A PARTIR DAS PUBLICAÇÕES E DOS COMENTÁRIOS**

Na terceira parte deste trabalho, apresentaremos as 10 publicações selecionadas para a análise, das quais a tabela presente no capítulo anterior faz referência. Com o objetivo de produzir um estudo netnográfico por uma perspectiva qualitantitativa, vamos expor os resultados de cada publicação a partir de gráficos e “discursos-síntese”. Assim, neste capítulo, o leitor poderá acompanhar a análise realizada sobre a fonte “Revoltados ON LINE”.

Inicialmente, apresentaremos a primeira publicação analisada, dando suas principais informações, e na sequência colocaremos um gráfico referente aos temas mais regulares dos comentários da tal publicação. Após o gráfico, analisaremos alguns desses comentários presentes na publicação que façam referência às partições existentes no gráfico. E por último, exibiremos um “discurso-síntese” que represente o gráfico. E assim seguiremos de publicação em publicação.

É importante lembrar que as publicações possuem temas diversos, como veremos. No entanto, isso não significa que os comentários referentes a cada publicação façam alusão, necessariamente, ao tema dessa publicação. No ciberespaço, muitas vezes, vemos como característica uma comunicação assíncrona, na qual as respostas geralmente não se apresentam na forma imediata (RECUERO apud RAMOS, 2012, p. 672). Isso também possibilita o não aparecimento de discussões “profundas” sobre apenas uma temática, nas quais alguns comentadores argumentam sobre vários assuntos, outros se limitam a apenas um, existindo assim, várias temáticas nos comentários de qualquer publicação analisada. Para sermos mais claros: uma publicação que possivelmente tenha como tema principal a defesa de que o governo petista é comunista terá muitos comentários sobre esse assunto. Mas isso não é uma regra, e por isso, veremos diversas temáticas surgirem nos comentários dessa publicação, não só referentes ao comunismo, mas também sobre pedidos de intervenção militar, sobre os programas sociais do governo federal, entre outros. Esta foi uma alegoria para clarear as características das manifestações e noções que veremos a seguir. Agora, vamos a elas.

### 3.1. As manifestações e ideias dos “Revoltados ON LINE” antes das eleições de 2014

A primeira publicação analisada foi postada no dia 08 de julho de 2014, sendo um vídeo com 1,1 mil curtidas e 196 comentários. Como já dissemos, no ciberespaço existe uma relação muito forte entre os tipos midiáticos. Logo, o vídeo vem acompanhado do seguinte texto:

*“100% ANTICOMUNISMO!  
ASSISTA E DEPOIS VIBRE COM AS ARMAÇÕES DA FIFA E DESTE  
CARTEL DA CORRUPÇÃO, ORGANIZADO EM SUA PÁTRIA!  
DANIEL BARBOSA  
REVOLTADO ONLINE EM DEFESA DE DEUS, DA FAMÍLIA, E DA  
PÁTRIA” (Masculino, 2014).*

O conteúdo do vídeo é uma montagem com recortes de falas do ex-presidente Lula em uma entrevista que este deu para uma rádio, no qual o nome do programa era: “Café com o Presidente”. Com as falas datadas de 22 de fevereiro de 2010, o autor do vídeo mistura algumas falas do presidente, com algumas imagens de ruas e portos sucateados, estradas alagadas, dando ênfase negativa à fala do ex-presidente. Em sua entrevista, o áudio que temos de Lula, este diz sobre os investimentos que pretendia realizar em Cuba. O vídeo se utiliza desse trecho da entrevista para criticar o sucateamento de espaços nacionais, dando a entender que Lula estaria mais interessado em ajudar Cuba do que o Brasil. Vemos como as manifestações de 2014, mesmo com Dilma, naquele momento, já sendo presidente e também candidata à reeleição do mesmo ano, muitos argumentos daqueles que são contrários à presidente são dirigidos ao ex-presidente Lula, e não só para a presidente atual naquele momento.

Segue abaixo o primeiro gráfico, referente à publicação do dia 08 de julho de 2014:



**Gráfico 1: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 08.07.2014**

Como podemos ver no gráfico, a maioria dos comentários, 44%, referem-se à argumentos que em seu grosso estão contra o Partido dos Trabalhadores. Dada à grandeza da diversidade de comentários, tivemos que categorizar essas várias formas de se expor contra o PT nesta categoria: “Contra o PT”. Nela, enquadrámos aqueles comentários que apenas se manifestavam contra o partido, ou contra Lula e Dilma especificamente; os que chamavam todos do partido de corruptos; aqueles que consideravam que o Brasil, em 2014, já vivia uma Ditadura Petista, ou que faziam relações do PT com Cuba, Bolívia, e criticavam os programas sociais do PT, como o “Bolsa Família”.

Temos como exemplo dessa categoria os comentários:

*“LULA E DILMA: Os melhores presidentes que Cuba já teve!!!”*  
(Masculino, 2015)<sup>34</sup>.

*“Tem que mandar esse malandro do Lula para Cuba,,,, ladrão sem vergonha mafioso, comunista desgraçado, como podem ter eleito um analfabeto descarado como \Presidente???? Que Povo é esse Meu Deus!!!!????”* (Feminino 2015)<sup>35</sup>.

Vemos aqui dois exemplos de comentários que se encaixaram nos 44% dos “Contra o PT”, e também uma referência cruzada com outra categoria que é a “Crítica ao Comunismo” (7%). Nestes exemplos também vemos que mesmo as publicações sendo datadas de julho de

<sup>34</sup> Não informaremos os nomes dos autores dos comentários por uma questão ética e de respeito à privacidade, mesmo estes publicando por livre e espontânea vontade em um espaço de alcance público.

<sup>35</sup> Referência cruzada.

2014, os comentários foram postados no ano de 2015, o que caracteriza a comunicação assíncrona que havíamos comentado. Com a crítica ao comunismo já mostrada no comentários acima (ela virá várias vezes nas próximas publicações), passemos os pedidos de intervenção militar (5%).

*“Para resolver tudo isso e dar um tempo na corrupção, ingerência e na crescente de poder comunista, só uma intervenção das FFAA” (Masculino, 2015).*

Este comentário é um dos 5% que veem na intervenção militar a solução para a corrupção. Esta categoria ganhará forças ao decorrer do texto, como veremos. A crítica ao comunismo também é presente nesse comentário. Sobre a categoria de “Referência à morte” (4%) e “Brasileiro alienado”, temos, respectivamente:

*“Bandido bom é bandido morto. Cadeira elétrica para Lula e para sua laia de usurpadores sanguessugas” (Masculino, 2015).*

*“Brasileiros idiotas eu não votei.... não voto e jamais vou considerar está vagal como nossa presidente quero que ela morra” (Feminino, 2014).*

Como vemos, a ideia de que “bandido bom, é bandido morto”, corre, literalmente, em alguns dos comentários sobre a publicação. Sobre o “Brasileiro alienado”, são os comentários que colocam a culpa da ideia de um governo ruim, naqueles eleitores que colocaram tal governo no poder. A última citação acima pode ser uma referência cruzada para as duas categorias, tanto de relação com a morte, quanto de culpar os eleitores petistas, falando de forma generalizada da “alienação” do brasileiro.

Os 9% da categoria “Ir para a rua” são os comentários que buscam algum tipo de atitude. O nome da categoria veio principalmente das chamadas para as manifestações de rua, o que veremos em outras publicações. Já aqui, temos como exemplo:

*“Agora é o momento !! povo Brasileiro, vamos brigar contra tudo isso!! É Agora o nunca!!! Revolução já!!!” (Feminino, 2015).*

E por último, as categorias “Crítica solta” (11%) e “Outros” (9%), englobam comentários que apenas apresentaram suas lamentações, sem algum argumento que os encaixem em outra regularidade temática (em relação ao primeiro). Já o “Outros”, referindo-se a essa publicação, enquadra tanto os xingamentos (que não foram elevados o suficiente

para ter uma partição própria), como alguns comentários que não fazem sentido, não possuem o argumento, apenas alguma palavra ou um símbolo.

Como “discursos-síntese” dos comentários desta publicação, podemos apontar:

- São feitas críticas que relacionam Lula, Dilma, e o PT em geral, com relação a uma ideia de comunismo pejorativa, negativa;
- Manifestações contra as relações do governo petista com Cuba;
- Pedidos de intervenção militar como solução para acabar com a corrupção do Brasil;
- Penas de morte e condenação de Lula e Dilma, que são taxados de bandidos;

### 3.2. Período entre o primeiro turno (05 de outubro) e o segundo turno (26 de outubro)

A segunda publicação também é um vídeo, e é datado de 13 de outubro de 2014, possuindo 264 curtidas e 96 comentários. O vídeo foi montado por um dos organizadores da página, denominado Daniel Barbosa, onde este critica uma fala de Tarso Genro (filiado ao PT), na qual o criticado denuncia a mídia que fica contra o PT. O vídeo deixa claro em uma fala que o PT foi quem derrubou o regime militar, o único que havia realmente feito alguma coisa por esse país, segundo Daniel Barbosa.



**Gráfico 2: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 13.10.2014**

O segundo gráfico também possui partições compartilhadas com o primeiro, sendo elas: “Contra o PT” (44%); “Intervenção Militar” (2%); “Crítica ao Comunismo” (7%); e “Outros” (13%). Dessa forma, me atentarei às partições que ainda não haviam aparecido,

ainda assim sendo possível aparecer algum comentário que faça referência cruzada com alguma das outras partições, ou que nós achamos necessária a exposição de tal informação. Nesse gráfico, o tema “Xingamentos” (10%) ficou fora da partição “Outros”, pois teve uma regularidade mais elevada, apareceu mais vezes nesta publicação.

Segue abaixo alguns comentários que serão analisados:

*“Resumindo Daya um bando de vagabundo querendo uma fatia de quem trabalho. Va ver se Fidel reparte com o povo o que e dele, bosta nenhuma. Veja todos os países comunistas e veja se é assim”* (Masculino, 2014).

*“Só pro conhecimento geral da nação. Me acusaram de odiar pobre, de não querer pobre na universidade, não querer pobre pegando avião e de eu obrigar funcionário a votar no PSDB senão ia ser demitido [...]”* (Masculino, 2014).

*“porq este canalha está solto? cadeia neles- aécio 45”* (Masculino, 2014).

*“Kkkkkk vou rir de muitos pobres que votarem no Aécio, depois que perceberem que não terá aonde trabalhar afinal a Petrobrás já foi e voltará a ser Petrobrax, qdo o pobre não poder fazer uma faculdade, pq não terá programas de financiamentos, afinalll é sobre a Meritocracia que estamos falando não e mesmo, e aos méritos de quem tem dinheiro para pagar colégios para entrarem na faculdades públicas \*-\*-. Realmente será um sonho de governo^^ e um show de stand up!! [...]”* (Feminino, 2014).

Nesses quatro comentários acima, temos as representações das partições restantes. Vejamos o primeiro, por exemplo, onde temos a categoria “Xingamentos”, destinados dessa vez para os eleitores do PT, mas muitos também são diretos para a presidente Dilma Rousseff. Este primeiro comentário também se classifica como “Referência a Cuba” (4%), ao citar Fidel Castro, comparando os governos brasileiro e cubano.

O segundo e o terceiro comentário fazem alusão à partição “Defesa ao PSDB” (12%), no qual, ainda no período eleitoral, foi comum ver propagandas para o candidato Aécio Neves, que foi a principal oposição de Dilma Rousseff nas eleições de 2014. E por último, o quarto comentário citado acima, vemos críticas às ideias veiculadas pela comunidade “Revoltados ON LINE”, na qual a argumentação se baseia em criticar a meritocracia e candidato Aécio Neves, defendendo que caso este ganhasse, os pobres sairiam prejudicados. Ou seja, este comentário representa: “Críticas à Publicação” (8%).

Como “discursos-síntese” referentes ao gráfico:

- Muitos xingamentos direcionados a Lula e Dilma, sendo o PT tomado inteiro como corrupto, incluindo pedidos de prisão para Lula e Dilma;

- Os pedidos de intervenção militar se justificam enquanto uma luta contra o comunismo, que é tido como um mal para a humanidade;
- Críticas aos países comunistas e comparação de Brasil com Cuba, concomitantemente, a defesa do candidato à presidência do PSDB (Aécio Neves);
- Críticas contra a publicação, nas quais os que discordam das ideias veiculadas pela página criticam a meritocracia como modelo de vida, e defesa ao governo do PT aludindo que este ajuda os pobres, e com a sua saída, os menos favorecidos financeiramente sairiam prejudicados;

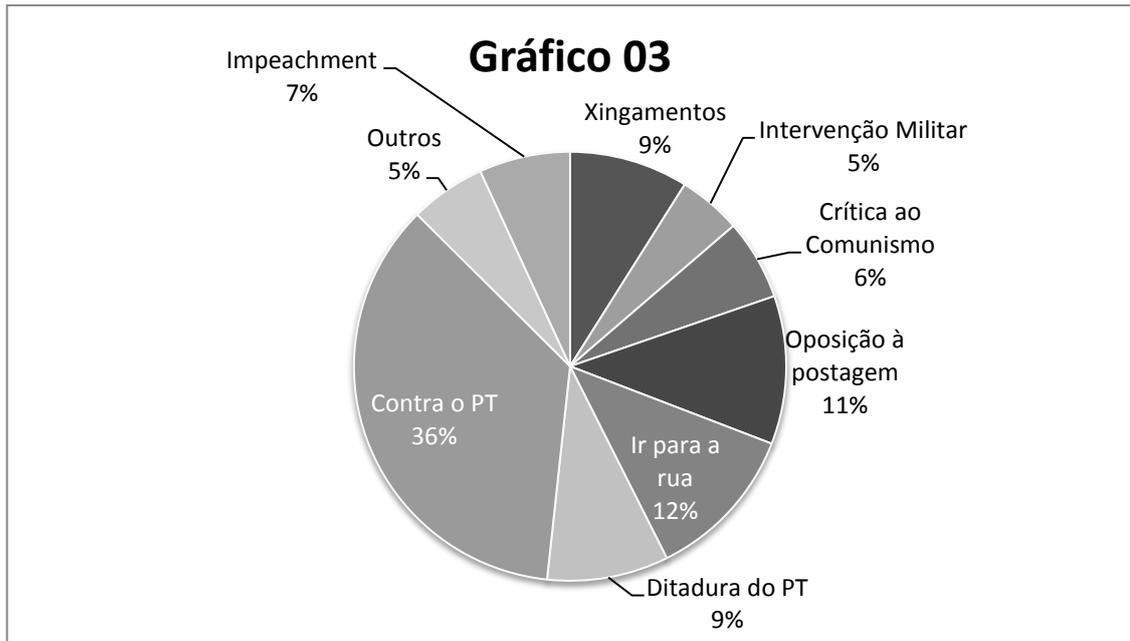
A terceira publicação a ser discutida aqui se refere a uma imagem misturada com textos, que diz: “Diga não a Ditadura Socialista”. Nesta imagem, inacessível devido ao bloqueio dos “Revoltados ON LINE”, está presente Dilma Rousseff com a cabeça para baixo. A publicação possui aproximadamente 3,8 mil curtidas e 528 comentários, datada de 16 de outubro de 2014. Lembrando que as eleições de 2014 referentes ao segundo turno aconteceram dia 26 de outubro, esta publicação também pode ser considerada uma propaganda política contra Dilma Rousseff, e a favor de Aécio Neves.

Inserido na imagem, temos o seguinte texto:

*“Um movimento pela liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade da internet, pela família, pela Constituinte, pelo direito a propriedade... Um NÃO para a legalização da droga, do aborto, do descrédito das instituições, a saída de dinheiro público em obras secretas no exterior, ao Foro de São Paulo, ao Chavismo, os Soviets... ACORDEM MINHA GENTE! O BRASIL NÃO TEM VOCAÇÃO PARA O QUE ESSA GENTE QUER IMPLANTAR! ACORDEM ANTES QUE SEJA TARDE!”*  
(Feminino, 2014).

O texto inserido na imagem demonstra claramente algumas das principais ideias difundidas pela comunidade, e também as suas aversões a certas palavras que remetem ao uso da História, como por exemplo: “Soviets” e “Chavismo”. São termos carregados de uma temporalidade e significância histórica que lhe faltam nas definições que se entendem deles. Ainda, no final, temos a chamada para a tomada de atitude, o que é sempre visível nas publicações da página, e o que também mostrou muito resultado nas manifestações de rua que aconteceram posteriormente a essas publicações, mas que não é nosso objeto de estudo aqui.

Segue abaixo o gráfico referente a essa publicação:



**Gráfico 3: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários da imagem de 16.10.2014**

Os comentários que englobam a categoria “Contra o PT” ainda são maioria neste gráfico, com 36% dos comentários, que são aqueles que fazem referência às oposições à Dilma, Lula, o PT em sua totalidade, que criticam os programas sociais, e que relacionam qualquer menção ao PT com a ideia de roubo.

Acompanhem os comentários a seguir para as categorias “Oposição à postagem” (11%), “Xingamentos” (9%) e também “Contra o PT” (36%):

*“Perdeu tem calar a boca, que dia vão parar com essa choradeira. Afs.”* (Masculino, 2014).

*“Quando vcs perderam não se calaram, e perderam feio numa eleição limpa, sem uso da máquina pública, sem uso de petrolão”* (Feminino, 2014).

*“Esse imbecil é um inocente. Analfabeto funcional... devemos ter pena da ignorância.”* (Masculino, 2014).

*“Temos que calar a boca deste idiota”* (Masculino, 2014).

Os comentários acima fazem parte de uma mesma conversa, onde os três últimos são respostas ao primeiro, que é contrário à publicação. Mesmo sendo contrário, também se utiliza de insultos, o que o coloca nas duas partições. O segundo se utiliza do argumento de que o PT só haveria vencido devido ao “uso da máquina pública”, ou seja, está presente a ideia de que houve fraude nas eleições. Já os últimos dois apenas fazem parte da partição “Xingamentos”, por não trazerem nenhuma argumentação.

A categoria “Ir para a rua” (12%) aparece com mais regularidade aqui, onde os comentários que chamam o povo para uma atitude, que pedem algum tipo de “revolução” contra o governo do PT, integra essa categoria. Para as categorias “Impeachment” (7%) e “Ditadura do PT” (9%), mostraremos com este mesmo comentário, ou seja, uma referência cruzada:

*“Impeachment já!!! Cadeia pra Lula e Dilma...e pra todos os cúmplices que os defenden pois são todos ladrões inrustidos.. ABAIXO A DITADURA BOLIVARIANA!!!”* (Masculino, 2014).

As ideias sobre uma suposta ditadura petista variam: alguns dizem que estamos entrando nela, outros de que já fazemos parte dessa Ditadura, e algumas vertentes mostram que ela também é uma ditadura bolivariana, socialista, etc., muitas outras variações são dadas à essa ideia. Muitas comparações com o “satanismo” também são feitas, tanto pelos comentaristas, quanto pelo próprio “Revoltados ON LINE”. As noções sobre o “bolivarianismo” apresentadas pelos comentaristas das publicações são vagas, dificilmente expõem alguma característica do termo, sendo mais comum encontrar críticas soltas e tentativas de prejudicar a imagem de algo que seja “bolivariano”. Sendo um termo que tem como referência o general venezuelano Simón Bolívar, que lutou pela independência de alguns países da América Latina (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia), hoje o termo expressa uma forma de governo que defende uma política de esquerda na qual os países que se assumem bolivarianos (Venezuela, Bolívia e Equador) sustentam a ideia que o conceito cabe porque eles se baseiam nas ideias de liberdade de Simón Bolívar. O que cabe dizer aqui, é que as noções de “bolivarianismo” exposta pela página e seus seguidores, são totalmente distorcidas do que a História entende como tal. Categorizar o Brasil como bolivariano é um erro historiográfico e político, pois mesmo o Brasil tendo uma parceria econômica estratégica com a Venezuela, as diretrizes dos governos de Dilma Rousseff e de Nicolás Maduro eram bastante distintas.

Vejamos os comentários sobre “Intervenção Militar” (5%) e “Crítica ao Comunismo” (6%):

*“Nós brasileiros vamos vencer estes ditadores do governo do PT. Nosa democracia é magnífica, não precisamos de nenhum regime totalitário. Fora sua incompetente satânica”* (Feminino, 2014).

*“Só uma INTERVENÇÃO MILITAR CONSTITUCIONAL MILITAR para limpar o país. Dia 15/03, preparem suas faixas e cartazes pedindo*

*INTERVENÇÃO MILITAR, eles só precisam do nosso clamor e dessa mobilização para agirem*” (Masculino, 2015).

*“Intervencao constitucional militar para colocar a casa em ordem”* (Masculino, 2015).

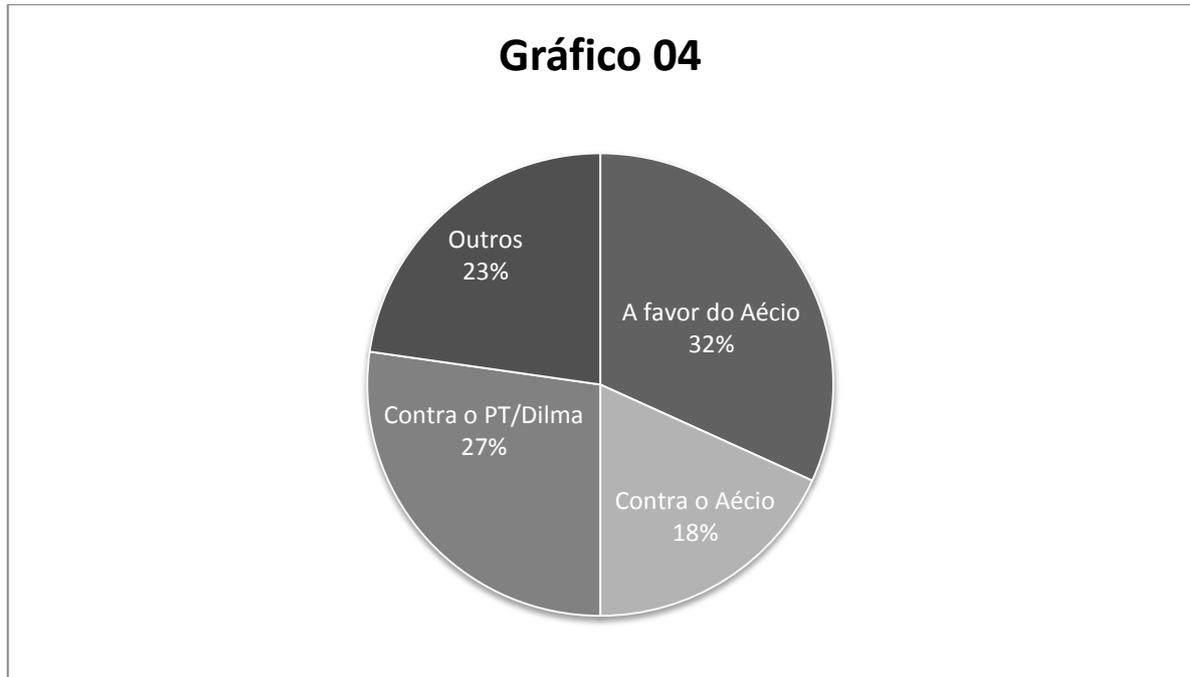
*“Muito bem...? Finalmente al guem da o grito deLiberdade....fora com esses canalhas “comunistas de araque...e que devolvam. a dignidade de nossas FFAAs...!! Vade retro Satanás....”* (Masculino, 2015).

Vemos aqui as comparações de Dilma com o satanismo, e pedidos de intervenção militar para solucionar os problemas do país. Um detalhe interessante na análise desses comentários, é que investigamos uma boa parte dos comentaristas, para podermos traçar um perfil. A maioria não é de jovens, mas de pessoas com uma maior experiência de vida, onde muitos presenciaram lucidamente a Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Podemos perceber o discurso de muitos que diziam que “aquele tempo era melhor”, onde a saudade do passado, da sua juventude (provavelmente nunca sofreu repressão pelo regime), toma conta do seu discurso e apoia um regime ditatorial militar. A definição “Outros” (5%) nesse gráfico refere-se a comentário que não se encaixam nas outras categorias, tais como: marcações de pessoas para que vejam a publicação, apenas símbolos de *emoticons*, entre outros.

Os “discursos-síntese”:

- A defesa da democracia brasileira se efetiva com a saída da presidente eleita pela maioria dos brasileiros, e se for preciso uma intervenção militar para isso, que seja feita;
- A ligação do PT com Cuba, com a roubalheira, a corrupção intrínseca ao partido;
- Dizem que vivemos em uma Ditadura Bolivariana do PT que chegou ao poder com fraude nas urnas, com o apoio da máquina pública;
- E relacionam Dilma com o satanismo, objetivando prejudicar a sua imagem;

A quarta publicação é um vídeo de propaganda eleitoral do candidato à presidência Aécio Neves. Postado em 24 de outubro de 2014, dois dias antes das eleições do segundo turno, o vídeo possui 133 curtidas e 22 comentários. No conteúdo audiovisual, temos mensagens que denotam: “Mudar da corrupção para a ética; da carência para o consumo; da ignorância para a educação; do desânimo para a esperança; do passado para o futuro; de Dilma para Aécio.”. Ou seja, uma propaganda política em favor do candidato que se opôs a Dilma em 2014. Nem todos os comentaristas que são contra o PT, necessariamente, são a favor do Aécio. Veremos isso no gráfico a seguir, que devido a um menor número de comentários, possui menos partições que os outros:



**Gráfico 4: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 24.10.2014**

No texto que acompanha o vídeo propagandístico de Aécio Neves, temos o seguinte trecho:

*“Faltam apenas dois dias para mudarmos de vez o rumo do nosso país, ou nos atolarmos no mar da sujeira ou no mar da lama da corrupção do PT. POR ISSO EU VOTO NA MUDANÇA, EU VOTO NO CRESCIMENTO, EU VOTO NA LIBERTAÇÃO DO POVO BRASILEIRO. QUERO O MELHOR PARA O MEU BRASIL. Eu voto #AÉCIOPRESIDENTE.”* (Feminino, 2014).

Como vemos, juntamente com o conteúdo principal do vídeo, a palavra “mudança” é bem destacada na apologia ao Aécio Neves. O texto parece sugerir que vivíamos presos, algemados, sem possuir liberdade no governo primeiro governo da petista Dilma Rousseff. Assim, a maioria dos comentários dessa publicação são os que apoiam Aécio Neves (32%), sendo alguns:

*“EU ACREDITO NA MUDANÇA DE MEU PAÍS Aécio Neves 45”* (Masculino, 2014).

*“O petista não muda de opinião independente dos fatos estarem estampados na cara, os petistas parecem, como muitos dizem, estar hipnotizados, como os Malufistas da época, ‘rouba mas faz’, só que agora, só estão nos roubando e fazendo pouco. Sinto muito pela falta de propósito dessas*

*“pessoas que não votam, EU QUERO MUDAR, ainda que essa mudança não seja da forma como eu desejava. Você não quer mudanças, vai e vote no atual governo, se você quer mudar de alguma forma, vote em Aécio, se essa mudança não resolver, daqui a 4 anos mudamos de novo, só assim podemos protestar, não se omita, o BRASIL precisa de você [...]”* (Masculino, 2014).

Vemos que o primeiro comentário é quase uma confirmação da publicação, também enfocando na mudança. Já o segundo, além de fazer parte da categoria “A favor do Aécio”, também corresponde, nessa publicação, para a “Contra o PT/Dilma” (27%). Comentário este que critica aqueles que optam pelo voto nulo ou branco, defendendo que temos que tomar posições: votar no atual governo se gosta dele (ainda assim o comentário faz críticas ao PT e aos petistas), ou votar no “outro candidato”, vulgo Aécio, caso queira a mudança.

Tivemos também 18% dos que comentaram “Contra o Aécio”, e 23% de “Outros”. Seguem como exemplos:

*“Nada de Aécio, todos estão envolvidos.”* (Feminino, 2015).

*“É UMA PENA”* (Feminino, 2014).

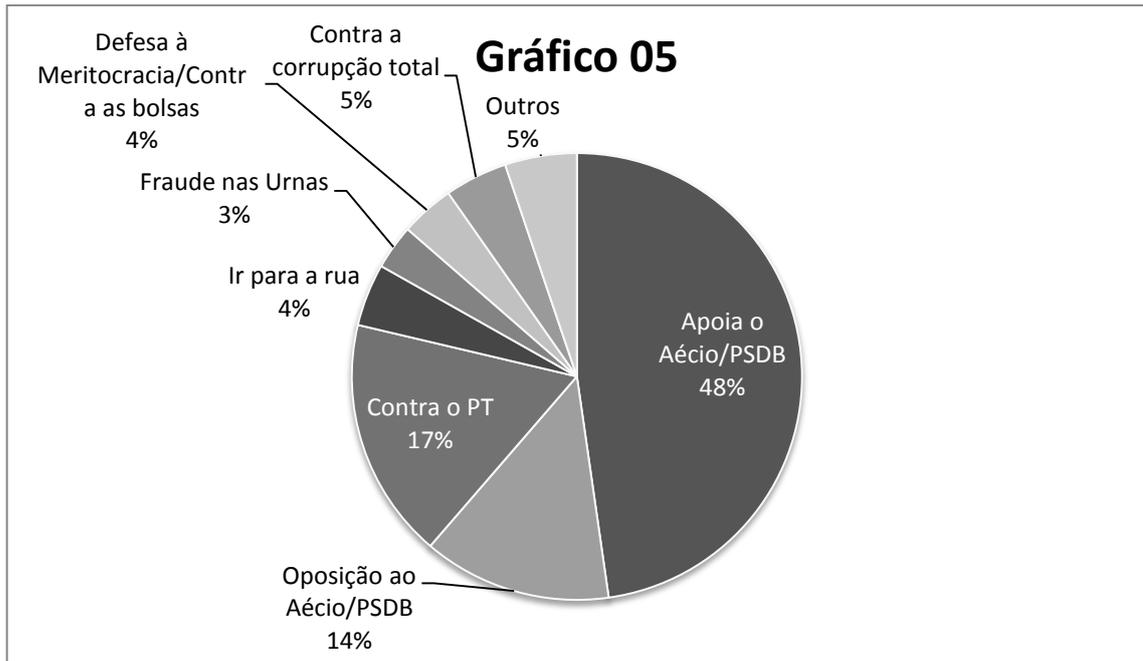
O primeiro comentário se manifestou contra o Aécio, já o segundo, é um bom exemplo de “Outros”, pois foi complicado colocar esta lamentação, “é uma pena”, em qualquer outra partição. Então preferimos optar pela “Outros”.

Segue abaixo os “discursos-síntese”:

- Melhor votar em Aécio Neves e mudar, caso não estejamos satisfeitos com o governo atual, e caso isso não solucione os problemas, mudamos de novo mais para frente;
- Os petistas não mudam de opinião, parecem estar hipnotizados;
- Aécio também como corrupto;

A quinta publicação analisada foi postada no dia 25 de outubro de 2014, possuindo 1,5 mil curtidas e 168 comentários. Como podemos notar, ela ocorreu um dia antes das eleições de segundo turno de 2014, e é um vídeo. O conteúdo do vídeo são pessoas se manifestando em um local fechado com muitas escadas rolantes. Parece ser um shopping, mas não dá para ter certeza. É um edifício alto e espaçoso e as pessoas revezavam as escadas rolantes, ocupando todas. Primeiramente cantam um trecho do hino nacional brasileiro, e posteriormente cantam: “O povo unido, jamais será vencido”. Não se fala nada mais no vídeo, sendo todo o protesto acontecendo nas escadas rolantes.

Sobre os 168 comentários, segue o gráfico:



**Gráfico 5: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 25.10.2014**

Devido ao tema do vídeo, começaremos com a partição “Apoia o Aécio/PSDB” (48%), onde apareceram muitos comentários curtos, apenas denotando o apoio ao candidato Aécio Neves:

*“Quem quer mudança vota Aécio 45.”* (Feminino, 2014).

*“Linda manifestação, 45 já”* (Feminino, 2014).

Vemos como o tema da mudança, presente na publicação anterior, se repete aqui. Sobre a partição que aparece em todos os gráficos, “Contra o PT”, e que aqui representa 17% dos comentários, exporemos um que faz uma relação deveras interessante:

*“Neste Domingo, 26/10/2014, vamos nos despedir desta maldição que nos desgoverna já à doze anos, esta entidade fascista chamada de PT=Partido do Terror !!!”* (Masculino, 2014).

Vemos como este comentário compara o PT com um governo fascista (o que também se mostra em muitas outras postagens, não só dos comentaristas, como da página). Uma ideia que se difunde dentro dos “Revoltados ON LINE”, onde o PT, escolhido democraticamente ao poder, é tido como um governo fascista e ditatorial, pois segundo essas ideias, só chegaram ao poder devido a “Fraude nas Urnas”, partição com 3% dos comentários desta publicação.

*“DIVULGUEM: ‘É estarrecedor. Podemos estar diante de uma fraude eleitoral sem precedentes’. As fortes declarações são de Márcio Dumbrowski, doutor em computação pela USP e um dos coordenadores da equipe que conseguiu quebrar o sigilo do voto da urna eletrônica brasileira, em testes promovidos pelo próprio TSE, em 2012.*

*De acordo com Dumbrowski, a substituição das urnas com identificação 0007/01 por urnas com código 0009/02, anunciada pelo TSE há duas semanas, tem um motivo claro: transferir votos para a candidata Dilma Rousseff, do PT.*

*Dumbrowski explica um método para descobrir se sua urna está alterada: ‘As urnas fraudulentas não emitem sinal sonoro após a confirmação do voto. Assim, após escolher seu candidato e apertar a tecla confirma, aguarde a emissão do sinal sonoro. Caso não ocorra, chame imediatamente um mesário.’”. (Feminino, 2014).*

Como vemos, muitos defendem a ideia de que Dilma apenas foi reeleita devido a uma fraude nas urnas eletrônicas. Este comentário foi postado no mesmo dia da publicação, mas antes do resultado final. Ou seja, a ideia de fraude nas urnas era anterior ao próprio resultado que manteve Dilma Rousseff no poder.

Sobre as categorias “Oposição ao Aécio/PSDB” (14%) e “Contra a corrupção total” (5%), mostraremos um comentário que cruza as duas regularidades temáticas:

*“Pedimos mudanças, não Aécio e Dilma.... Manipulador....” (Masculino, 2014).*

Vemos como o tema da mudança agora foi usado não só para mostrar indignação ao governo petista, mas também ao candidato que fazia oposição. Para a categoria “Defesa à Meritocracia/Contra as bolsas” (4%), temas que aparecem em outras publicações, mas que nesta tiveram um destaque maior e compuseram uma partição separada no gráfico, mostraremos com o seguinte comentário:

*“A ERA PT*

*O pobre não entrava na faculdade. O que o PT fez? Investiu na Educação? Não, tornou a prova mais fácil.*

*Mesmo assim, os negros continuaram a não conseguir entrar na faculdade. O que o PT fez? Melhorou a qualidade do ensino médio? Não, destinou 30% das vagas nas universidades públicas aos negros que entram sem fazer as provas.*

*O analfabetismo era grande. O que o PT fez? Incentivou a leitura? Não, passou a considerar como alfabetizado quem sabe escrever o próprio nome. A pobreza era grande. O que o PT fez? Investiu em empregos e incentivos à produção e ao empreendedorismo? Não. Baixou a linha da pobreza e passou a considerar classe média quem ganha R\$300,00.*

*O desemprego era pleno. O que o PT fez? Deu emprego? Não. Passou a considerar como empregado quem recebe o bolsa família ou não procura*

*emprego.*” (Masculino, 2014).

Podemos notar que o comentário defende que as melhorias que o governo petista realizou ao longo dos seus mandatos na presidência não passaram de ilusão, de mentiras revestidas de benefícios. Também sendo uma ideia totalmente “Contra o PT”, o texto faz críticas aos programas sociais petistas e podemos ver uma defesa à meritocracia, ao defender, por exemplo, que o PT fez com que os negros “entrassem na faculdade sem fazer provas”, uma ideia bem superficial de como funciona o sistema de cotas nas universidades brasileiras. Para finalizar o gráfico, a partição “Outros” (5%), também muito presente no restante dos gráficos, destinada a marcações de pessoas e postagens que não se enquadraram em nenhuma partição; e a “Ir para a rua” (4%), que fazem referência aos comentários que convidam as pessoas a irem para as ruas participar das várias manifestações que aconteceram contra o governo federal entre 2014-2016, antes da realização do processo de *impeachment*.

Tomamos como “discursos-síntese”:

- O Brasil precisa de mudanças, e Aécio Neves pode ser essa mudança. Ainda assim, muitos acreditam que a mudança deve ser maior, e que nenhum dos políticos que estão concorrendo à presidência correspondem a essa mudança necessária;
- O governo petista é fascista e ditatorial;
- Os benefícios que o PT fez para o Brasil não passam ilusões revestidas, ou seja, não houve melhorias;
- Dilma Rousseff só chegou ao poder devido a uma fraude nas urnas eletrônicas;

### **3.3. Publicações pós-eleição do segundo turno (26 de outubro de 2014)**

A sexta publicação refere-se a um evento criado pela comunidade “Revoltados ONLINE” que pedia a “anulação imediata das eleições”. Nesse momento, é claro, as eleições já haviam ocorrido e Dilma Rousseff já havia sido escolhida para continuar com o segundo mandato a partir do dia primeiro de janeiro de 2015. A publicação foi realizada no dia 05 de novembro de 2014, e divulgava o evento que ocorreu no dia 15 de novembro do mesmo ano.

Mesmo nos comentários das publicações anteriores estarem visíveis alguns pedidos de *impeachment*, é preciso lembrar que estes foram realizados depois do resultado das eleições, mesmo a publicação principal sendo feita antes. Isso acontece bastante, pois, muitas pessoas retornam a essas publicações antigas e comentam um tempo depois da sua data de postagem. Por isso vimos alguns comentários já pedindo o *impeachment*. O que queremos enfatizar é

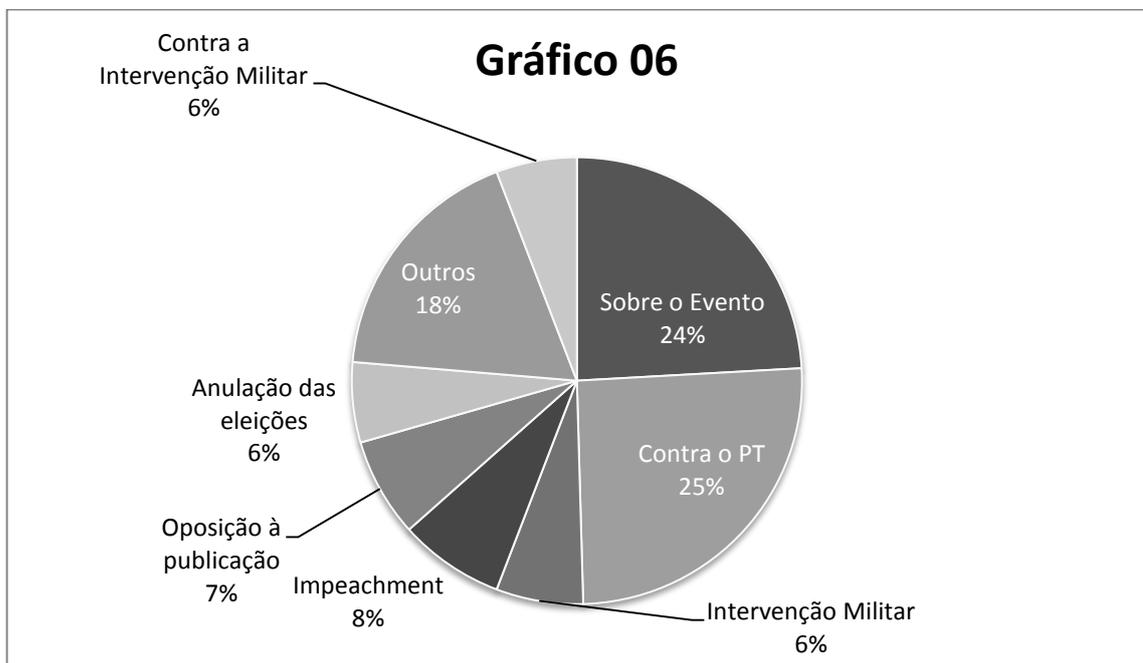
que a ideia do *impeachment* vai aparecer mais forte nos comentários a partir de agora, nas publicações posteriores à eleição.

Com 3.824 curtidas e 217 comentários, segue abaixo o texto que acompanha a divulgação do evento:

*“Nesse momento precisamos de UNIÃO... Essa é uma iniciativa POPULAR para não permitirmos que o o nosso país passe a ser ‘socialista’- DEMOCRACIA SEMPRE! Liberdade ao povo brasileiro! Então divulgando que o evento mudou de local... É MENTIRA! O EVENTO CONTINUA no MASP. Entre na página e confirme a sua presença. Não vamos nos dispersar. JUNTOS SOMOS MAIS FORTES! COMPARTILHE!!!”* (2014).

Vemos claramente o convite às ruas, e a luta contra um possível socialismo que se insere no Brasil. O termo “socialismo” sendo tido em contraponto à democracia, e que para lutar contra esse socialismo, o povo brasileiro precisa ir para as ruas em defesa da liberdade.

Segue abaixo o gráfico das regularidades enunciativas dos 217 comentários:



**Gráfico 6: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários da publicação de 05.11.2014**

Para não nos repetirmos tanto, as partições “Contra o PT” (25%) e “Outros” (18%), já enfatizadas nas publicações anteriores, não detalharemos sobre os seus comentários aqui. Cabe dizer que, tanto como um pedido de intervenção militar, mas também entrando na

definição “Outros”, temos um comentário que é um *link* que direciona o web ator a um vídeo do *YouTube*, e nesse vídeo, temos pedidos de intervenção militar. Vemos aqui um exemplo de como o ciberespaço é hipermidiático, um território “cosmopolita” (1993, p. 113), como nos lembra Pierre Lévy. Esta postagem se encaixa na categoria “Outros”, pois não se limita/igualava ao texto comum que é padrão dos outros comentários.

E já que citamos o pedido de intervenção militar, vamos a essa categoria, que corresponde a 6% dos comentários, juntamente com os argumentos “Contra a intervenção militar” (também 6%):

*“É importante intervencao militar segundo Jose Roberto da Silva concordo com voce eles ficam no poder ate que haja novas eleicoes nao e golpe militar nao e ditadura isto esta na Constituicao e no momento e mais que necessario para proteger a democracia o povo brasileiro e nosso querido Brasil intervencao militar para ontem”* (Feminino, 2014).

*“É de rir mesmo.. Os caras tão pedindo intervenção militar e querem falar em democracia?? Tem coisa errada ae”* (Masculino, 2014).

*“Você precisa se atualizar, intervenção militar não é acabar com a democracia. E sim retirar a presidenta e convocar uma nova eleição. Golpe militar sim que não é um ato democrático. Entendeu?”* (Feminino, 2014).

*“Santa inocência de quem acredita q uma intervenção não é o primeiro passo para um golpe... Mas ok... Choro é livre”* (Masculino, 2014).

Vemos nesses quatro comentários as diversas ideias de golpe e ditadura militar, sendo dois dos comentários críticas à postura da página e das pessoas que defendem um regime militar, e os outros dois afirmando que uma intervenção militar seria a melhor opção para o país, e que representaria a predominância da democracia brasileira, afinal, a intervenção militar está prevista na constituição de 1988. Para contra argumentar com os pedidos de intervenção militar citados acima, e também chamando como tema a democracia, o próximo comentário representa a partição “Oposição à publicação” (7%):

*“pensamento dos eleitores do Aécio: apoio a democracia ao menos que meu candidato perca, ai tem que sair o que foi eleito para entrar oq eu quiser. a maioria votou Dilma, viva a democracia.”* (Masculino, 2014).

Vemos como esse *web* ator pensa totalmente diferente dos apoiadores da publicação, e defende que a predominância da democracia seria o respeito à escolha da maioria dos eleitores, ou seja, é contra a saída de Dilma Rousseff, é contra intervenção militar, e faz oposição a essa publicação. Mesmo o gráfico apresentando as partições “*Impeachment*” (8%)

e “Anulação das eleições” (6%) de forma separada (e claro, são duas coisas totalmente diferentes), utilizaremos apenas um comentário que represente os dois, uma referência cruzada:

*“Na minha opinião, deve haver a anulação da eleição E o impeachment... são 2 coisas diferentes e pertinentes. Anulação devido a fraude e utilização da máquina pública e o Impeachment devido a uma série de coisas, que já sabemos, a começar pelo Foro de SPaqu, Escandalo da Petrobrás e por ai...”* (Masculino, 2014).

Como dissemos, os pedidos de *impeachment* começam a aparecer com mais regularidade a partir de agora, e esse comentário foi apenas um dos 6% dessa publicação, que acabou por alertar também para o Foro de São Paulo e o escândalo da Petrobrás como justificativas para o *impeachment*. A partição que restou se refere aos comentários “Sobre o evento” (24%), ou seja, as dúvidas, as confirmações e motivações para a manifestação, o apoio virtual, a congratulação do movimento, e até comentários sobre a sua própria organização. Vemos, como exemplo:

*“SE UNIR SIM,POR FAVOR ENTREM EM CONTATAO COM O EDUARDO BOLSONARO OU PAULO BATISTA POIS ELES TAMBEM ESTAO CONVOCANDO O POVO NO MESMO DIA EM LUGARES DIFERENTES,PRECISAMOS SER UM IMENSO BLOCO DE BRASILEIROS UNIDOS POIS TEMOS OS MESMOS IDEIAIS,NAO é VERDAD...Vair plus GOSTARIA DE TER UMA RESPOSTA,POR FAVOR”* (Masculino, 2014).

Analisando esses comentários, vemos a preocupação de alguns em mostrar força nas ruas, buscando a união dos movimentos, que naquele momento ainda eram dispersos perto que se tornaram em 2015 e 2016, no qual os “Revoltados ON LINE”, juntamente com os grupos “MBL – Movimento Brasil Livre” e “Vem Pra Rua Brasil”, os principais difusores do *impeachment*, organizaram enormes manifestações de rua, que tiveram peso em decisões políticas no Brasil.

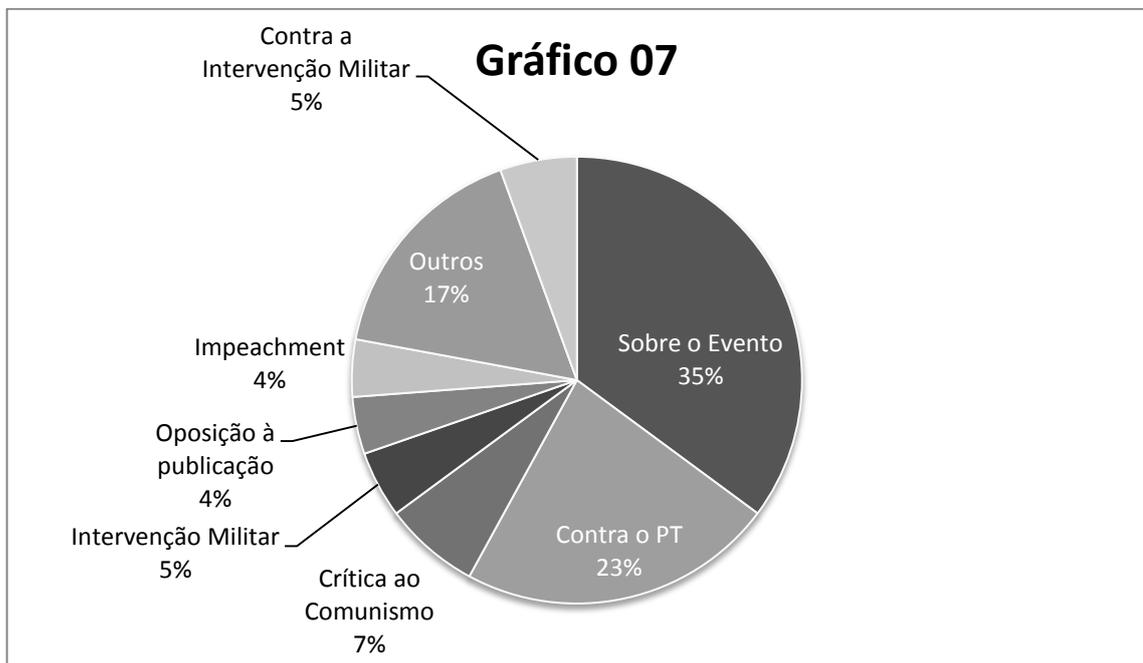
Abaixo, os “discursos-síntese” dos comentários da sexta publicação:

- Os que são a favor da Intervenção Militar, muito se divergem, mas no geral defendem que este seria um ato democrático e uma solução para o Brasil, para que possamos realizar novas eleições;
- Já os que são contra a Intervenção Militar, argumentam que os “Revoltados ON LINE” e seus apoiadores, concomitantemente os eleitores do Aécio Neves, não

respeitam a democracia, pois a maioria já escolheu Dilma Rousseff como presidente, e uma intervenção agora não seria um ato democrático;

- O *Impeachment* de Dilma Rousseff deve acontecer devido ao Foro de São Paulo e aos escândalos da Petrobrás;
- Os movimentos de rua devem unir forças e procurar os políticos que apoiam a causa para se fortalecerem cada vez mais, como por exemplo, os citados Eduardo Bolsonaro e Paulo Batista;

A sétima publicação, postada no dia 07 de novembro de 2014, também possuía como objetivo divulgar o evento de anulação das eleições, ocorrido no dia 15 de novembro de 2014. Sendo assim, é a mesma publicação do dia 05 de novembro, mas com algumas diferenças em seu texto de acompanhamento (claro que com outros comentários e curtidores, por isso que também é considerada neste trabalho). Possui 2.087 curtidas, 93 comentários e 43 compartilhamentos. Sem o texto citado neste trabalho que acompanhou a sexta publicação, esta apenas reitera que a manifestação acontecerá no MASP <sup>36</sup>. Dito isso, vamos à análise do gráfico:



**Gráfico 7: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários da publicação de 07.11.2014**

A categoria “Contra o PT” aparece mais uma vez neste gráfico, e não muito diferente dos outros, sempre com alta porcentagem (23%). Neste gráfico, utilizaremos uma publicação que será uma referência cruzada de várias partições, pois, o seu conteúdo abrangeu tantos

<sup>36</sup> MASP é o acrônimo de: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

temas que ficou complicado de defini-la apenas como “Contra PT” (mas também faz parte desta categoria). Para analisarmos melhor, vejamos a postagem de um comentarista:

*“Vamos acabar com essa divisão e ouvir o professor Olavo de Carvalho URGENTE!*

*Vamos divulgar e levar as valiosas mensagens do professor Olavo de Carvalho, aos organizadores das manifestações pelo ‘Impeachment da Dilma’ e ‘Fora PT’.*

*Não sei e não quero saber quem tem razão, mas uma coisa é certa: a Av. Paulista é um lugar melhor para passeatas do que o Largo da Batata.*

*015 de novembro é a GRANDE CHANCE de criar um movimento amplo, forte, irresistível. Não é hora de dividir, é de reunir.*

*Eu aqui suando gotas de merda para explicar o Kante responder a mil mensagens por dia, e ainda vem o pessoal me encher o saco com briguinhas numa hora de emergência nacional. Caraaaaaaaaaiooooo! Pois se a Santa Igreja, nas Cruzadas, não rejeitava no seu exército assassinos, ladrões, estupradores e psicopatas de toda sorte, quem é você para não querer sujar sua alminha em má companhia quando se trata de salvar todo um povo? Um pouco de grandeza não faz mal a ninguém.*

*-Você é contra o Foro de São Paulo?*

*Sou.*

*Como é o seu nome?*

*Zé Satanás Belzebu do Caralho.*

*Seja bem-vindo.*

*As passeatas TÊM de ser unificadas, custe o que custar. Tome cinquenta engoves, vomite antes de sair de casa, faça ioga, encha a cara, faça qualquer coisa, mas não rejeite NINGUEM que queira lutar ao seu lado contra o esquema comunopetista.*

*Quem não é capaz de subir ao palanque com o seu pior inimigo pessoal, ambos unidos contra um inimigo político, que entre numa escola de surf, de golfe, de ballet, de tricô e crochê, de qualquer coisa, e esqueça a política.*

*Quem não quer engolir sapo, não se meta em política.*

**ATENÇÃO, ORGANIZADORES DAS DUAS PASSEATAS: SE VOCES NÃO FOREM CAPAZ\_ES\_DE UNIFICAR ESSAS INICIATIVAS, SO PROVARAM QUE NAO ESTAO A ALTURA DAS RESPONSABILIDADES QUE ASSUMIRAM; NAO INTERESSA SABER QUEM TEM RAZAO E QUEM NAO TEM, QUEM E BONZINHO E QUEM E MALVADINHO. SO INTERESSA UMA COISA: O QUE NAO PODE ACONTECER NAO PODE ACONTECER.**

*Até agora não sei se os organizadores das duas passeatas sequer chegaram a CONVERSAR a respeito da possível união.*

*NÃO me peçam orientação quanto à organização de protestos de qualquer natureza. Se eu me aventurasse a dar palpites sobre questões práticas dessa natureza, à distância em que estou, seria tão irresponsável e leviano quanto o sr. Toffoli.*

*Só o que estou pedindo é que os diferentes grupos discutam suas divergências ANTES ou DEPOIS das manifestações, mas se unam na hora da ação.*

*A burrice alheia e o flagelo da minha vida, mas é também a minha fonte de sustento. Por favor, me informem: Os líderes das duas passeatas programadas já entraram num acordo?*

*O esquema esquerdista dominante NÃO bloqueou todos os meios de ação. Apenas deu a impressão de que o fez, e o povão acreditou.*” (Feminino, 2014).

A postagem desta comentarista pode ser chamada, como muitos web atores brasileiros denominariam, de um “textão” sobre política. Ou seja, muitas palavras, muitas informações, muita carga ideológica em apenas uma publicação do *Facebook*. Vemos como a autora deste comentário enfatiza vários temas e importâncias, entre eles: a necessidade de união das manifestações; a não importância de quem participe das manifestações, desde que elas sejam muito populosas, até assassinos devem participar; dissemina um discurso contra Dilma Rousseff, pedindo seu *impeachment*, e pedindo o tão falado “Fora Dilma”; baseia-se nas ideias de Olavo de Carvalho <sup>37</sup>; é contra o Foro de São Paulo, mas não mostra os motivos; e enfatiza muito a importância de união, pois, segundo a comentarista, o momento é muito importante para o Brasil. A comentarista também cita a importância de não rejeitar ninguém que lute contra o esquema “comunopetista”. Palavra que ganhou destaque nos últimos anos no *Facebook* de alguns brasileiros, e que faz nitidamente uma relação entre o PT e o comunismo, como se esse partido realmente se pautasse no comunismo.

Essa postagem é uma referência cruzada para as partições: “Contra o PT” (23%); “Sobre o Evento” (35%), pois enfatiza muitas vezes a necessidade de união e se preocupa com a efetuação da manifestação; “Impeachment” (4%); e até “Crítica ao Comunismo” (7%), por mencionar essa luta ao “comunopetismo”, sempre fazendo referência a um suposto comunismo brasileiro.

Sobre os apoiadores e opositores da intervenção dos militares:

*“TEMOS O IRMOS AS RUAS, DIA 15, GRITAR APOIO AOS NOSSOS VERDADEIROS HERÓIS, NÃO, NÃO ESTOU FALANDO DAQUELES DA 'PRISÃO DA PAPUDA', EU DISSE OS VERDADEIROS !!! JÁ PROTOCOLADA COM A PM, MARCHA DA FAMÍLIA INTERVENÇÃO MILITAR CONSTITUCIONAL”* (Masculino, 2014).

*“Bando de loucos e derrotados. Vão procurar um psiquiatra, jumentos desocupados.”* (Masculino, 2014).

*“Vc está falando de vc mesmo... que legal até q fim algm q tenha bom senso e acorde.”* (Feminino, 2014).

*“Não me compare a um bando de psicopatas que querem o golpe militar.”* (Masculino, 2014).

---

<sup>37</sup> Astrólogo muito conhecido nas redes sociais brasileiras por opinar sobre política brasileira, e disseminar discursos contra suas ideias de comunismo, sobre o PT, Dilma, Lula, entre outros.

*“Que venham , que venham será o fim deles, a policia eos paisanos e nós o povo vamos esmagalos, isso será o motivo p o exército intervir , aí virá um tranco maior ainda 64 será bazar de caidade.”* (Masculino, 2014).

Presenciamos aqui uma discussão interessante, na qual o primeiro comentário defende a “Intervenção Militar” (5%), mencionando que no dia 15 de novembro também ocorreria uma “Marcha da Família”, em favor da intervenção militar constitucional. O segundo comentário, que se utiliza de xingamentos, faz parte, juntamente com o quarto comentário (feitos pelo mesmo autor), das partições “Contra a Intervenção Militar” (5%) e “Oposição à publicação” (4%).

A partição “Outros” (17%) aparece aqui representando os xingamentos, alguns poucos comentários que mencionaram Cuba e Venezuela (não couberam em partições), e aqueles que não se enquadraram nas outras categorias. Ainda sobre a intervenção militar e a menção aos temas socialistas, gostaríamos de expor:

*“Amigos usem cartazes pedindo a mesma coisa para que fique claro o objetivo. Vou usar o seguinte: ‘ANULAÇÃO DA: ELEIÇÃO P/ PRESIDENTE OU INTERVENÇÃO MILITAR JA. REVOLUÇÃO SOCIALISTA NUNCA.’”* (Masculino, 2014).

É notável um suposto medo por uma vida socialista, mesmo que essas pessoas não tenham ideias claras do que o termo significa, ou ao que ele se refere. A questão é que o discurso contra essa tal “Revolução Socialista”, e que supostamente aconteceria pelas mãos do PT, é muito presente nos “Revoltados ON LINE”.

Os “discursos-síntese”:

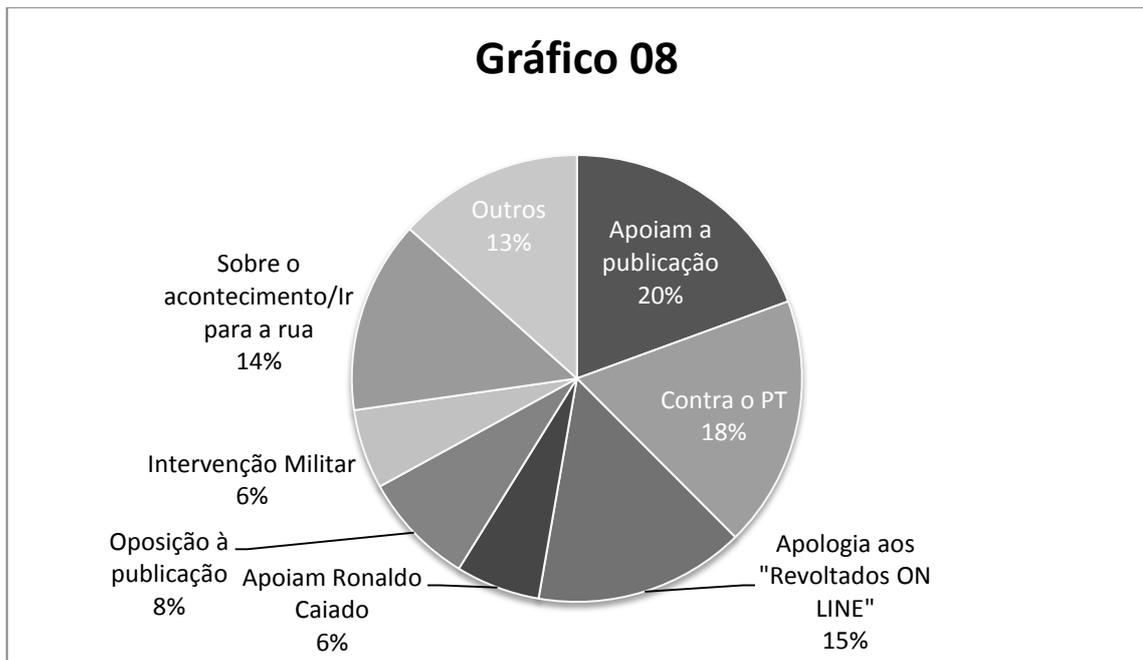
- Baseados nas publicações do “professor” Olavo de Carvalho, os manifestantes devem unir suas forças e todos os movimentos diversos para que juntos consigam realizar uma manifestação que tenha muita repercussão, mesmo que seja necessária a presença de assassinos, estupradores, e outras pessoas de “mau caráter”;
- Lutar contra o “comunopetismo” e a Revolução Socialista que os manifestantes pensam que o PT está planejando;
- Pedir a anulação das eleições, ou o *impeachment*, ou uma intervenção militar constitucional nas ruas durante o dia 15 de novembro de 2014, em nome da família;

A oitava publicação foi postada no dia 03 de dezembro de 2014, e é uma imagem acompanhada de um texto. Com 6.723 curtidas, 1.689 compartilhamentos, e 322 comentários, a publicação traz uma imagem de Marcello Reis (fundador e líder da página “Revoltados ON

LINE”), com o cantor Lobão e o deputado Ronaldo Caiado, com a legenda: “lutando pela nossa democracia”. É visível também o pedido de colaboração financeira na conta bancária de Marcello Reis, para a perpetuação das atividades da comunidade (pedido esse frequente em muitas publicações).

Aqui a página mostra o seu caráter informativo, apresentando o que estão fazendo diariamente. Mas são confusos nessa publicação, e não explicam explicitamente, apenas fazem uma apologia ao deputado Ronaldo Caiado. As discussões surgem sem precisar de um tema específico, as simples publicações geram debates de todos os temas, e não só do tema da publicação. É um espaço de debate, muitas vezes não ligados diretamente à publicação. A página “Revoltados ON LINE” é uma forte comunidade de vendas, tanto de ideias, como de produtos. É comum ver os pedidos de colaboração financeira, ou pedidos para comprar as camisetas e outros produtos de criação da comunidade (canecas, bonecos que satirizam personagens políticos, entre outros).

Sobre os comentários, segue abaixo o oitavo gráfico:



**Gráfico 8: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários da imagem de 03.12.2014**

No oitavo gráfico, uma partição nova recebe destaque devido ao número notável de menções que são feitas ao tema. A partição que estamos nos referindo é a: “Apologia aos ‘Revoltados ON LINE’”, com 15% de presença nos comentários. Sobre a categoria:

*“Já fiz minha doação ao Revoltados On Line. Façam o mesmo. Precisamos ajudara estes heróis que representam o eleitor brasileiro pensante e que*

*lutam para impedir a implantação comunista bolivariana da Dilma e aliados, e ao calote das contas públicas.” (Feminino, 2014).*

*“Gente eles estão lá levando pancadas e isso tem um custo muito alto vamos todos ajudar o Marcelo Reis vamos financiar a ele e seu amigo a estadia pois eles estão lutando por um país melhor e quem não está lá pelo menos vamos ajudar financeiramente bom eu vou fazer a minha parte agora mesmo conte comigo Revoltados On LINE farei minha contribuição agora mesmo é quem fizer por favor avisar para eles saberem que estão sendo ajudados pelo povo” (Feminino, 2014).*

É notável que os pedidos de ajuda financeira encontraram respaldo nos usuários do Facebook que curtiram a página. O primeiro comentário incentiva as pessoas para ajudarem os “Revoltados ON LINE”, pois estes lutam contra a implementação de uma suposta estrutura “comunista bolivariana da Dilma”. A segunda também incentiva essa doação, enfatizando que o povo tem que ajudar, pois os administradores do grupo estão “levando pancadas” nas manifestações, segundo a comentarista. Claro que em um sentido metafórico, pois não há nenhuma fonte que prove que estes se sofreram de algum ataque violento.

A seguir, três comentários que representam, respectivamente, as categorias “Apoiam a publicação” (20%), “Apoiam Ronaldo Caiado” (6%) e “Oposição à publicação” (8%):

*“FORÇA MARCELO, FORÇA POVO BRASILEIRO! Gostaria imensamente de estar ao lado de vocês, como não me é possível, depositei minha contribuição. OBRIGADA a todos por não desistirem do Brasil. ESTE PAÍS É NOSSO e não de meia dúzia que assaltam o poder, enganando e roubando a Nação, praticando uma ditadura velada!” (Feminino, 2014).*

*“PRESTEM ATENÇÃO NO QUE DIGO A MUITO TEMPO, MACHO PARA ENFRENTAR ESTE GOVERNO E CAIADO. MAS TEM QUE IR PARA A RUA COM O POVO. O OUTRO JÁ SUBIU NO MURO OUTRA VEZ.” (Masculino, 2014).*

*“LUTAR AO LADO DO CAIADO ESTE LATIFUNDIÁRIO DEVE SER PIADA, ESSES CARAS NUNCA OLHARAM PARA O POVO E AGORA SE VESTEM DE ANJO. SÓ PODE SER PIADA. CADE A SERIEDADE DESTA MOVIMENTO?????????????????” (Masculino, 2014).*

O primeiro comentário mostra seu apoio tanto à publicação, quanto ao grupo “Revoltados ON LINE”, sendo também uma referência cruzada, e diz que os assaltantes do poder praticam uma “ditadura velada”, uma perceptível alusão a ideia de que o PT pratica uma ditadura, mas que esta não é aparente para todos. O segundo comentário é mais direto ao elogiar Ronaldo Caiado (personagem político muito defendido pelos “Revoltados ON LINE”), mas atentando para que este deveria ir também para as ruas com os manifestantes. E

já o terceiro, é totalmente contrário ao apoio de Ronaldo Caiado ao movimento, pois diz que este é um latifundiário e que está aproveitando o momento para conseguir algum sucesso. Não faz oposição aos interesses dos manifestantes, mas faz a essa publicação que defende o deputado citado.

Sobre a partição que mais aparece nos gráficos, “Contra o PT” (18%), nesta publicação utilizaremos o seguinte comentário para representá-la:

*“Têm muitos desses Políticos, filhos da bandidagem, que fazem o que a Dilma manda, assim como alguns Governadores e Prefeitos que vem acabando com nosso País. Deveria todos esses que não ama a Pátria, ir para cadeia ou ser enforcado em praça pública, como nos velhos tempos Imperial ou seguir o exemplo da China, que executou um Ministro por corrupção. Ai, sim, queria ver se eles irão fazer mais á sacanagem com nosso Brasil.”* (Masculino, 2014).

É preciso lembrar que esta partição acaba abarcando muitos tipos de comentários, sendo estes: direcionados contra o PT, contra as figuras Dilma e Lula, contra os petistas, contra o MST<sup>38</sup>, contra os programas sociais defendidos pelo partido, entre outros. O comentário acima faz uma apologia explícita à morte para os políticos que “fazem o que a Dilma manda”, segundo o comentarista. Relembrando os “velhos tempos”, o autor deste comentário enfatiza que a prisão ou o enforcamento em praças públicas são as medidas corretas para essas pessoas.

A partição “Sobre o acontecimento/Ir para a rua” (14%) faz referência aos comentários que mencionavam as manifestações, que davam opiniões sobre a imagem de Marcello Reis com Ronaldo Caiado, enfim, que falavam do ocorrido naquele dia. E achamos necessária a junção com o tema que pede a manifestação de rua, ou seja, aqueles comentários que incentivam ou convidam as pessoas a participarem das manifestações. A categoria “Outros”, como já comentada várias vezes, representa 13% aqui.

E por último, a partição que trata dos pedidos de “Intervenção Militar” (6%):

*“TOMEM POSIÇÃO FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS, QUE ENTRARAM NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO, PARA RETIRAR E PRENDER TRAFICANTE QUE OPRIMIAM O POVO, VOCES DERAM A LIBERDADE AO POVO PARA VIVEREM, EU FALO com vocês. VAI FORÇAS ARMADAS DO NOSSO QUERIDO BRASIL, PRENDA AQUELES BANDIDOS QUE ESTÃO NOS ROUBANDO, COMEÇANDO COM LULA, DILMA E TODOS OUTROS, OS QUE SÃO CORRUPOTOS E NOS TEM MANTIDO PRISONEIROS, VAI FORÇAS ARMADAS E FAÇA*

<sup>38</sup> MST é o acrônimo de: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

*SUA PARTE E NOS LIBERTEM, ASSIM COMO FIZERAM NO RIO DE JANEIRO, É UM CLAMOR DE UM ADVOGADO, ANTES QUE INICIE UMA GUERRA CIVIL. POIS, O PT É CAPAZ DISTO.”* (Masculino, 2014).

No comentário acima, vemos que segundo o autor, para que se impeça uma guerra civil (pois o PT seria capaz disso), é necessário que as forças armadas brasileiras tomem a frente do país e instaurem um regime militar. Segundo o comentário, os militares deveriam prender aquele que oprime os brasileiros, começando com Dilma e Lula, para depois continuar combatendo a corrupção. Vemos como ainda é forte a ideia de que na Ditadura Militar brasileira não houve corrupção.

Para finalizarmos esse gráfico, seguem os “discursos-síntese”:

- É muito importante que as pessoas apoiem os “Revoltados ON LINE”, pois estes estão lutando contra a corrupção no Brasil, estão representando todas as pessoas do bem, e é por isso que precisam da ajuda financeira;
- Ronaldo Caiado é macho o suficiente para enfrentar os corruptos; Já os que não gostam o Caiado, dizem que este é um latifundiário que nunca ajudou o povo, e agora está querendo se beneficiar;
- Os corruptos como a Dilma, deveriam ser presos ou enforcados em praças públicas;
- Os militares devem intervir no governo brasileiro para impedir que o PT inicie uma guerra civil;

A nona publicação foi postada no dia 04 de dezembro de 2014, possuindo 19 mil curtidas, 38.640 compartilhamentos e 3.805 comentários. Como é nítido, esta postagem possui um número muito maior de comentários do que todas as publicações analisadas até o momento. Isso também será perceptível na décima publicação. A nona postagem se refere a um vídeo acompanhado de um texto, que retrata mais um dia de manifestação dos “Revoltados ON LINE” em Brasília, no Palácio do Planalto. Nesse vídeo vemos Marcello Reis, acompanhado de algumas pessoas, criticando a votação que aprovou a PLN36<sup>39</sup>.

No vídeo, os manifestantes condenam os políticos por “assaltarem o Brasil” enquanto as pessoas estão dormindo. Mostrando mais uma vez o caráter informativo da página, esta publicação teve o objetivo primário de comunicar os seus seguidores das atividades que o grupo realizava. No texto que acompanha o vídeo, apenas se informa que os líderes da página

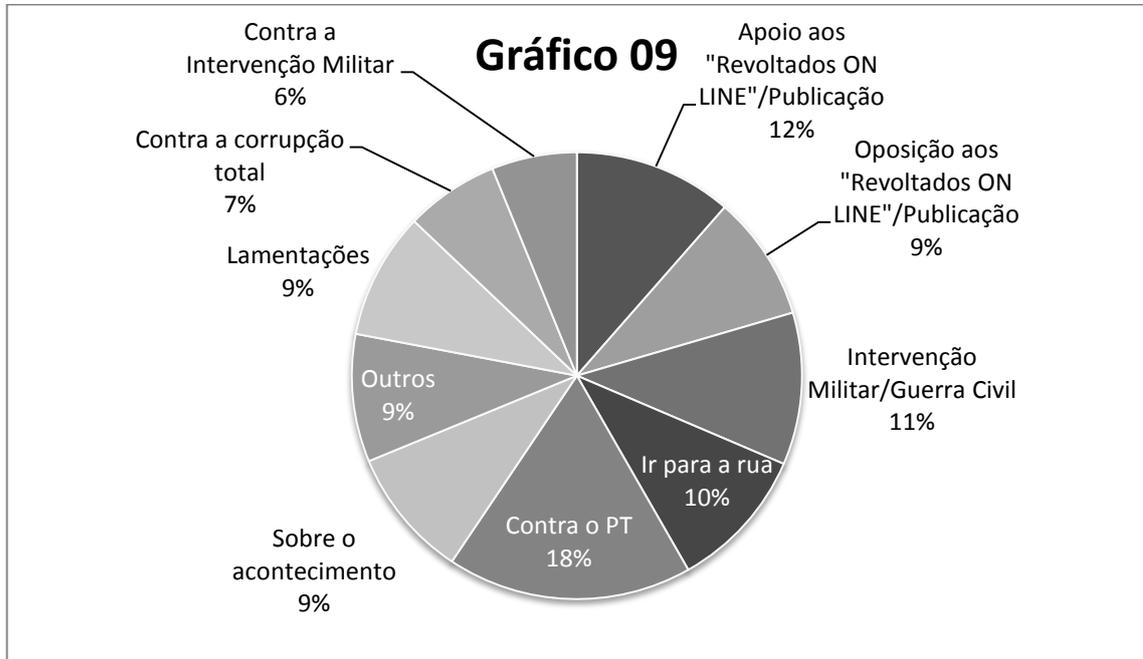
---

<sup>39</sup> Projeto de lei disponível em:

<[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=A504220FEDCC52D0C3A399578EFB0697.proposicoesWeb2?codteor=1285432&filename=PLN+36/2014+CN](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=A504220FEDCC52D0C3A399578EFB0697.proposicoesWeb2?codteor=1285432&filename=PLN+36/2014+CN)>. Acesso em 23 de setembro de 2016.

estão na luta pelo Brasil, e convida a todos os brasileiros indignados a ir para as ruas se manifestarem.

Sobre os comentários da nona publicação:



**Gráfico 9: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 04.12.2014**

Devido ao maior número de comentários, resolvemos deixar os dois próximos gráficos com 10 partições cada. Com muitas categorias que já apareceram nos gráficos anteriores, começaremos com a análise das duas que se opõem, sendo elas “Apoio aos ‘Revoltados ON LINE’/Publicação” (12%) e “Oposição aos ‘Revoltados ON LINE’/Publicação” (9%).

*“não há justiça em nosso país, a ditadura do PT já está implantada no Brasil. E ela não é aquela de luta armada, se assim fosse, eu acho que seria melhor de ser combatida, mas ela é aquela que tem o jogo de favorecimento, de interesse, o aparelhamento das instituições, o toma lá dá cá, a propina, e esta é a ditadura mais perigosa, que vem acontecendo em nosso país, e muitos ainda não perceberão, e quando perceberem já será tarde demais, porque já estará tudo dominado pelo PT e não poderá se fazer mais nada. Brasil desperta! Ontem em Brasília, lá em frente do Congresso Nacional teria que ter no mínimo umas 50 mil pessoas protestando, fazendo barulho, parando Brasília mesmo, mas infelizmente não foi possível isto, valeu pessoal do REVOLTADOS ON LINE pelo o esforço que vocês fizeram, sem recursos financeiros, mas vocês assim ainda lutaram, contra esta organização criminosa.” (Masculino, 2014).*

*“Fascista safado! Vagabundo vai trabalhar e para de ficar pedindo esmola a partidos para de manter safado” (Masculino, 2014).*

*“Me sinto como se estivesse num hospício ver alguém acreditar em Aécio e principalmente num monte de vagabundos desses e tem gente que ainda*

*manda dinheiro pra eles, bando de otários ajude a hospitais, asilos, creches esses vagabundos vão cheirar cocaína com seu dinheiro.”* (Feminino, 2014).

Pelo fato do primeiro comentário também fazer alusão a uma “Ditadura do PT”, ele pode ser considerado uma referência cruzada entre “Apologia aos ‘Revoltados ON LINE’/Publicação” e também “Contra o PT” (18%). No final de seu texto, mostra sua admiração ao grupo “Revoltados ON LINE”, por estarem lutando contra o que ele considera uma organização criminosa (o Partido dos Trabalhadores). O segundo comentário direciona a palavra “fascista” para o líder do movimento, Marcello Reis. E depois critica, utilizando-se de xingamentos, o fato deste pedir dinheiro para financiar as manifestações. O terceiro comentário também faz isso, mas direciona a crítica ao fato de ajudarem esse grupo ao invés de doar o dinheiro para instituições que precisam, como asilos, creches e hospitais.

Para a partição “Contra o PT” não ficar apenas mencionada, exporemos um comentário que apresenta aquelas pessoas que pensam que o Brasil já vive uma ditadura, ou seja, já sofreu um golpe, e seria necessária uma intervenção militar para salvar o Brasil dessa “ditadura petista”:

*“Por isso venho achando, amigos. que só os militares para que a situação seja SOLUCIONADA DE VEZ!! Eles e aliados já deram o golpe. Resta-nos apelar aos militares para o contra golpe. Marcello. vocês são guerreiros. patriotas e a luta não foi em vão, mas a situação só será EFETIVAMENTE mudada com a intervenção dos militares, QUE É CONSTITUCIONAL. Pensem nisso. Tenho quase certeza de que eles estão prontos para agir a qualquer momento. Só eles poderão sanear. prender e aniquilar TODOS os corruptos, TODOS ELES!! Lembro que não se trata de GOLPE militar. mas de intervenção. que é constitucional.”* (Masculino, 2014).

Vemos como o discurso contra o PT se nutre em revestir o partido com uma cara de ditadura, como se em 2014 o Brasil estivesse em um regime que teria dado um golpe para chegar ao poder, desconsiderando toda a legalidade das eleições que puseram tanto Lula, quanto Dilma Rousseff na presidência do Brasil. O pedido da intervenção militar vem carregado com um sentido de “contragolpe”, como se o PT já tivesse dado o primeiro golpe.

Sobre os pedidos e recusas da intervenção militar:

*“Pedir Impeachment nessa hora com esse pessoal que está no congresso a gente não consegue não. Esses porras vão se vender. Só nos resta as FORÇAS ARMADAS. INTERVENCAO MILITAR JA!”* (Feminino, 2014).

*“e vc acha que intervenção militar vai resolver Rosana? a dilma tem do lado dela o exercito de cuba, venezuela, mst, farcs, comando vermelho e achu q*

*ate o capeta, tu realmente acha que o exercito brasileiro tem chance? eu achu q naum, só vai morrer gente a toa, o brasil ja ta perdido.” (Feminino, 2014).*

*“tanta sandice e ignorância histórica. voces não viveram 64. parem de falar asneiras. viva o povo brasileiro , que não quiz PSDB!” (Masculino, 2014).*

*“O povo tem q meter é a porrada nesses canalhaslllll Só iremos mudar as coisas qnd esses cafajestes sentirem na pele a nossa força!!!!” (Masculino, 2014).*

*“Pessoal, vamos parar com este negócio de pedir intervenção dos militares, porque isto está afastando muita gente que poderia se juntar a este grupo. Não podemos desejar um absurdo deste. Queremos uma democracia de fato. Intervenção militar, tô fora!” (Masculino, 2014).*

Os comentários que pedem a “Intervenção Militar/Guerra Civil” representam 11% da totalidade. Nesse gráfico, resolvemos abarcar na categoria dos militares também aqueles que defendem que, ao invés de só os militares intervirem, que os brasileiros indignados também peguem em armas e vão para a luta, para a guerra (por isso o termo “guerra civil”). Muitos comentários defendem essa ideia explicitamente, e temos o quarto comentário citado acima para aludir a essa temática. O primeiro comentário manifesta a opinião de que não adianta o *impeachment*, a solução é a intervenção militar; e já o segundo, discordando do primeiro, expõe a ideia de que a Dilma controla o exército de Cuba, Venezuela, MST (tido enquanto um exército), as Forças Armadas, o Comando Vermelho, e até o “capeta” (brinca a comentarista). Ou seja, tem-se a ideia de que os militares estariam a favor de Dilma Rousseff e contra o “povo de bem”. O terceiro e o quinto comentário se indignam frente aos pedidos de Intervenção Militar, tendo os dois comentaristas, a partir da análise de seus perfis, vivido 1964. O terceiro aplaude ao povo brasileiro por não querer o PSDB e critica os pedidos de intervenção; e já o quinto, é a favor das manifestações e apoia o movimento, mas não se vê representado pelos pedidos de intervenção militar (“Contra a Intervenção Militar” – 6%).

Referente à partição “Sobre o acontecimento” (9%), podemos citar:

*“Nosso trabalho passa pela educação de cada um na rua. Temos que chamar a atenção para o que está ocorrendo em nosso país através das redes sociais e no boca-a-boca. É trabalho de formiguinha mesmo. Vamos argumentar com situações do dia-a-dia. É fácil. as situações são inúmeras. Um abraço a todos; parabéns ao Revoltados, à Oposição brasileira e não nos esqueçamos: JUNTOS SOMOS FORTES E COM DEUS SOMOS IMBATÍVEIS!” (Masculino, 2014).*

O autor comenta sobre os movimentos, e também apoio ao grupo que administra. Ao final de seu texto, utiliza parte da frase padrão dos “Revoltados ON LINE”, presente na maioria das publicações: “Juntos somos mais fortes, e com Deus a nossa frente somos imbatíveis”. Essa frase é colocada na maioria das postagens textuais da comunidade, e também muito falada nos vídeos produzidos e publicados por Marcello Reis.

Para a categoria “Ir para a rua” (10%):

*“Intervenção militar !? Sem armamentos ! Vamos pra Ruaaaaaa gente!”*  
(Feminino, 2014).

*“Só vou protestar se for a favor dos militares. Os protestos q vcs estão fazendo estão e serão em vão sem a força deles.”* (Masculino, 2014).

*“O povo precisa sair as ruas o Brasil todo precisa parar de cabo a rabo dias e noites e clamarmos por INTERVENCAO MILITAR CONSTITUCIONAL ja”* (Feminino, 2014).

As postagens referentes a essa partição se dividem, como vemos nos três comentários acima. O primeiro representa a parcela da população que não é a favor dos militares, e por isso mesmo, quer a manifestação de rua do povo, sem intervenção e outros. Já os dois comentários seguintes, enfatizam os pedidos de “ir para a rua” justamente para pedir o apoio dos militares, no sentido de que se não for para isso, não adianta mais se manifestar.

A partição “Lamentações” (9%) faz alusão aos comentários que apenas lamentam a situação do Brasil, não dando uma opinião de ação, não pensando no que se deve fazer. Apenas lamentam o a situação do país nos comentários do *Facebook*. Ainda assim, foi um tipo de comentário que apareceu bastante nesta publicação, e por isso criamos uma partição para este tema. A categoria “Outros” vem dessa vez com 9% dos comentários, e para finalizar o gráfico, os discursos que se manifestavam “Contra a corrupção total” (7%):

*“Estamos falando só do pt gente se olharmos bem vamos notar que a quadrilha e formada por todos os partidos existente não tem como negar que a oposição somos nos, vamos enfrente com essa campanha. fora bandidos”* (Masculino, 2015).

Muitos comentários apontaram para esse discurso contra a corrupção total, não tomando apenas a luta contra o PT (mas ainda assim, não a negando). Enfim, seguem abaixo os “discursos-síntese” sobre a publicação analisada:

- O apoio aos “Revoltados ON LINE” se dá por aqueles que acreditam que este grupo esteja lutando pelo bem do país, contra a organização criminosa do PT, e por isso, é necessário a ajuda financeira e a manutenção dos “Revoltados ON LINE”;
- Os que fazem oposição aos “Revoltados ON LINE”, acabam por tomar Marcello Reis, o líder, como um fascista e aproveitador das pessoas que doam dinheiro par ele; ou também a crítica a essas pessoas é feita;
- As forças armadas devem intervir no país com um golpe militar, justamente porque o PT já se instaurou no poder por meio de um golpe, e o que aconteceria seria um “contragolpe”. O apoio aos “Revoltados ON LINE” e as manifestações de rua devem ter isto como o propósito;
- Os que são contra a intervenção militar, apoiam as manifestações de rua e a saída da presidente Dilma Rousseff por outros meios, e não por uma intervenção, justamente porque alguns já viveram sobre uma e provavelmente não trazem boas lembranças;
- Os que não criticam apenas o PT, dizem que as manifestações devem se direcionar contra a corrupção total, contra todos os bandidos políticos;

O nosso último gráfico faz referência à décima publicação. Esta foi postada no dia 05 de dezembro de 2014, e possuía 24.896 curtidas, 233.117 compartilhamentos e 3.846 comentários. É um vídeo montado com muitas imagens sobre o PT e diversas relações de Dilma com o islamismo, o terrorismo, etc. Enquanto o web ator assiste as imagens, também escuta a voz do narrador fazendo comparações bizarras e criticando ferozmente o PT. O vídeo tem o objetivo de prejudicar a imagem de Dilma Rousseff, e está acompanhado do seguinte texto:

*“O QUE TODO BRASILEIRO PRECISA SABER SOBRE O PT.  
Ouçam! Assistam! Divulguem! Compartilhem!  
E A NOSSA LIBERDADE QUE ESTÁ EM RISCO  
O povo precisa acordar e não permitir que o PT conclua os seus planos  
#ComunismoNunca  
#DitaduraPetistaJamais  
#CorruptosnaCadeia  
Patricia Melo  
Revoltados ON LINE” (Feminino, 2014).*

O vídeo se nomeia como uma carta aberta aos brasileiros, e especificamente em seu conteúdo, o vídeo faz menção a temas como: o MST é um exército do PT; o programa Bolsa Família é destinado a pessoas dominadas pelo PT; Toma todo mundo do PT como criminosos e terroristas, e critica a quietude dos militares diante do “caos”, segundo o autor do vídeo, que

se encontra o país; discursos de que temos que impedir o plano do PT de implantar o comunismo no Brasil; críticas a Fidel Castro e a comparação deste, somada a de Dilma, com terroristas e até Hitler (com o intuito de danificar a imagem da ex-presidente, que naquele momento, ainda era presidente); a ideia de que os médicos cubanos estão espalhados pelo Brasil para disseminar a ideologia comunista; PT como apoiadores de assassinos de cristãos, entre eles, o Estado Islâmico (o vídeo diz que Dilma apoia o Estado Islâmico); ainda comentam que Dilma é “anticristã”, pois é atea, e por isso, apoia assassinatos de cristãos, além de ser “materialista” e “marxista”. O vídeo ainda faz críticas à comunidade LGBT, pois este faria parte de um plano do partido comunista, uma “agenda do mal”.

É notável como o vídeo se utiliza de argumentações e noções históricas para legitimar os seus preconceitos, usando comparações com o Estado Islâmico, tentando forçar comparações para que o PT seja tido como terrorista. Outras comparações tão absurdas quanto, são as críticas à comunidade LGBT, ao dizer que o PT não é a favor da família, justamente por apoiar o movimento. Além de caracterizar ateus como portadores do mal, e simplesmente por serem ateus, necessariamente seriam a favor da morte dos cristãos.

Sobre os 3.846 comentários da décima publicação, segue o gráfico 10:



**Gráfico 10: Resultados obtidos pelo autor sobre os comentários do vídeo de 05.12.2014**

Assim como a nona publicação, esta possui um número significativo de comentários que foram analisados e categorizados. Começaremos, então, falando da partição

“Xingamentos” (10%), que nesta publicação teve um número significativo de comentários e foi necessária uma partição para comentários agressivos nesse gráfico. Os xingamentos apareceram na maioria das publicações (dos 10 gráficos), mas não foi em todos que irromperam o suficiente para abrimos uma partição própria, e acabávamos colocando eles em “Outros”. Aqui não, tivemos 10% dos comentários sendo apenas xingamentos. Já que citamos os “Outros”, neste gráfico apresentam 7% dos comentários, representando marcações de amigos, links de outros sites, etc.

Sobre os que apoiam os “Revoltados ON LINE” e também os que fazem oposição:

*“FORÇAS QUERIDO MARCELO E E ISSO AI. ‘SEMPRE COM DEUS NA FRENTE DE TUDO’. TEM UM VIDEO P VC ASSISTIR.ACREDITO QUE VAI TE DEIXAR AINDA MAIS ENTUSIASMADO.VEJA NO YOU TUBE SENADOR MAGNO MALTA MANDA RECADO PARA AECIO NO SENADO.ABRACOS E DEUS ABENÇOE SEMPRE.NOS VAMOS CONTEMPLAR ESSA VITORIA!!!”* (Masculino, 2014).

*“esse revoltado online nem morra no Brasil quer falar oque.fazendo companhia pro PSDB. safado vcs perderão ingula essa, sempre perderão para o PT. O PT fez e faz muitas coisas para o Brasil. todos os corruptos estão sendo investigado no brasil e sendo presos sendo eles do pt ou de outros partidos ou de qualquer ministerio, sem mandar arquivar o processo ato que vcs do PSDB fazia sempre que aparecia um corrupção.”* (Masculino, 2015).

O primeiro comentário, que dedica forças ao líder do grupo e indica um vídeo para que este assista faz parte da partição “Apoio aos ‘Revoltados ON LINE’/Publicação” (12%). E já o segundo, que critica os “Revoltados ON LINE” e defende o PT, dizendo que este partido fez muitas coisas pelo Brasil, e muitas investigações são feitas para prender políticos corruptos por causa do próprio PT, faz parte da partição “Oposição aos ‘Revoltados ON LINE’/Publicação” (9%).

Para a categoria “Lamentações” (7%), nos referimos àqueles comentários que apenas esboçam um lamento sobre a situação do Brasil, sem dar nenhuma outra opinião que seja explícita. Lembrando que estes comentários foram postados sobre o vídeo do dia 05 de dezembro de 2014, a lamentação foi a única forma de se expressar que essas pessoas compartilharam online. Temos como exemplo:

*“Infelizmente não temos mais em quem votar! Pq quem já esteve no poder nada fez, quem está tbm nada faz e quem vai entrar acredito que nada fará. Esse é o medo de todos Brasileiros acredito!!!”* (Masculino, 2015).

Vemos como o comentário atenta para uma crise de representação política, e a sua lamentação se dá nesse sentido, onde não encontra mais respaldo em nada que solucione a política brasileira. Sobre a categoria “Ir para a rua” (11%), mostraremos um comentário que menciona a necessidade do povo de agir:

*“Acho q esta na hora do povo agir, essa Dilma é um Hitler d saia, pt esta acabando com o Brasil. Divulguem.”* (Feminino, 2015).

Além de convidar o povo para “agir”, vemos como a comentarista faz uma comparação de Dilma com Hitler (também realizada pelo vídeo desta publicação). Como pode ser notado, muitos dos comentários referentes a essa publicação são do ano de 2015. Isso ocorre porque a publicação é de dezembro de 2014, sendo os comentários realizados a partir desta data e adiante, pegando o início de 2015 (lembramos mais uma vez como a cibercultura possui comunicações assíncronas entre as pessoas).

Na categoria “Contra o PT” (17%), temos a abrangência de vários tipos de discursos que buscam prejudicar a imagem do partido. Dentre eles, muitas noções de comunismo, do cotidiano de Cuba, Venezuela, Bolívia, são postadas pelos comentaristas. Por isso, utilizaremos aqui uma definição de comunismo feita por um desses web atores para representar a categoria “Contra o PT”, afinal, essa definição está totalmente ligada, por esses autores, ao Partido dos Trabalhadores, que segundo eles, é comunista.

*“DEFINIÇÃO DE COMUNISTA: E O VAGABUNDO QUE QUER SUBIR AO PODER PARA FAZER O POVO TRABALHAR PARA ELE, QUE PREGA KARL MARX. GOVERNA COMO STALIN (COM MÃO-DE-FERRO) E QUER VIVER COMO UM MARAJA!!!- ESSA É A MELHOR QUE JA LI E NELA ESTA ENQUADRADA A ELITE PETRALHA!!!”* (Masculino, 2014).

É visível que ao definir “comunismo” de uma forma totalmente pejorativa, relaciona essa forma de governar à “elite petralha”, ou seja, à atuação do governo petista. Muitos comentários não criticam apenas o PT, defendendo a ideia de que a corrupção no Brasil não advém apenas de um partido. Nessa categoria, “Contra a corrupção total” (9%), exporemos o seguinte comentário:

*“É a direita, reacionária, capitalista, desumana, privatista, tão ou mais corrupta do que os petistas se manifestando. A corrupção tem mais de 500 anos no Brasil, mas, agora está levemente investigada. como nunca foi e os*

*bandidos descobertos indo p o lugar deles, a cadeia. Todo político e bandido.”* (Masculino, 2015).

O comentário acima denota que a direita seria também corrupta, pois no Brasil, “a corrupção tem mais de 500 anos”. Uma clara alusão à chegada dos Portugueses no território que posteriormente seria conhecido como Brasil. E termina com uma frase que defende a ideia de que todo político é bandido, é corrupto.

Para um dos temas mais polêmicos de todas as publicações analisadas aqui, onde surgem diversas opiniões, a intervenção militar, colocaremos três comentários para serem analisados:

*“Eu nasci e cresci durante a Ditadura e digo, sem medo de errar que, em momento algum, nem eu e nenhum membro da minha família sofremos qualquer violência!! Sabem por que?? Porque nenhum de nós nunca roubou, sequestrou ou colocou bomba, nem pegou em armas p aterrorizar cidadaos inocentes! Naqueles tempos as pessoas podiam sair às ruas sem temor, as escolas tinham excelente qualidade, o povo tinha VERGONHA NA CARA!!! Agora. com os PTralhas no poder, a bandidagem, a corrupcao, a inflaçao, a impunidade, enfim, a baderna tomou conta do nosso combalido BRASIL!! A Ditadura Militar cometeu um grave erro: deixou essa corja viva p assaltar o país!!! ACORDA POVO BRASILEIRO A pior ditadura e essa que esses bandidos/pseudo comunistas estão nos entubando goela abaixo!!! TACA-LHES PAU!!!”* (Feminino, 2015).

*“cade as armas do povo ? ninguem vai merda de rua mais nao mano, ngm apoia, os manifestantes tao so se fodendo ! REVOLUÇÃO ARMADA MEU POVO”* (Masculino, 2014).

*“Não sou Petista, tudo está errado? O Brasil teve a chance de mudar e não mudou; uma DITADURA Não é o caminho do Brasil, já vimos este filme antes, o povo teve a chance de acabar e MINAS GERAIS negou fogo. o meu candidato perdeu em sua terra natal e de seu avô, nós merecemos o governo que temos, pois em um ESTADO DITO ESCLARECIDO O SEU CANDIDATO E FILHO PERDE POR 1.800.000 VOTOS ENTÃO O QUE QUEREMOS ‘RELHO NO POVO BRASILEIRO E PRINCIPALMENTE NOS MINEIROS QUE ELEGERAM A PRESIDENTA’ Escutei este mesmo papo há muitos anos atrás que o EXÉRCITO seria a solução? Mas solução do que? Não Incentivem os que não conviveram com uma ditadura.”* (Masculino, 2015).

Os dois primeiros comentários citados acima fazem referência à partição “Intervenção Militar/Guerra Civil” (12%), sendo o primeiro uma memória de uma vivente do regime militar brasileiro, onde esta nos conta como para ela foi um período bom o da ditadura militar, porque na sua visão, apenas bandidos foram torturados na ditadura, e ela e toda a família nunca foram contra a lei. É comum vermos memórias da ditadura brasileira que defendem o

período. Isso geralmente ocorre porque a pessoa e toda a família não sentiram explicitamente os malefícios do regime, e às vezes até tiveram certos privilégios, o que faz com que muitos passem a apoiar o militarismo em tempos de crise de representação política. Já o segundo comentário, faz mais referência ao segundo nome da partição, o de “Guerra Civil”, ao defender uma “revolução armada”, na qual o povo deveria pegar em armas para tirar uma presidente eleita pela maioria da população, ou seja, democraticamente.

E o terceiro comentário, na contramão dos anteriores, defende que a ditadura não seria o caminho mais ideal para o país – “Contra a Intervenção Militar” (6%). É notável que este web ator também presenciou o regime militar brasileiro, pois diz para os que “não viveram”, para pararem de incentivar uma intervenção militar. Vemos duas memórias conflitantes aqui, na qual o primeiro comentário toma a ditadura brasileira como algo bom, justo, onde o país prosperava; e o terceiro que alerta para os perigos de uma ditadura, e solicita para que as pessoas não peçam por uma.

Seguem abaixo os “discursos-síntese” da décima publicação:

- Os que apoiam os “Revoltados ON LINE” dedicam forças aos líderes da página, principalmente ao Marcello Reis (o criador), pois acreditam que a comunidade está lutando por um Brasil melhor, contra os corruptos do PT;
- Já os que não concordam com a publicação e fazem oposição aos “Revoltados ON LINE”, denunciam o fato de o grupo fazer campanha para o PSDB, e defende o PT ao dizer que o partido está investigando atos de corrupção em todos os partidos, inclusive do próprio PT;
- Muitos acham que o Brasil não tem mais solução, e apenas expressaram suas lamentações;
- Outros acham que o povo brasileiro deve ir para a rua se manifestar contra Dilma;
- Idealização do PT como um partido comunista, e, por conseguinte, definição de comunismo como uma forma de governo que leva vagabundos ao poder e faz com que os outros trabalhem para ele;
- Há também os que discursam contra a corrupção total, não tomando partido apenas contra o PT, e dizendo que no Brasil a corrupção está em todos os partidos políticos;
- Os que defendem a ditadura e uma intervenção militar no presente, utilizando-se de memórias para argumentar que na ditadura só se puniam os bandidos, e aqueles que seguiam as ordens, viviam em paz;

- E no contraponto deste último, há também as memórias da ditadura que alertam aos web atores do presente para não desejarem viver numa ditadura, e que isso não seria uma solução para o país;

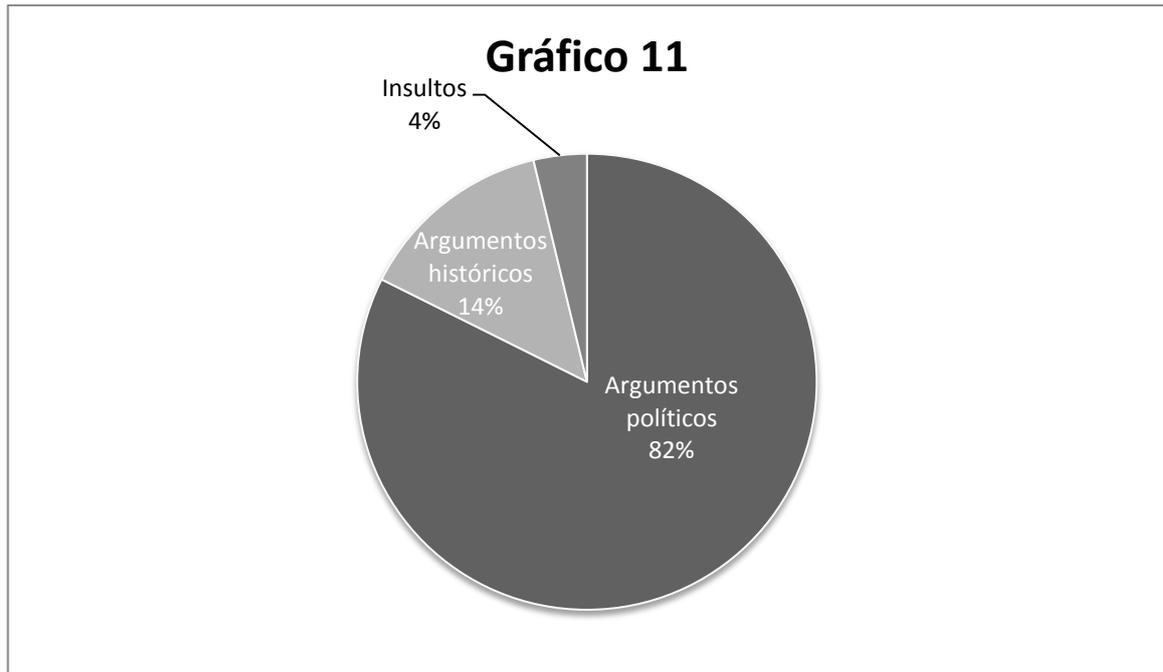
### **3.4. Os argumentos políticos, os históricos, e os insultos**

Ao longo da análise das 10 publicações e seus respectivos gráficos dos comentários, pudemos ver várias temáticas serem levantadas pela sociedade que atuou naquele pequeno pedaço do ciberespaço. Assim, discutiram sobre a história contemporânea brasileira e o contexto político da época, que até 2017, ano em que escrevemos, mostrou-se cada vez mais interessante e turbulento aos olhos dos historiadores. Vimos como são diversificados os argumentos sobre o governo petista no final de 2014, e como muitas pessoas se utilizaram de argumentos políticos, argumentos baseados em ideias de história, e narrativas insultantes, para opinar sobre o momento, sobre soluções, ou apenas denúncias e lamentações.

Após as análises realizadas nesse capítulo e com o intuito de esclarecer mais sobre as regularidades enunciativas que apareceram nos comentários, resolvemos expor um último gráfico, que trará a divisão dos comentários em três: “Argumento político”; “Argumento baseado em ideias de História”; e “Narrativas insultantes” (sem construir qualquer tipo de argumento). Este último gráfico é fruto da soma dos dados de todos os outros gráficos acima, resultando em porcentagens para argumentos políticos, históricos e insultos. Assim, teremos uma noção mais clara das manifestações dos “Revoltados ON LINE”, do que foi produzido e divulgado na sua página do *Facebook*.

É claro que esses argumentos, como vimos, são os mais diversos possíveis, criando as partições mais diversas também. Ou seja, são argumentos que se entrecruzam. Ainda assim, podemos categorizar esses dados nas três categorias citadas acima: os argumentos de cunho político, histórico (que se utilizam de alguma ideia de história), e os insultos.

Segue abaixo o último gráfico, resultante da análise conjunta:



**Gráfico 11: Resultados obtidos pelo autor dos tipos de argumentos categorizados nos comentários.**

Vemos, pelo gráfico final, que a maioria dos argumentos encontrados nas publicações do “Revoltados ON LINE” são de cunho político, ou seja, manifestações contrárias ao governo petista presente na época. Claro que levando em conta também todas as ações desse governo, como por exemplo, os seus programas sociais, seus pronunciamentos na televisão aberta, entre outros, foram criticados de alguma forma pelo grupo “Revoltados ON LINE”, e repercutiu nacionalmente pelos *web* atores que ali atuaram e difundiram essas opiniões. Com 82% dos comentários, os argumentos políticos se sobressaíram às outras duas categorias citadas no gráfico, sendo elas: Argumentos históricos (14%) e Insultos (4%).

Como dissemos, os argumentos se entrecruzam, mas, ainda assim, pudemos categorizá-los dessas três formas. Primeiramente para apontar as posições políticas do grupo, sendo contra ou a favor de determinado partido político, de alguma figura pública, entre outros. Em segundo lugar, os argumentos históricos nos interessam para notarmos que se elaboram ideias de história no ambiente virtual, e estas ideias são de extremo interesse da pesquisa histórica. Investigar quais os tipos de história que circulam na História Pública digital, é relevante para a compreensão do contexto histórico brasileiro. Os insultos também aparecem, pois, mesmo que em menor grau se comparado aos argumentos políticos e históricos (pois esses foram as bases da pesquisa), nos revelam como o ciberespaço pode se tornar um ambiente de discurso de ódio em determinadas páginas do *Facebook*. Nas análises das publicações dos “Revoltados ON LINE”, vimos muitas alusões à morte, assassinatos,

guerras civis, e até defesas ao regime militar brasileiro. Esses levantamentos temáticos nos mostram as opiniões de muitos brasileiros, que muitas vezes apenas encobrem um discurso de ódio que se reveste de opinião (uma discussão que pretendemos desenvolver mais em outro momento). Enfim, por isso também optamos em apresentar no gráfico os insultos. Estes se apresentam menores em relação aos outros argumentos, justamente porque a página se dedica a manifestar contra o governo. Ou seja, a maioria das publicações são “argumentos políticos”, podendo fazer referência cruzada com os insultos e as ideias de história.

Sobre as ideias históricas, vimos que muito se discute sobre a Ditadura Militar brasileira, sobre o Comunismo, Socialismo, Cuba, Venezuela, até supostas ditaduras de esquerda da qual o PT manteve o país pelos seus anos de governo. São essas noções de História que mais circularam na página durante o período estudado, tendo apologias à Ditadura Militar, comparações de Dilma e Hitler, até mesmo com o Estado Islâmico. Definições confusas de regimes como Socialismo e Comunismo, ideias conspiratórias sobre golpes de estado que o PT planejou dar durante sua permanência no poder, entre outros.

A página se manifestou contra o governo federal petista, ganhando repercussão entre os meses estudados (de julho a dezembro de 2014). A partir daí, o seu crescimento foi notável, tendo total relevância nas manifestações e pressões políticas que influenciaram a validação do turbulento processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Estudar a História do Tempo Presente é uma aventura interessante, pois, no início dessa pesquisa, o processo de *impeachment* era apenas um sonho pensado e pedido por páginas como o “Revoltados ON LINE” no ambiente virtual. Essas manifestações ganharam tanta repercussão que de sonho passou a realidade (talvez um tanto quanto nebulosa), e a pesquisa se encerra com o processo de *impeachment* aceito e finalizado, estando o país sob o governo do antigo ex-presidente, e agora atual, Michel Temer.

Páginas como o “Revoltados ON LINE”, com opiniões políticas de direita (poderíamos dizer até de uma extrema direita), surgiram durante esse período e dividiram o ciberespaço brasileiro de manifestações políticas. Ascendem-se muitas páginas de direita e extrema-direita, ressurgem velhas visões de mundo, velhos preconceitos, e novos tempos um tanto quanto velhos podem fazer parte do nosso futuro. Eric Hobsbawm (2013) já nos atentava para os perigos de qualquer previsão, já que o objeto do historiador está no passado, mas também dizia que não pensar nessa perspectiva de passado em relação com o presente e o futuro, seria um erro do historiador. Cabe dizer que o grupo “Revoltados ON LINE” influenciou notadamente os rumos que a história da política brasileira tomou nesses últimos anos, e que as suas manifestações contra o governo federal brasileiro em 2014 apontaram para

críticas relacionadas a partidos e ações da esquerda, e as defesas em torno de movimentos políticos de direita (até a extrema direita), onde foi forte a apologia à Ditadura Militar, e as ideias históricas de uma suposta “ditadura petista”. Enfim, muitas pessoas se formaram nesse período temporal, tanto historicamente, quanto politicamente. Formaram-se e difundiram suas ideias, seus medos, seus preconceitos, e suas manifestações no ambiente virtual, que se mostrou um grandioso instrumento de política, e um riquíssimo acervo para o ofício do historiador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou discutir as relações entre História e Cibercultura, mostrando como o ciberespaço, o ambiente virtual, pode ser de total interesse para os estudos da História. Tivemos o intuito de investigar as manifestações contra o governo federal brasileiro no ano de 2014 durante os meses de julho a dezembro, a partir da página “Revoltados ON LINE”, inserida na rede social online *Facebook*. Não só as manifestações que esse grupo se dedicou a fazer contra os governos de esquerda brasileiros, principalmente o federal, levamos em conta as noções de história que mais circularam nessa página: as suas definições de comunismo, socialismo, opiniões e apologias sobre a Ditadura Militar Brasileira, menções à Venezuela, Cuba, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Nazismo, entre tantos outros temas que se mostraram em alta em determinadas discussões virtuais brasileiras nos últimos anos.

Com o propósito de colaborar com os estudos da História do Tempo Presente, nos dispomos a investigar essa nova fonte de conhecimento para a Ciência da História, o ciberespaço. Mais precisamente, estudamos essa nova cultura que se estabeleceu no ambiente virtual, a partir das relações entre as pessoas que ali atuaram, criando códigos culturais, sistemas simbólicos, regras e consensos de ética. É uma nova cultura que, como vimos no debate teórico sobre o termo, pode ser chamada de cibercultura, e que tem muito a ser estudada, não só por historiadores. Mas como o nosso trabalho faz parte dessa área do conhecimento, a História, cabe dizer que o ciberespaço se mostrou como um grande acervo de fontes para serem estudadas – tanto da História contemporânea recente, quanto das épocas mais remotas. Como vimos, no ciberespaço também se encontram imagens medievais, poemas antigos, literaturas do século XIX, entre tantos outros documentos que já foram estudados pelos historiadores, mas agora em um novo formato de mídia, o digital.

Em suma, no primeiro capítulo, achamos necessário antes de abordar a fonte precisamente, discutir um pouco sobre a cibercultura, ciberespaço, fontes digitais e a História do Tempo Presente. O primeiro capítulo, então, objetivou-se a apresentar as discussões sobre o estudo do contemporâneo, as dificuldades encontradas pelos estudiosos da história que se depararam com fontes contemporâneas a eles. Vimos o perigo de “afogar” a pesquisa com a enorme quantidade de fontes disponíveis no tempo presente; concluímos também que o historiador deve tomar cuidado com os campos ideológicos que estão muito presentes quando se estuda História e Política; justificamos como a fonte é digna de ser estudada, relacionando autores contemporâneos com alguns mais tradicionais, no qual estes nos mostram que a

História se faz com documentos escritos sim, mas pode-se fazer com qualquer outro tipo de documento que caiba ao historiador, que possibilite que ele “produza o seu mel”.

Ainda no primeiro capítulo, também discutimos as fontes virtuais do *Facebook* em um sentido mais teórico. As definições de ciberespaço e cibercultura, embasadas por teóricos como Pierre Lévy e Robert Kozinets, foram de total importância para este estudo, na qual podemos considerar o primeiro como um novo meio de comunicação no ambiente virtual que abrange não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também a vasta quantidade de informações que ele abriga, assim como os seres humanos e suas atividades nesse espaço. Já a cibercultura, compreendemos como um conjunto de práticas, técnicas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolveram juntamente com o ciberespaço. É uma cultura estabelecida no ambiente virtual. Também consideramos que a passagem da *web* 1.0 para a *web* 2.0 foi de suma importância para o entendimento do nosso trabalho, uma vez que são os *web* atores (termo também definido no primeiro capítulo) os protagonistas dessa cibercultura, dessas manifestações realizadas contra o governo federal, dessas noções de comunismo, ditadura, nazismo, e até noções sobre o próprio governo. Assim, no capítulo inicial vimos o ciberespaço como um acervo de documentos para a História, e pudemos perceber algumas especificidades desse ambiente, na qual os textos aparecem com novas hierarquizações (ou sem essas), e as informações fazem parte de um território cosmopolita que mescla vários tipos de mídia, dando novos significados às mesmas.

No segundo capítulo apresentamos melhor a nossa fonte, a página “Revoltados ON LINE”. Foram analisadas as suas descrições curtas e longas, na qual pudemos perceber o claro partidário da página contra o Partido dos Trabalhadores, mesmo o movimento se definindo contrário à corrupção total. Concluímos que a página possuiu um enorme papel formador de opinião de jovens e adultos, procurando transmitir informações das atividades do movimento cotidianamente (sendo essa uma das justificativas para o nome “on line” [sic] presente no título). Neste capítulo também inserimos os “Revoltados ON LINE” nas discussões políticas que afloraram em 2014. A página foi criada em 2010, mas pudemos ver que ganhou repercussão realmente apenas no período eleitoral de 2014. Após a vitória de Dilma Rousseff no segundo turno (candidata que a página fazia total oposição), o grupo cresceu cada vez mais, ganhando um número enorme de seguidores e chegando perto de dois milhões de curtidores. Neste segundo momento do trabalho, contextualizamos o ambiente e as tensões políticas em que se inserem os “Revoltados ON LINE”, apresentando outras páginas que também discutiram política no *Facebook*, sendo elas: “MBL – Movimento Brasil Livre”, “Jovens de Direita”, “Iconoclastia Incendiária”, “Jovens de Esquerda” e “Meu Professor de

História”. Terminamos o capítulo expondo as opções metodológicas da Netnografia e do “Discurso do Sujeito-Coletivo” (DSC), que produziu discursos-síntese (apresentados no terceiro capítulo) sobre as temáticas mais veiculadas pela página.

Após apresentar a perspectiva teórica, metodológica, e a nossa fonte, no terceiro capítulo mostramos as análises feitas das publicações selecionadas para estudo, juntamente com os gráficos dos comentários de cada publicação, exibindo os temas mais veiculados, defendidos e debatidos pelos *web* atores no ano de 2014 na página do “Revoltados ON LINE”. Essas dez publicações mesclaram diversos argumentos contra o governo federal, e também sobre outras temáticas, sendo alguns deles: “Contra o PT”, “Referência à morte”, “Crítica ao Comunismo”, “Ir para a rua”, “Xingamentos”, “Intervenção Militar”, “Referência a Cuba”, “Defesa ao PSDB”, “Impeachment”, “Ditadura do PT”, “Defesa à Meritocracia”, “Fraude nas Urnas”, “Apologia aos ‘Revoltados ON LINE’”, entre outros. Mas, em contraposição, também tivemos: “Oposição aos ‘Revoltados ON LINE’”, “Contra a Intervenção Militar”, “Oposição à publicação”, entre tantos outros comentários que fizeram oposição às ideias defendidas pelo movimento.

A partir de todas essas ideias levantadas e analisadas nos gráficos, a partir dos comentários dos usuários, pudemos concluir que a maioria dos argumentos foi de cunho político (82%), e mostraram apoio ou oposição a determinado partido, defesa de alguma figura pública política, opiniões de economia e de governo, entre outros. Na sequência, vieram os argumentos históricos, com 14% dos comentários. Estes que fizeram referência à Ditadura Militar, Cuba, Venezuela, Bolívia, Comunismo, Socialismo, Nazismo, Fascismo, Hitler, entre outros. Ou seja, aqueles que utilizaram termos muito tratados pela História, carregados de sentidos históricos, e difundiram opiniões sobre, versões da história, no ambiente online. E por fim, os insultos, com 4% dos comentários, que pensando na quantidade de “falas” analisadas, já é uma porcentagem enorme. Estes que faziam referência à morte de Dilma Rousseff, do ex-presidente Lula, a algum tipo de guerra civil que fosse necessário matar algumas pessoas para “resolver a situação do país” (inclusive, ideia que ganha respaldo na fala de alguns políticos reacionários brasileiros, no qual poderemos tratar em estudos futuros). Ou seja, são os argumentos que não crescem em nada, nem criticam, apenas insultam.

Podemos concluir que a página foi muito relevante para a formação política e histórica de muitos jovens e adultos durante o segundo semestre de 2014. Detalhe, a página continuou se fortalecendo e desempenhando um papel muito maior nos anos de 2015 e 2016, mas como tivemos que escolher um período temporal para ser possível realizar essa análise, preferimos o

momento em que o movimento emerge do silêncio que se encontrava desde 2010, ano de sua criação. É impressionante como que no período eleitoral brasileiro de 2014, muitas páginas vão surgir e ganhar repercussão nacional, sendo muito influentes nos acontecimentos políticos do país. Afinal de contas, tivemos um *impeachment* de uma presidente eleita democraticamente, e na nossa leitura, essas comunidades virtuais tiveram total influência na formação política de muitas pessoas que pressionaram e possibilitaram todos esses acontecimentos no cenário nacional. Podemos considerar que os “Revoltados ON LINE” se tornaram um grupo autônomo, que se manteve a partir do respaldo que encontrou na população, que o financiou até o momento. É provável que partidos políticos estejam por trás de algumas dessas páginas, mas ainda é muito cedo para poder decretar isso sobre os “Revoltados ON LINE”, inclusive agora que o seu acesso está proibido, e o movimento tenta se reerguer com outras redes sociais.

Ficou nítido que defendem ideias que vão da direita à extrema direita, condenando todos os programas sociais realizados pelos governos Lula e Dilma, defendendo que vivemos (durante esses governos) um período de “ditadura petista” que teria em sua base o comunismo. São ideias confusas, como pudemos ver, mas que se difundiram com uma força assustadora, e preencheram o cenário da História Pública brasileira. Emergem novas ideias (velhas), com uma carga conservadora, em muitas parcelas da sociedade. Muitos preconceitos revestidos de opinião tomam conta dos argumentos políticos e históricos. Investigá-los e poder colaborar com a História do Tempo Presente foi um dos nossos objetivos aqui. Esperamos que tenhamos contribuído de alguma forma para os debates sobre o modo como a política circula nas redes sociais online, discutindo a HTP e o ciberespaço como um acervo de fontes para estudo da História.

**FONTE**

<https://www.facebook.com/revoltadosonline>

**REFERÊNCIAS**

- AIRES, Luísa; AZEVEDO, José. Contributos teórico-metodológicos para a análise de comunidades virtuais de aprendizagem. In: PASSARELLI, Brasilina; AZEVEDO, José. (Org.). **Atores em rede: Olhares luso-brasileiros**. São Paulo: Editora SENAC, 2010. p. 29-61.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, v. 3, n. 8, janeiro/junho. 2011, p. 09-30.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, Ano 13, n. 20, dezembro 2008, p. 34-40.
- BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos. Seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6 ed. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTE, Sóstenes. **Deputado Sóstenes vota SIM ao impeachment da Presidente Dilma**. 18 de abril de 2016, (Vídeo). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mNBxVOTsnOE>>. Acesso em 29 de novembro de 2016.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a História do presente. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 07-37.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, Juventude e Alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.
- FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da História do Tempo Presente. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 125, outubro de 2011 (mensal). p. 110-121.
- GOMES, Geovane Ferreira ; PASSOS, Letícia Resende. ; GUTIERREZ, R.F. . Tecnologia, identidade e participação política: uma análise da influência da Internet nos recentes movimentos sociais. In: **IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade**, 2011, Curitiba. **IV Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade: Ciência e tecnologia construindo a igualdade na diversidade**, 2011. v. IV. p. 01-10.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. Tradução: Marcos Santarrita; revisão técnica: Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sobre História**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia. Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 93-102.

\_\_\_\_\_. **História e memória**. 5ª Edição. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Pesquisa de representação social. Um enfoque qualiquantitativo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 39-69, jan./jun. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

PISANI, Francis; PIOTET, Dominique. **Como a web transforma o mundo. A alquimia das multidões**. Trad. Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. **O ensino de história na revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

\_\_\_\_\_. O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais “eu amo história” e “eu odeio história” e uma questão antiga: para quê serve a história? **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 665-689, jul./dez. 2012.

RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 51-60.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente?. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 39-50.

RÜSEN, Jörn. **História viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas. In: SCHMIDT, Maria A.; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SECCO, Lincoln. **História do PT 1978-2010**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 73-92.

## SITES

<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/pagina-revoltados-on-line-e-retirada-dar-pelo-facebook/>

<http://www2.camara.leg.br/>

<https://www.facebook.com/jovensdedireita>

<https://www.facebook.com/JovenseEsquerda>

<https://www.facebook.com/mblivre>

<https://www.facebook.com/Meu-Professor-de-Hist%C3%B3ria-361291767338033/?fref=ts>

<https://www.facebook.com/IconoclastiaIncendiaria>

<http://www.internetworldstats.com>

<http://www.significados.com.br>

<https://www.youtube.com/channel/UCVo8EvHIDfSaBQT3gSFUyxQ>